LB 103
Interpretação bíblica

Manual do Professor
Instituto Teológico Nazareno

--Nota aos professores da aula—

O manual do professor foi preparado e escrito pelo Dr. LOVETT Russell, B. A., M. A., M. Div., PhD em colaboração com o Superintendente Distrital Rev. CHISHIBANJI Célestin, autor do material para esta aula.

NOTA: Este livro fornece dois modelos de boletim de notas — um de 100 pontos e outro de 20 pontos, de acordo com o uso normal do centro de estudos onde esta aula será ministrado.

Por favor, notifique o editor sobre quaisquer erros encontrados,
para que sejam corrigidas em edições futuras.

Endereço de e-mail do editor: anterodfontes@gmail.com

Data de tradução: Janeiro de 2022; ©2022 por equipa de tradução ITN

Edição 2022 do original em francês de 2006

Instituto Teológico Nazareno
Igreja do Nazareno
Africa Francófono

LB 103 Interpretação Bíblica
PROGRAMA DO CURSO

Autores
Rev. FRAZIER Russell, B.A., M.A.
Dr. LOVETT Russell, B.A., M.A., PhD.

Descrição

Este curso apresentará o cânon da Escritura Cristã como inspirado e autoritário. Ele apresentará métodos que permitirão que a Bíblia fale da vida e experiência da igreja.

Razão fundamental

Narrativa

O trabalho do ministro na Igreja do Nazareno na África inclui a necessidade de apresentar a Bíblia como a Palavra de Deus aos membros da igreja, novos convertidos e todos os que buscam uma nova vida em Jesus Cristo. Dada a diversidade entre a doutrina básica dos diferentes ramos do cristianismo, e muitas ideias sobre certas passagens bíblicas, algumas até estranhas, o ministro deve ter uma base sólida na prática da interpretação bíblica.
Cada leitor da Bíblia a interpreta, de uma forma ou de outra. Em todo o mundo, interpretações errôneas da Bíblia estão criando divisões entre os cristãos, bem como movimentos religiosos que até distraem os fiéis da verdadeira teologia cristã e, às vezes, de sua fé em Cristo. A solução para interpretações errôneas da bíblia são apenas interpretações corretas.
Este curso, portanto, se propõe a ajudar o aluno a praticar uma boa interpretação bíblica, da melhor forma possível, tendo em vista os limites de recursos adicionais à sua disposição.

Objetivos do programa

As seguintes metas curriculares atribuídas a este módulo identificam as competências que se espera que o aluno alcance por meio deste módulo.

CON 3-Os princípios de Interpretação da Bíblia.
CON 8-A posição e ensinamento da Igreja do Nazareno sobre fenômenos religiosos.
CON 10-Um conhecimento básico da teoria e arte da comunicação, especialmente no que se refere à pregação e ao ensino.

COM 2-A capacidade de pregar sermões bíblicos que podem ser aplicados à vida.

COM 4-A capacidade de ensinar a palavra de Deus e formar discípulos que poderão por sua vez formar outros.
COM 10-A capacidade de interpretar e aplicar a Bíblia de acordo com os melhores princípios de interpretação bíblica.

CAR 4-Permitir que o caráter de Cristo molde o comportamento da vida diária.
CAR 9-Engajar na educação contínua

CXT 3-Compreender os princípios do ministério transcultural
CXT 4-Entenda as diferenças entre a visão de mundo no Ocidente, na África e na Bíblia

Objetivos específicos deste módulo

Para alcançar as habilidades mencionadas acima, este módulo organiza suas atividades e requisitos em torno dos seguintes objetivos específicos:

Ao final deste curso, o aluno terá . . .

1. Uma mente pronta para receber a Bíblia como a Palavra de Deus (CAR 4).
2. Conhecimento de questionamentos a fazer em determinados textos da Bíblia, de acordo com o gênero do texto (CON 3 & 10; COM 10).
3. Conhecimento geral do conteúdo de vários livros da Bíblia (COM 10; CAR 9).
4. Um conhecimento da perceção do mundo dos autores bíblicos (CXT 4).
5. A capacidade de acompanhar a organização do material em certos livros da Bíblia (CON 10; COM 10).
6. A capacidade de analisar um argumento sistemático em certos livros da Bíblia, incluindo as perguntas respondidas pela passagem bíblica (COM 10).
7. A capacidade de aplicar uma passagem bíblica ao seu contexto ministerial (COM 4; CXT 3)
8. A humildade de saber que sua obra é limitada, e que sua interpretação apenas se aproxima do significado que o autor original pretendia com o texto (CAR 4 e 9).
9. A capacidade de converter um trabalho interpretativo em uma lição bíblica ou sermão (CON 10; COM 2).
10. A capacidade de tratar de certas passagens bíblicas que parecem formar a base dos fenômenos religiosos (CON 1 e 8; COM 2 e 4).

As lições e exercícios deste curso apresentam as seguintes percentagens dos quatro "C's":

Conteúdo	32%
Competência	42%
Caráter	15%
Contexto	11%.

Livros do Curso:

1. A Bíblia, de uma tradução reconhecida
2. Frazier e Lovett. "LB103 Interpretação Bíblica: Manual de Exegese". Abidjan: Instituto Bíblico Nazareno, 2005.
3. Frazier e Lovett. "LB103 Interpretação Bíblica: Caderno de Exercícios". Abidjan: Instituto Bíblico Nazareno, 2005.
4. FEE Gordon & Douglas STUART. *Um novo olhar sobre a Bíblia*. Deerfield, FL: Vida, 1990.
5. *O mundo da Bíblia*. 2° Edição. Bâle, Suíça: Edições Brunnen Verlag, 1996.
6. Deasley, Alex e George Lyons. *Dicionário Bíblico*. Dakar: Publicações Francesas COTN.

Responsabilidades do aluno:

1. Assistência assídua nas aulas com trabalhos de casa preparados com antecedência. (Ver o " *Manual de Exegese* " e o " *Manual de exercícios (de estudante)"* para instruções específicas.) O aluno que faltar a duas sessões de 4 horas terá uma redução de 25% na nota final. O aluno que faltar por dois dias inteiros (4 sessões de 4 horas) perderá completamente o curso.
2. O aluno deverá completar os 13 exercícios do "*Manual de Exegese*" (objetivos 1, 2, 5, 6, 7 e 9) -40% da nota final.
3. Completar os exercícios do "Caderno de Exercícios" (objetivos 1, 3, 4 e 8)—15% da nota final.
4. Sermão sobre um texto escolhido pelo docente (objetivos 6, 7 e 9) —20% da nota final.
5. Esboço de uma série de estudos bíblicos sobre um determinado livro (objetivos 4, 5, 7 e 8) – 10% da nota final.
6. Um estudo de passagens bíblicas que tratam dos eventos de "falar em línguas" no Novo Testamento (objetivos 2, 7 e 10) —5% da nota final.
7. Passar no exame final—10% da nota final.

É responsabilidade do aluno completar a Tarefa nº 2 antes do início do curso. Recomenda-se que o aluno se familiarize também com o texto de *FEE e STUART* antes do início do curso. Uma apresentação de como converter um trabalho interpretativo em aplicação (sermão e/ou estudos bíblicos) faz parte da Lição 3 (veja abaixo). Trabalhar em textos que tratam do assunto "falar em línguas" faz parte da Lição 7 (veja abaixo).

Horário do curso

Este curso foi desenvolvido para ser intensivo, durante um período de uma semana, desde que os alunos concluam a Tarefa N°. 2 (veja a lista de responsabilidades do aluno acima) antes da primeira sessão do curso. As três primeiras lições cobrem esta tarefa e o material encontrado no "Manual de Exegese".» As outras 6 aulas ajudam o aluno a aplicar o método apresentado nas três primeiras aulas de acordo com os

gêneros particulares da Bíblia seguindo as recomendações do texto de *FEE e STUART*. O material do texto, *O mundo da Bíblia*, será apresentado pelo instrutor ao longo do curso.
Este curso também pode ocorrer em outras formas semi-intensivas ou tradicionais. No entanto, é necessário que o aluno complete este curso antes de seguir o curso TP 201, Homilética.

As aulas do curso são as seguintes:

Lição 1: O Método Indutivo 1; e uma breve introdução à Bíblia,
Lição 2: O Método Indutivo 2; e "entender a Bíblia"
Lição 3: O Método Indutivo 3; e crítica textual
Lição 4: Histórias do Antigo Testamento, mais a religião de Israel e os povos do Antigo Testamento
Lição 5: Os Evangelhos (e Atos), mais a religião judaica no tempo de Jesus
Lição 6: Parábolas, além da vida quotidiana do primeiro século da nossa era
Lição 7: As Epístolas, mais o culto cristão (incluindo o chamado "falar em línguas") e os povos do Novo Testamento
Lição 8: Profetas e profecias, além de mandamentos e feriados judaicos
Lição 9: Apocalíptico, mais linguagem figurada
Exame final

LB 103 Interpretação Bíblica
Caderno do Professor

LIÇÃO 1

O MÉTODO INDUTIVO PARTE 1
UMA BREVE INTRODUÇÃO À BÍBLIA

3h30mn, incluindo o culto de abertura

Páginas de instruções do professor

I. **Culto de adoração**: de 30 a 45 minutos.

Como esta é a primeira sessão de um novo curso, é uma boa ideia começar com um **culto de adoração**, incluindo uma mensagem de um aluno. Normalmente, o diretor local da IBN organiza esse programa. Certifique-se de que algo será preparado com antecedência. Caso contrário, você deve vir para a aula com uma meditação já preparada, de preferência vinculada à aula. (*Tente tomar notas da apresentação da mensagem, para que você possa discuti-la mais tarde na aula, observando como o pregador interpretou a passagem bíblica. Seja gentil e prepare elogios e sugestões para melhorar a leitura do texto.)*

II. **Introdução à Bíblia**: de 60 a 90 minutos.

Leitura de meia hora, com perguntas no caderno do aluno. (Veja "Mini-Palestra sobre Introdução à Bíblia" incluída nesta lição no livro de exercícios.) A mini-leitura foi elaborada a partir dos textos "O Mundo da Bíblia" páginas 86 a 107 e "Um Novo Olhar para a Bíblia" capítulo 1.

Observe o espaço fornecido no Caderno de Exercícios para que os alunos escrevam perguntas inspiradas na leitura. Cite também as perguntas do Caderno de Exercícios enquanto lê. Esse sistema de repetição de material reforça a aquisição do mesmo, deixando aos alunos a possibilidade de produzir as respostas por conta própria.

Deixe os alunos fazerem suas perguntas depois de terminarem a apresentação. Em seguida, divida a classe em grupos para revisar suas respostas, que acompanham a leitura e fazer o exercício de Marcos 11.13-14.

Intervalo da manhã 15 minutos (seja disciplinado para manter o horário)

III. **Revisão das atribuições do Manual de Exegese**: 2 horas

Apresentação do Método
Passo #1 Oração
Passo #2 Observe, até as relações estruturais (Atribuições 1-4)
A apresentação e algumas sugestões de respostas aos trabalhos de casa estão incluídas no material desta lição.

Instituto Teológico Nazareno
LB 103 Interpretação Bíblica
Lição 1: Introdução

Mini-leitura
Introdução à Bíblia

(Antes de iniciar esta leitura, peça a todos os alunos para abrirem os seus cadernos de exercícios e prepararem-se para responder às perguntas neles adotadas. Os lugares onde se encontra a resposta às perguntas são anotados no texto da leitura. É necessário dizer-lhes também para anotar o lugar reservado a eles para escrever as perguntas que a leitura lhes inspira.)

A Bíblia, o que é? Graças ao trabalho de missionários em todo o mundo, e graças às Sociedades Bíblicas que visam traduzir a Bíblia para as línguas nativas de todos os povos do mundo, a Bíblia é agora propriedade de toda a humanidade, sejam eles crentes ou não. Como resultado desse fato, não apenas os crentes, mas também os não crentes leem a Bíblia. E todo aquele que lê a Bíblia a interpreta como lê, ou seja, tenta entendê-la de acordo com suas experiências de vida e sua formação religiosa ou filosófica. Esta prática produz interpretações muito diferentes de pessoa para pessoa. Algumas dessas interpretações aproximam-se um pouco do significado do texto, outras estão muito distantes do que os autores da Bíblia queriam dizer na época.

Mas o que é a Bíblia? Na Igreja do Nazareno acreditamos que a Bíblia é a palavra de Deus dirigida primeiramente ao seu povo: o Antigo Testamento foi escrito para o povo de Israel antes do tempo de Jesus. Portanto, não era primariamente um livro cristão, porque Jesus ainda não tinha vindo. Mas hoje, os cristãos interpretam o Antigo Testamento com a vida de Jesus Cristo em mente, porque cremos que é o cumprimento do Antigo Testamento. O Novo Testamento foi escrito precisamente para os primeiros crentes por discípulos de Jesus ou por seus amigos que os acompanharam em missão. É um livro que pertence, antes de tudo, à Igreja e aos crentes.

Um livro de Deus, mas também feito por homens

A. O *Manual* da nossa igreja diz isso sobre a Bíblia:

"Cremos na inspiração plena das Sagradas Escrituras, ou seja, pelos quais entendemos que os 66 livros do Antigo e do Novo Testamento, dados por inspiração divina, revelando sem erros a vontade de Deus a nosso respeito em tudo o que é necessário para a nossa salvação pelo que, o que não se encontra nelas não pode ser imposto como artigo de fé.» (*Manual-artigo Nº 5*, pág. 19)

Já estudamos esta regra de fé em outros cursos, e o faremos novamente em alguns cursos subsequentes, mas precisamos examinar algumas palavras aqui.

[*Questão 1*]

"*plena*". Os autores deste artigo do *Manual* tinham em mente duas coisas com esta palavra: primeiro, que toda a Bíblia é inspirada e não um número de passagens selecionadas; segundo, que a inspiração se encontra em todo o texto e não apenas nas palavras, ou seja, que o sentido se encontra nas frases, nos parágrafos e até na estrutura.

"*inspiração*" Esta palavra significa que o significado dos textos da Bíblia chegou aos autores humanos pelo sopro de Deus. É ele, de uma forma ou de outra, a fonte de todos os textos da Bíblia, e é somente com sua ajuda que podemos lê-la para entender o que ele quis dizer no passado e o que ele quer dizer hoje.

"*sem erros*" Aqui temos uma expressão composta por duas palavras. A expressão, porém, é simples. Significa simplesmente "sem culpa". O problema com esta expressão é o seu uso. Diferentes igrejas dizem coisas diferentes com esta expressão. Alguns dizem que a Bíblia não tem falhas em todas as coisas. Esta posição causa grandes problemas de tempos em tempos. Dizemos claramente que a Bíblia revela a vontade de Deus com relação à nossa salvação, e que ela o faz sem falhas.

B. Agora analisaremos alguns versículos para ver o que a Bíblia diz sobre ela:

2 Timóteo 3:16-17. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para convencer, para endireitar, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja apto e preparado para toda boa obra. (versão "La Colombe")
Vamos tentar aprender este versículo de cor.

2 Pedro 1:21. Não foi pela vontade do homem que a profecia foi trazida, mas foi movido pelo Espírito Santo que os homens falaram da parte de Deus.

Esses versículos enfatizam que a Bíblia é um livro divino. [*questão 2*]

Mas, é preciso admitir que a Bíblia como livro de textos é também fruto do trabalho de vários escritores e editores, seres humanos. Cada um deles, em sua época, tinha intenções específicas quando se dispôs a escrever. Suas ideias e intenções foram inspiradas por Deus, mas as formas de escrever, e os tipos de texto escolhidos foram decisões tomadas pelos próprios autores, de acordo com as necessidades de seu público na época.

O Antigo Testamento, uma biblioteca de vários gêneros.

[*questão* 3] Quando lançamos um olhar sobre o Antigo Testamento, descobrimos que os textos são escritos em poesia, em narrações, em sermões (conhecidos antes pela palavra "profecia") ou em leis.

Usamos poesia para canções, isto é, os salmos, é claro. Mas outros autores escolheram a poesia para outros textos: para provérbios, por exemplo, e muitas vezes para pregação ou profecia. Outros autores usam a narração para contar relatos históricos verdadeiros, ou para cenas dramáticas, e para outros ensinamentos na forma de uma história, como a parábola ou algo semelhante. Estes não representam relatos históricos verdadeiros. Por fim, as leis são apresentadas como instruções de Deus ditadas diretamente aos autores da Bíblia.

A maior parte do Antigo Testamento é chamada de profecia. [*questão 4*] A palavra profecia significa simplesmente "falar por Deus". Profecia é apenas pregação. Na maioria dos casos, os profetas aplicaram o significado da lei aos seus dias, muitas vezes muito mais tarde na história, quando Deus deu a lei a Moisés.

A palavra profecia não significa "prever o futuro distante". Raramente os profetas falavam assim. Na maioria dos casos, os profetas falaram ao povo de seu tempo com uma mensagem de Deus para seu tempo. É o mesmo trabalho que você faz como pregador – você dá mensagens de Deus, tentando aplicar a palavra de Deus aos nossos tempos e circunstâncias.

No final da semana, veremos mais sobre o que esses diferentes tipos de texto fazem.

A outra questão em relação ao Antigo Testamento é a das datas dos vários textos. Quando é que os autores tentaram escrevê-lo? Desde a época de Moisés, que escreveu leis, e talvez alguns relatos históricos, até o autor do livro de Daniel, o período de tempo foi de mais de 12 séculos. Muitas mudanças estavam acontecendo na vida de Israel: política, economia, linguagem, visão de mundo, etc. Portanto, quando lidamos com um texto do Antigo Testamento, devemos começar com uma compreensão básica do período em que esse texto foi escrito.

O Novo Testamento, outra biblioteca de vários gêneros.

O Novo Testamento também se apresenta como uma coleção de textos de diferentes tipos: poesia, narrativa e pregação. No Novo Testamento há muita pouca poesia. Isso pode ser visto em algumas das cartas em que o autor cita algumas frases de um cântico que a Igreja usava durante o culto, e na introdução do Evangelho segundo Lucas. Os autores que utilizaram as narrativas fizeram o mesmo que as do Antigo Testamento: relatos históricos verdadeiros (a vida de Jesus e os primeiros anos da igreja) e contos que serviram apenas como instrução (aqui, as parábolas de Jesus e outros). A pregação é apresentada antes na forma de cartas. A carta foi uma forma muito importante de comunicação no 1er século depois de Jesus Cristo.

[*questão 5*] Há duas diferenças neste ponto entre os dois testamentos: 1) a pregação do Novo Testamento é sobre a aplicação do evangelho na vida cotidiana dos crentes e nas igrejas. A pregação do Antigo Testamento tratava da aplicação de quê? (*Aguarde uma resposta de suas notas.*) Sim, da lei. 2) Ao contrário do Antigo Testamento, a passagem de tempo entre o primeiro texto do Novo Testamento, 1 Tessalonicenses, e o último, Apocalipse, foi de apenas 45 anos. Tenha cuidado, porém, porque o tempo

que fluiu entre Esdras e Malaquias, o fim do Antigo Testamento e Jesus foi de mais de 400 anos - 4 séculos. O mundo mudou muito nesse período de tempo.

Nosso trabalho como intérpretes da Bíblia.

É verdade que todo aquele que lê a Bíblia a interpreta. Todo mundo faz a mesma pergunta: "O que isso significa?" A busca por uma resposta a esta pergunta é, de fato, interpretação. Nossa tarefa como ministros da Palavra de Deus é interpretá-la com sabedoria e humildade.

Há dois lados na tarefa do intérprete. [*questão 6*] A primeira é o que se chama de exegese – o trabalho, através de nossos estudos, para tentar ler o texto como se fôssemos pessoas da época do texto, e compreendê-lo como eles o entenderam. Em outras palavras, exegese significa encontrar o significado que o autor pretendia no texto. Este trabalho inclui um estudo de história e um estudo de literatura. Você acabou de fazer exercícios de exegese no Manual de Exegese em preparação para este curso. Hoje e amanhã revisaremos este Manual e verificaremos juntos o trabalho que você realizou. Esses exercícios nos ajudarão a entender o que é exegese e como fazê-la.

A segunda tarefa que temos de fazer é chamada de hermenêutica. Quer dizer traduzir o significado do texto que acabamos de descobrir para o nosso tempo e para a situação do nosso cargo de ministério. É como se tivéssemos que atravessar uma longa ponte que passa sobre o fosso, o abismo entre o tempo do passado e o nosso tempo. E carregamos atrás de nós a riqueza de seu tempo. Não se pode começar com este passo, indo direto ao significado do texto para hoje, porque o significado original ainda é a única verificação válida que determina o valor de qualquer interpretação. Alguns comentários na história da Igreja, e muitos grupos independentes ao nosso redor, são caracterizados por interpretações errôneas da Bíblia, porque não cruzam essa ponte para encontrar as verdadeiras riquezas e transportar do passado para o nosso tempo. Por outro lado, eles nos dizem qualquer coisa; eles nos presenteiam com sacos de palha ao invés do tesouro que existe ali. Essa tarefa requer um pouco de imaginação e a arte de traduzir de um idioma para outro, que a maioria de vocês possui.

Vamos dar um exemplo. Vejamos Marcos 11:13-14. *(Reserve um tempo para que os alunos encontrem este texto. Peça a alguém para ler este texto.)* No versículo 14, Jesus diz: "Ninguém coma do teu fruto! E então Marcos aponta que esses discípulos ouviram. Então, se um membro da nossa igreja disser que de acordo com este versículo, os cristãos não devem comer figos, o que devemos pensar? *(Aguarde as respostas.)*

Em breve estaremos nos reunindo em grupos para avaliar suas respostas às perguntas do livro de exercícios. Então, vou pedir que vocês descubram o significado desses versículos no contexto da vida de Jesus e no contexto do Evangelho segundo Marcos.

Após esta apresentação, peça aos alunos que se formem em grupos para fazer a tarefa listada no Livro de Exercícios. Você precisa da ajuda do diretor do centro de estudos para descobrir quais alunos estão no mesmo nível de ensino. Eles trabalharão juntos até o intervalo da manhã que você anunciará na hora certa.

Instituto Teológico Nazareno
LB 103 Interpretação Bíblica
Lição 1: Introdução

Apresentação
O Método Indutivo de Estudo da Bíblia, Parte 1

Nos próximos minutos estaremos trabalhando em conjunto com o Manual de Exegese. Cada um de vocês pegue sua cópia e vamos esclarecer algumas coisas lá, e se surgir alguma dúvida responderemos o máximo que pudermos. Começaremos na página 4 olhando juntos o prefácio.

Prefácio: Dois pontos principais orientaram a elaboração deste manual.
Primeiro, a Igreja do Nazareno defende o que acreditamos ser uma maneira sábia de ler e interpretar a Bíblia. Esta maneira distingue todos os agrupamentos de igrejas que fazem parte da herança Wesleyana. Parte dessa maneira de ler a Bíblia foi apresentada anteriormente na forma de nosso artigo sobre as Escrituras Sagradas. Outra parte vem do que é chamado de Quadrilátero Wesleyano [*anotar no quadro preto ou branco o desenho e os quatro lados: Bíblia, tradição, experiência, razão.*]. Acreditamos que a razão humana, iluminada pelo Espírito Santo, pode servir como fonte da verdade. É, portanto, necessário melhorar nossa capacidade de usar a razão que o Senhor nos deu, e acrescentar o máximo de informações possível para que nossa razão funcione bem. Acreditamos em começar com uma boa leitura da Bíblia para desenvolver uma teologia boa e verdadeiramente bíblica. É desonesto, por outro lado, começar com uma doutrina teológica e forçar nossa leitura da Bíblia a defender esta doutrina a todo custo.

O segundo ponto toca na ideia de recursos bíblicos para nos ajudar a fazer um bom trabalho de interpretação bíblica. Nosso problema atual é que ainda levará muito tempo até que todos os nossos pastores tenham uma biblioteca pessoal adequada para uma pesquisa completa. Enquanto isso, o IBN queria mostrar a você uma maneira de ler, estudar e entender a Bíblia com as ferramentas que você tem à sua disposição: bom senso, a arte de fazer boas perguntas, uma imaginação informada e tudo iluminado pelo Espírito Santo o qual inspirou o texto. Outra coisa importante sobre este título de recurso: nenhum comentário está correto o tempo todo. Temos o direito e a responsabilidade de avaliar o trabalho do autor de um comentário com o que descobrimos por meio de nossa pesquisa pessoal. Às vezes os comentários nos ajudam com boas informações sobre a vida na época. Mas outras vezes o comentário pula esse aspeto do estudo para ir direto ao sentido de um texto, cometendo um erro. Você ainda tem que aprender a usar um comentário, e faremos isso em outros cursos.

Antes de prosseguir, gostaria de perguntar se há alguma dúvida com base no prefácio.

Toma o tempo para deixar as perguntas serem feitas e respondidas o máximo possível.

Número romano I. O Método, páginas 6-8.

O objetivo dessas páginas é inicialmente responder à pergunta: "Por que um método de estudo da Bíblia?» *O que você vê como respostas para essa pergunta?* [*Escreva as respostas no quadro.*]

A. Vamos agora destacar algumas das 18 características do método.

Nº 3: o quadrado pequeno acrescenta um elemento às duas coisas que acabamos de dizer sobre o assunto deste curso, ou seja, a aplicação deve ser adicionada à interpretação. Esta aplicação se aproxima do nosso trabalho, que é chamado de homilética.

Nº 5: a diferença entre indução e dedução. A indução é menos exata, mas é mais frequentemente necessária. Observe especialmente a caixa marcada "aplicação à leitura da Bíblia".»

Nº 7: as exigências do gênero literário. "Gênero" significa tipo de texto. A partir de amanhã à tarde, estudaremos esse aspeto do nosso trabalho até o final da semana. Então explicaremos melhor esse fenômeno.

#11: O estudo ainda está em desenvolvimento. Eu não posso enfatizar este fato o suficiente. Profissionais da área continuam a liderar debates sobre diversos textos graças às novas descobertas da vida nos tempos da Bíblia.

N° 16: Siga a direção das setas para entender melhor o significado das caixas.

B. Agora vamos escrever os 5 passos deste método na página 9. Vamos cobrir os dois primeiros passos hoje.

Passo Nº 1 do método – Oração.

Faça a pergunta: Qual é o uso da oração na leitura da Bíblia?

Dizer: Observe as três coisas pelas quais orar:

1. Compreensão do texto e da situação abordada pelo texto, se houver. *Por que esse pedido?*

A. Compreender a situação é absolutamente necessário para entender o texto.
B. Algumas situações são muito amplas, outras são muito específicas.

Ilustrações: 1) Instruções às mulheres nas epístolas do NT. Não é a simples situação de que a mulher é de alguma forma inferior ao homem que recebe instruções. De forma alguma. Existem alguns pontos muito precisos que não existem mais em nosso tempo, pelo menos não em todos os lugares. Por exemplo: as igrejas de 1er século se

reuniam em casas individuais de famílias bem colocadas. O lar era o único domínio onde a mulher tinha o direito de expressar sua liberdade e sua autoridade. Além disso, como havia uma refeição ligada ao culto, a dona da casa e suas amigas às vezes cuidavam tanto da refeição quanto do culto. Isso acrescentou confusão à adoração. Além disso, a cultura da época impunha diversas restrições às mulheres em relação à vida pública, tal engajamento era reservado aos homens. O evangelho, por outro lado, era uma mensagem de liberdade para as mulheres. No entanto, o privilégio de continuar a compartilhar o evangelho de uma maneira que atraísse o público em geral exigia que as mulheres ainda defendessem os ideais da cultura da época. Uma expressão muito ampla de liberdade em Cristo corria o risco de tornar ineficaz o testemunho da igreja.

2) Os salmos; os salmos representam as canções que foram cantadas no culto ou durante a preparação para o culto. Em *Louis Segond*, há aqueles que são chamados de "cânticos de graus". Essas canções são aquelas que os peregrinos cantavam em grupos durante a viagem de suas casas ao templo. Outros salmos foram usados para eventos relacionados à vida do rei de Israel – seu aniversário, sua coroação, etc. Para tratar muitos salmos, é necessário conhecer a situação ali abordada.

3) Os profetas. Todas as mensagens dos profetas tratam de circunstâncias muito específicas na vida do povo de Israel. Antes de anunciar o que uma profecia significa hoje, deve-se conhecer a situação abordada em primeiro lugar.

Então, por que orar por uma compreensão da situação:

a. Compreender a situação é absolutamente necessário para entender o texto.
b. Algumas situações são muito amplas, outras são muito específicas.
c. Anteriormente dissemos que a interpretação bíblica é como uma ponte para atravessar. Para cruzar a ponte entre o passado e o hoje, é preciso tal situação. Não podemos hoje dar as mesmas restrições às mulheres na igreja, porque a situação cultural não é a mesma. No entanto, devemos encontrar maneiras de tornar nosso testemunho o mais eficaz possível. Hoje pode ser necessário impor restrições tanto aos homens quanto às mulheres.

2. Orar por uma boa vontade de estudar a fundo. *Porquê?*

O trabalho de estudo bíblico é árduo, como vimos enquanto nos preparávamos para esta aula. Este trabalho, no entanto, é absolutamente necessário.

a. Podemos cometer erros de julgamento, entendimento ou aplicação.
b. Podemos pregar mensagens que apresentam a verdade do evangelho, mas não seguem o texto que escolhemos. Forçamos a Bíblia a dizer coisas que ela não deveria dizer. Os membros da igreja ouvirão a verdade, mas não entenderão como ler a Bíblia em casa para seu benefício. Por vezes podem entender erroneamente algumas passagens.

2 2. Compare nossos estudos com nossos estudos.

a. Em primeiro lugar, nossos estudos sobre a mesma passagem feitos no passado.
b. Em Segundo lugar, nossos estudos de outras passagens que parecem ter paralelos.

3. Ore por humildade para aceitar o que o Espírito Santo nos dá.

ATENÇÃO! ATENÇÃO! ATENÇÃO!
Nem todos os nossos pensamentos vêm necessariamente do Espírito Santo! Acreditamos no mundo espiritual. Satanás se deleita em afastar os seguidores de Jesus da verdade do evangelho e usa todas as ferramentas à sua disposição: às vezes uma sugestão que parece certa, mas não é; às vezes as palavras de pregadores que têm interesses por trás de suas mensagens, aqueles que distorcem a verdade para seu próprio bem; às vezes confiamos no que ouvimos no passado sem ouvir bem o que o Espírito Santo quis dizer através de um bom estudo (somos apenas preguiçosos).

Devemos praticar a arte de ouvir a voz do Espírito Santo. Ele não dirá nada contra o ensino de Jesus, ele não dirá nada contra Jesus, ele nunca nos ensinará a odiar um irmão ou uma irmã ou qualquer outra pessoa.

Existem pessoas que estudam a Bíblia como mera profissão, como outras pessoas que estudam medicina ou engenharia. Não é isso que fazemos. Assumimos a responsabilidade de ousar dizer aos discípulos de Jesus que temos uma palavra de Deus para eles. Devemos, portanto, ter certeza de que a palavra que apresentamos realmente vem de Deus.

Pergunte se há alguma dúvida sobre esta etapa ou sobre qualquer uma das explicações que você acabou de fazer.

Etapa 2 do método - Observar

(Para o resto da manhã, queremos fazer a lição de casa números 2, 3 e 4.)

Avise a turma:
Se você concluiu com êxito as tarefas deste curso, descobriu que esta etapa do método é, de longe, a mais longa e a mais detalhada. E espero, além disso, que você tenha feito repetidamente a segunda oração, pela disposição de estudar a fundo.
Dez (10) das quatorze tarefas do Manual de Exegese afetam esta etapa. Todo o resto do dia usaremos para estudar esta etapa, corrigir os exercícios de casa e aperfeiçoar nossa capacidade de ler a Bíblia.

De acordo com os exercícios desta etapa, devíamos observar o Evangelho segundo Mateus em três níveis:

A. a visão panorâmica de todo o livro
B. divisões de livros
C. passagens particulares dentro de uma divisão

Esta manhã, trataremos dos dois primeiros níveis e reservaremos a tarde para o terceiro.
Imagine que sua igreja tenha apenas uma cópia deste evangelho como o único texto do Novo Testamento. Este foi o caso de várias igrejas no último terço do primeiro século. Você pode pregar um novo sermão todo domingo a partir deste livro? *(Deixe os alunos responderem a essa pergunta e pergunte como eles podem fazer isso?)*

Durante o resto da manhã nos dividiremos novamente em grupos para trabalhar, seguindo as instruções do caderno de Exercícios.

Os alunos do nível de diploma devem ser autorizados a trabalhar sozinhos em grupos, seguindo as instruções. Deixe que cada grupo eleja um secretário (porta-voz) que apresentará os resultados de seu trabalho para a classe após o intervalo do almoço.

O professor irá concentrar seu tempo agora com alunos de nível de diploma para quem a leitura do Manual de Exegese e as tarefas apresentadas nele foram provavelmente muito difíceis.

Trabalhando com alunos no nível de certificado

Para dizer aos alunos:

Eu sei que este Manual foi difícil de ler e seguir. Tentamos de várias maneiras dividir este capítulo em pequenas partes para um melhor entendimento. No entanto, existem várias palavras difíceis com significados muito específicos e várias ideias novas para entender. Mas vamos tentar juntos ver o que está lá, e aprender a ler nossa Bíblia da maneira que este manual nos ensina.

Observar

Para viver bem o nosso dia a dia, devemos observar bem o que está acontecendo ao nosso redor. Quando você é um bebê, você observa tudo, mesmo antes de saber distinguir um evento de outro ou uma pessoa de outra. Exceto que, muito cedo na vida, o bebê reconhece pela observação do rosto, voz, maneirismos, etc. quem é sua mãe e quem é seu pai. O bebê percebe com a mesma rapidez em sua vida que, se ele chupar seu pai, nada acontecerá com ele. Imagino que a maioria dos bebês nem tenha essa experiência. À medida que a vida avança e o bebê cresce, ele aprende a reagir ao que é normal e ao que não é. Ele interpreta novos eventos da vida no contexto do que ele entende até agora. E, como esses pais lhe ensinam o medo de certas coisas, muitas vezes uma criança que enfrenta novidades reage com medo.

Interpretar a Bíblia é muito semelhante à experiência de uma pessoa que observa o que está acontecendo ao seu redor para viver melhor em seu ambiente. A Bíblia é o nosso ambiente, e lá encontramos diferentes tipos de literatura, assim como na vida temos diferentes experiências, e diferentes elementos. Antes de entender

bem, é preciso observar bem. E, a partir de nossas observações, podemos fazer perguntas. Este é o significado desta etapa.

É a partir desta ideia que iremos, portanto, olhar para esta etapa, a partir da página 11 do nosso Manual de Exegese. Começaremos com os cinco pontos pretos no meio da página. Esses pontos nos informam sobre o que observar: o que está lá, o que não está, tudo o que está lá; continuar vigiando repetidamente, e então fazê-las sem interesse próprio.

Vamos agora proceder à nossa leitura de Mateus. Você leu, conforme as instruções do Manual? [*Caso contrário, há muito pouco que se possa fazer. Diga-lhes que você não pode classificá-los para a aula até que eles façam o dever de casa.*] Na parte inferior da página 11, o manual nos diz que devemos fazer observações em três níveis: ao nível de todo o livro, das divisões principais e de parágrafos e episódios específicos. E aqui está o que vamos fazer.

Em relação ao livro como um todo, o que observamos? *(Boas respostas incluem: um relato do nascimento e infância de Jesus; seu batismo e o início de seu ministério com os discípulos; um ministério de discursos e milagres; seu envio de discípulos durante sua vida e depois de Sua ressurreição; predominância sobre a má reação dos judeus a Jesus em comparação com uma boa reação de um pequeno número de gentios; conflitos entre Jesus e os líderes do povo; seu julgamento e morte e sua ressurreição.)* Nesse nível, há coisas que não estão lá que você esperava ver? *(Aguarde as respostas.) Nenhum casamento em Caná; nenhuma subida; nenhum ensinamento sobre o Espírito Santo, etc.)*

A nível das divisões vejamos um pouco sobre a seção do relato do nascimento e da infância de Jesus (capítulos 1.18-2.23). O que temos ali? E o que não temos?
(Não há pastores ou anjos; não há visitação ao templo ou sacrifício para redimir Jesus.)
Ao nível dos parágrafos, vejamos o episódio do diálogo entre os Magos e Herodes (2.1-8). Então vamos fazer as mesmas perguntas. O que está lá, o que não está?

Aqui está o que é, observação.

O conteúdo em geral

Na parte inferior da página 12, encontramos o título "Conteúdo Geral" com uma explicação do que queremos dizer com esse título. Na primeira frase está a palavra "gênero". "Você sabe o significado dessa palavra? Significa simplesmente "tipo". Mas quando se trata de um texto, como um livro na Bíblia, essa palavra assume um significado especial que significa o tipo específico de literatura. E a lição continua com alguns exemplos. *Perguntar* Usando a lista nas páginas 12 e 13, que gênero é mais semelhante ao Evangelho segundo Mateus? *(Biografia)* O evangelho segue todas as características de uma biografia? O que está faltando ? O que mais existe numa biografia?

Divisões e Capítulos

A próxima coisa a fazer nesta etapa é determinar, tanto quanto possível, o plano que o autor estava usando para reunir todo o conteúdo do livro. Os elementos principais não são tão difíceis, mas é o interior do livro que é o mais difícil. Vamos ver o que podemos encontrar logo de cara. *(Tente fazer com que eles trabalhem na ideia de encontrar o plano para o livro. Eles já trabalharam, esperamos, e o que é preciso aqui é controlar o trabalho.*

As coisas mais simples são o relato do nascimento e infância de Jesus; o início de seu ministério; o Sermão da Montanha. . . o julgamento e crucificação de Jesus; a ressurreição e a ordem suprema. Pergunte se encontraram outras divisões.

A partir deste ponto, é necessário verificar se deram título a todos os capítulos. Você pode dizer a eles que os capítulos são inventados, que não fazem parte do plano original do autor.

Fim da lição

LB 103 Interpretação Bíblica
Caderno do Professor

LIÇÃO 2
O MÉTODO INDUTIVO PARTE 2°
ENTENDENDO A BÍBLIA

3 1/2 horas

Páginas de instrução ao professor

Esta lição é provavelmente a mais complicada de todo o curso, por causa dos títulos dos elementos a serem apresentados do livro de exegese. Para alunos com baixos níveis de escolaridade, esses títulos rapidamente os desencorajarão. Portanto, é necessário tentar apresentá-los por conteúdo ou design em vez de fazê-lo por título.

Esta lição abrange as páginas 11-25 do livro de exegese e a verificação do próprio aluno das tarefas 5-11 deste livro. Esta lição também deve apresentar o material encontrado nas páginas 108-112 do livro *O mundo da Bíblia*.

NB. Se o curso for intensivo de uma semana, esta aula acontecerá durante a tarde, quando o cérebro dos alunos trabalhará apenas com movimento corporal, diálogo ou outro incentivo à participação. Algumas sugestões estão, portanto, neste livro, mas você deve encontrar maneiras de manter os alunos alerta durante essas apresentações.

Desenrolar da lição

I. Relatórios do trabalho matinal dos porta-vozes dos grupos a nível de diploma

Sugestão: que todos os porta-vozes venham na frente e se revezem, uma pergunta por vez, deixando que os alunos do nível certificado façam perguntas, se houver.
Observe as questões que tratam da ideia de divisões no livro, a fim de vincular a apresentação a seguir a elas.

II. Apresentação sobre a "estrutura do livro" da página 14 do Manual de Exegese

a. Comece com o exercício de memorizar 2 Tim. 2:15
Esforça-te por apresentar-te diante de Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar e que maneja bem a palavra da verdade.

b. Faça a apresentação encontrada nesta lição e lidere as atividades que a acompanham.

c. Controle em grupos das respostas das tarefas 4 e 5
Pontue a folha de sugestões com respeito às divisões do livro e às relações.

[Pausa da tarde]
III. Compreendendo a Bíblia: biblioteca ligada a épocas específicas.

Esta parte da lição repete um pouco o que a primeira lição apresentou. Será mais detalhado, porém, a maioria dos alunos já conhece essa informação. Também é

importante destacar as poucas correções dadas na lição sobre o diagrama encontrado na página 108-9 em "O Mundo da Bíblia". As instruções de apresentação (ver abaixo) pressupõem a participação ativa dos alunos. A ordem normal deste curso é depois dos cursos introdutórios sobre os dois testamentos, pelo que esta apresentação permite uma revisão de uma parte do material destes cursos.

IV. Apresentação das "questões" do Manual de Exegese.

Encerramento: Anuncie a tarefa para a próxima lição,
Leia os capítulos 2 e 5 do texto "Um novo olhar para a Bíblia"
Anuncie também o culto matinal.

**Apresentação: Método Indutivo,
Observar e Perguntar, Parte 2**

Trabalho sobre o Versículo a Memorizar: *2 Timóteo 2.15*

Comece a apresentação ligando-a a este versículo

I. Divisões do livro

A palavra que é traduzida aqui como "dispensar a justiça" significa literalmente "cortar em linha reta". Quando escolhemos textos para pregar, recortamos o livro para tirar um pedaço dele. Então você tem que saber onde você pode cortar para manter o significado do livro e manter as peças intactas.

O Evangelho segundo Mateus é dividido em vários pedaços grandes e pequenos, que nosso Manual de Exegese chama de divisões, subdivisões e possivelmente parágrafos. Na maioria dos casos, nossa Bíblia indica mais ou menos os parágrafos deste livro, sem, contudo, indicar as principais divisões. Podemos selecionar uma peça inteira como o texto de um sermão, mas não está claro como o parágrafo se encaixa nas divisões maiores do livro. Para bem entender um parágrafo, observe a divisão ou subdivisão do livro de onde vem.

Vamos fazer um exercício: Abra sua Bíblia no Evangelho segundo Mateus capítulo 1 e seu trabalho de casa N° 4. Vou tomar algumas passagens como textos de um sermão, e vocês vão dizer de qual divisão eu as tirei. De qualquer forma, gostaria de ver o que você pensa das implicações no que diz respeito ao sermão.

Exemplos: Matt. 2.13-23 José e a fuga para o Egito
Matt. 6.24-34 Não se preocupe com o amanhã, etc.
Matt. 9. 1-8 Cura do paralítico levado por seus amigos
Matt. 13.24-30 Parábola do joio semeado entre boa semente

Os alunos discutirão as duas questões acima.

1. O parágrafo está em qual divisão do livro?

2. Porque esta passagem é encontrada nesta divisão, quais são as implicações ao nível do sermão? Os limites do significado do texto, tópicos a serem abordados no sermão, etc.

II. Relações estruturais entre divisões e subdivisões.

Esta seção do Manual é a mais difícil. Você concorda, tenho certeza. Para simplificar, sugiro que não seja necessário memorizar os termos, mas simplesmente reconhecer uma construção ao vê-la. Vamos fazer um exercício lendo alguma passagem de Mateus para mostrar como essas relações indicam a estrutura do livro e como elas

nos ajudam a entender o que Mateus está fazendo. Comecemos pela primeira relação principal, a da repetição.

A Repetição: Vamos voltar para Mateus capítulo 5, e olhar para os versículos 3-11. Cada versículo começa com que palavra? " *Bem-aventurado* " Esta expressão é repetida quantas vezes? " *nove* " . Bom, e aqui está uma subdivisão do livro. Continuemos: leia os vv. 21, 27, 33, 38 e 43. Qual é o sinal de que há uma relação entre esses parágrafos? " *Você aprendeu . . .».* E qual é a relação entre esses parágrafos? Quando você começar a procurar por essa relação, você a encontrará com frequência e em todos os lugares. Algumas outras repetições nesta primeira metade do Evangelho são, a palavra "a multidão" e a frase "Jesus subiu". . .»,

(Contraste-*não diga a palavra ainda*): Agora observe os vv. 22, 28, 34, 39 e 44. Outra repetição, não é? Mas, que outro sinal de estrutura você reconhece nesses versículos em comparação com os versículos anteriores? " *O contraste* " Esta é uma dupla indicação de uma estrutura bem formada.

Agora vamos estar em grupos novamente, e vou citar versículos, e vocês vão trabalhar juntos para adivinhar a relação estrutural que está sendo apontada em cada caso. Haverá um teste oral no final do exercício. Começaremos com as relações principais, mas ocasionalmente apresentarei uma relação auxiliar. *Essa lista está no caderno de exercícios e você pode consultá-la como parte das instruções.*

1. Mateus 7:24-27 (contraste)

2. Mateus 7.28-29. (comparação)

3. Mateus 8.23, 9.1 e 9.9 (repetir)

4. Mateus 9.14 (questionamento)

5. Mateus 10.5 (resumo)

6. Mateus 11:18-19 (contraste)

7. Mateus 16.20-21. (pivô)

8. Mateus 22.15 versus 22.15-46 (Propósito ou questionamento)

9. (Inclusão) Agora vamos ver algumas relações auxiliares. O manual cita quatro (4). Dê uma boa olhada nelas e eu lerei passagens delas. Sempre começamos em Mateus 5, v. 1 e depois 8.1.

10. Ainda uma relação auxiliar, um pouco difícil, mas você vai adivinha-la,

Mateus 16.1-12 (intercalação)

Outra intercalação é encontrada em Mateus 16.13-17.8

Escreva os números e as passagens no quadro, deixando o espaço em branco para a relação. Revezem-se chamando os grupos por número para responder aos exercícios.

(Agora vá para os exercícios 4 e 5 e use a lista de divisões e subdivisões sugeridas nesta lição. Observe que em todos os casos, a relação citada indica o que acontece no final de uma passagem e no início da próxima.)

Pausa da tarde

Divisões e subdivisões do Evangelho segundo Mateus (sugestão)

Passagem	**Relação**
Cp. 1-2 Nascimento e Infância de Jesus	Ponto culminante
Cp. 3-4.11 Batismo e Tentação	Contraste
Cp. 4.12-18.35 Ministério na Galileia	Fórmula, Pivô
4.12-5.2. Chamado aos discípulos	Resumo
5.3-7.28 *Sermão da Montanha*	Fórmula, Pivô
8.1-9.38 Sua popularidade na Galileia	Objetivo
10 *Instruções aos discípulos*	Pergunta
11.1-12.50 Começa a tensão	Comparação, Resumo
13.1-53. *Parábolas do Reino*	Fórmula, Ponto culminante
13.54-16.20 Tensão aumenta	Pivô principal
16.21-17.27 Messias redefinido	
18 *Ensinando sobre a Igreja*	Fórmula
Cp. 19-25 Para a Judeia e Jerusalém	
19.1-20.34 Perguntas e parábolas	Ponto culminante
21-23 Conflitos em Jerusalém	Contraste
24-25 *Discurso sobre Jerusalém*	Fórmula, Resumo
Cp. 26-27 A Paixão de Cristo	Contraste (Pivô)
Cp. 28 Ressurreição e ordem suprema	Objetivo

LB 103 Interpretação Bíblica
Caderno do Professor

Lição 2: Mini-leitura com participação

ENTENDENDO A BÍBLIA—uma Biblioteca relacionada à história

Começaremos esta seção da lição relacionando a compreensão dos alunos sobre sua própria história com o fato de que a Bíblia representa eras na história do povo de Deus.

I. A Bíblia como Textos Relacionados à História

A. Introdução. *Faça essas perguntas e anote as respostas (se necessário, peça a alguém para ajudá-lo no quadro)* : Quantos de vocês podem traçar a história de sua família há mais de um século, levante a mão? Dois séculos? Três séculos?

Eu sei que você provavelmente representa vários povos diferentes. Quantos de vocês conhecem a história do seu povo? Dê-nos o nome do povo e a extensão de sua história.

Em que ponto dessa história você se reconhece como nação, como país?

II. A Bíblia: um povo com história (apresentação com participação)

Você sabe que o Antigo Testamento contém a história do povo de Israel por um longo período de sua história, mas não é toda história. Você também sabe que o Novo Testamento contém o início da história do cristianismo, mas não muito. Vamos começar com o Novo Testamento. Qual é o tempo representado por este livro? De que data até que data aproximadamente? *(4 A.C a 100 A.D ca.)*
Que livros do NT nos contam sobre o que estava acontecendo durante esse tempo? E que períodos dessa história esses livros cobrem? *(Evangelhos de acordo com Mateus e Lucas de 4. A.C. a 30 A.D; Marcos e João, apenas o tempo da vida de Jesus; Atua de cerca de 30 a 64 A.D.)* Qual livro conta o que acontece entre 64 e 100 A.D? *(Nenhum)*. Aqui está um problema, e voltaremos a ele mais tarde.

A. Tempos do Antigo Testamento

O Antigo Testamento conta a história do povo de Israel. Quais são os diferentes períodos de sua história? *(Aguarde respostas)*

"*1. Abraão a José, o período patriarcal.*
2. Moisés a Samuel, o período tribal — ele se vê mais ou menos como uma nação.
3. De Samuel a Nabucodonosor, o período da monarquia - eles formam um e depois dois países (uma nação, mas dois países).
4. De Jeremias a Zacarias, o período do exílio.
5. De Zorobabel a Malaquias, a reconstrução a 400 AC]

Agora vamos olhar para o Índice de nossa Bíblia. (Para a Bíblia Thompson, procure a página, x.) Quantos de vocês têm uma tabela que divide os livros do Antigo Testamento em grupos? Que grupos são observados?
O Pentateuco
Livros de história
Livros poéticos
Livros dos profetas

Agora vamos ligar os períodos da história de Israel com os livros do Antigo Testamento. *Peça ao que está no quadro para criar na parte superior do quadro uma tabela com três colunas: Períodos, Livros, Profetas. E então deixe-o escrever a lista dos cinco períodos.*
No quadro veremos um pouco do Antigo Testamento em relação aos períodos da história de Israel. Para a maioria de vocês, isso não é novidade. Que cada grupo se reúna por um período de tempo suficiente para preencher os espaços em branco no quadro. Quando se trata de profetas, indique também profetas que não escreveram, ou seja, aqueles cujas mensagens estão em um livro histórico. *(Meia hora deve ser suficiente, mas nem todos terão boas respostas.)*

Segue a tabela de respostas:

Períodos da história	**Livros**	**Profetas da época**
O período patriarcal	**Gênesis**	***Ninguém***
O período tribal	**Êxodo, Número, Josué, Juízes, Rute**	***Moisés*, *Joshua*, *Samuel***
O período da monarquia	**1-2 Samuel, 1-2 Reis, 1-2 Crônicas**	***Samuel, Natã, Gad, Eli, Eliseu*, Jonas, Joel, Oseias, Amós, Miqueías, Isaías, Naum, Obadias, Sofonias, Jeremias, Habacuque**
O período do exílio	**Daniel, Ester**	**Jeremias, Ezequiel, *Isaías 2***

Da reconstrução a 400 AC	**Esdras, Neemias**	**Ageu, Zacarias, Malaquias, *Isaías 2,3***

Após um período em grupos, chame todos para uma sessão plenária. Peça à voluntários para completarem o quadro.

O que deve ser observado aqui? *Deixe que os alunos respondam a esta pergunta.*

1. Cada livro dos três grupos, Pentateuco (não o todo), história e profetas, está ligado a um período específico. Devemos, portanto, lembrar disso quando lemos passagens nesses textos.
2. Alguns cobrem mais de um período.
3. Que os livros poéticos não parecem tão ligados a períodos específicos da história.

B. <u>Outro sistema para organizar os textos da AT</u>

O que tenho a dizer agora é muito importante, pois afeta diretamente nosso trabalho de interpretação do Antigo Testamento. Então você tem que tomar notas e estar preparado para fazer perguntas, pois eu quero que essa informação seja clara para todos.
A divisão do Antigo Testamento em quatro categorias de livros como nossas Bíblias os apresentam, reflete uma visão cristã e, em particular, uma visão protestante da era da Reforma – muitos séculos depois da época em que os textos foram escritos ou bem selecionados. Essa divisão também reflete uma visão europeia e medieval do papel e do caráter da literatura histórica, uma visão que os autores dos textos bíblicos não tinham. Os judeus recitavam sua história para descrever a seus filhos o significado da lei e como reconhecer quando alguém está vivendo de acordo com a lei ou quando está vivendo contra a lei. Assim, os livros que chamamos de "livros de história" serviram aos judeus como explicação da lei para aqueles tempos em que não havia profetas. Esses textos, portanto, serviram-lhes como profetas. Os judeus tinham apenas três categorias de textos: A Lei (ou Torá), os profetas e outras escrituras. Aqui está o conteúdo de cada uma dessas categorias:

<u>A lei</u> para eles é o mesmo que o nosso Pentateuco.
<u>Os outros escritos</u> incluíam os livros poéticos, mais Lamentações e Daniel (que não são realmente livros proféticos), Rute, Ester onde cada um conta apenas um episódio da história de Israel, e 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias, que reflete uma maneira de interpretar a história de Israel do ponto de vista dos sacerdotes na época da reconstrução de Israel e depois. Observe especialmente a distinção aqui concernente ao livro de Daniel.

Tudo o que resta são os livros dos profetas— 1 e 2 Samuel, porque estão relacionados com Samuel, e 1 e 2 Reis, porque as vozes dos profetas do dia estão lá, Isaías, Jeremias e Ezequiel, os chamados grandes profetas, e os doze.

O que dissemos esta manhã sobre os profetas? Qual era o papel de um profeta?

Em quase todos os casos, as previsões, sejam de bênçãos ou maldições, representavam o que aconteceria com a geração para a qual o profeta estava pregando com base em sua resposta à sua mensagem. Na quarta-feira trataremos do assunto do Novo Testamento e da forma como os autores trataram os profetas do Antigo Testamento. Para esta tarde, você precisa conhecer o papel de um profeta na história judaica. Toda esta explicação está vinculada à próxima seção do nosso Manual de Exegese, as perguntas.

Quando se trata de perguntas a serem feitas sobre um livro do Antigo Testamento, deve-se começar com esta tabela e com as informações que acabei de dar.

O que complica a situação é o fato de que os chamados livros históricos não foram escritos no período da história que contam. Exemplos, o livrinho de Rute, foi escrito durante ou mesmo após o período do reinado de Davi. Os 2 livros que são intitulados Samuel, foram escritos mais cedo durante o tempo de Salomão.

D. Tempos do Novo Testamento

Agora de volta ao Novo Testamento. Acabamos de notar que os primeiros 5 livros do Novo Testamento dão conta do que aconteceu no primeiro século. Embora os autores tentassem fornecer informações corretas, seu objetivo não era fornecer apenas informações. Eles tentaram apresentar um ponto de vista particular, quer sobre a pessoa de Jesus ou sobre as reações das pessoas a ele e à mensagem que o proclamava como messias. Além disso, esses livros não foram escritos até décadas após a morte e ressurreição de Jesus, todos provavelmente após a morte do próprio apóstolo Paulo. Os autores abordaram questões e problemas que as igrejas enfrentavam naquela época, no período entre 64 e 100 dC, sem nos dar pistas históricas precisas.

Você consegue ver algumas pistas do que está acontecendo no tempo em que Mateus escreve? Pela forma como Matthieu aborda os problemas, ou pelos assuntos que trata?

Os próximos 21 livros do Novo Testamento são cartas, mas incluem dois tipos diferentes de cartas. Todas as cartas de Paulo e algumas cartas de João são cartas reais, isto é, Paulo as escreveu para uma determinada igreja ou pessoa para atender a necessidades especiais ou para lidar com um ou mais assuntos

importantes para aquela igreja ou pessoa. As outras cartas, a partir da Carta aos Hebreus, são antes sermões, ou teses em forma de carta. Então, quando se estuda uma carta do Novo Testamento, deve-se perguntar: que tipo de carta é essa?

O último livro do Novo Testamento é único em tempos de extrema perseguição. É o único que nos indica por sua linguagem cifrada um pouco da situação no período do final do 1.er século em torno de Éfeso. Tais livros circularam entre os judeus durante o primeiro século d.C. e durante o período de Jesus, por causa da opressão síria no 2.º século d.C. e o romano do tempo de Jesus e posteriormente. O livro de Daniel do AT apareceu sob a primeira opressão, o de Apocalipse sob a de Roma. Falaremos mais sobre isso na sexta-feira.

II - Conclusão

A Bíblia é uma biblioteca de livros, em diferentes estilos e relacionados a diferentes períodos da história do povo de Deus. Entre as perguntas que devem ser feitas a um texto bíblico estão sempre aquelas que afetam o período da história, especialmente o período em que o autor ou autores se dirigiram ao povo de Deus.

Antes de passar para o último tópico desta lição, deixe os alunos fazerem as perguntas que quiserem sobre o tópico desta apresentação.

Lição 2: Método Indutivo
Observe e Pergunte, Parte 3

Finalmente chegamos à parte mais importante da lição, a de fazer boas perguntas, perguntas justas ao texto. Dissemos esta manhã que o trabalho de interpretação lida com três questões: o que o texto diz, o que o texto significa e o que o texto significa hoje. Para chegar às respostas a essas três perguntas, devemos perguntar a outras. Lembre-se que neste ponto deste método, não estamos procurando respostas, exceto aquelas encontradas no texto da Bíblia.

Existem três tipos de perguntas a serem feitas. De acordo com o texto, na página 21, quais são essas perguntas?

1) aqueles que lidam com contextos históricos e geográficos
2) aqueles que tratam do texto em seu aspeto literário
3) aqueles que lidam com as implicações

Estas três áreas de perguntas apresentam uma gama muito ampla de informações possíveis a serem buscadas, mas, como dissemos esta manhã, devemos nos limitar aos meios disponíveis. Portanto, é necessário tirar anotações muito boas em sala de aula para ter respostas concernentes algumas dessas perguntas.

Gostaria de falar um pouco sobre cada um desses tipos de perguntas.

Contextos históricos e geográficos

Os tópicos sob este título são amplos e variados. Eles incluem os tempos e locais da ação no texto, se houver. Também incluem o tempo e o local do autor e seu público, que normalmente serão diferentes dos eventos. Na maioria dos casos, essas questões lidam com o nível do livro como um todo.

Tome Mateus, por exemplo. A ação do seu evangelho acontece onde e quando? *Aguarde as respostas.* Mas, em relação à data da escrita deste evangelho e ao local onde se encontrava o autor, alguém sabe a resposta a estas perguntas? *Aguarde respostas* (Quaisquer respostas a essas perguntas são especulativas.)

Há outros assuntos, às vezes mais importantes que o tempo ou o lugar. Questões sobre o contexto histórico também afetam questões de situação

política, a situação econômica do autor e seu público, situações sociais ou religiosas, e assim por diante.
Vejamos alguns exemplos:
1. Apocalipse: As questões de tempo e lugar são muito importantes. Mas ainda mais importantes são as questões da situação política e religiosa.
2. Filémon: as respostas às questões de lugar e tempo são dadas. Mas o mais importante são as questões sociais — a relação entre Paulo e Filémon, as leis sobre a vida de um escravo na época.
3. I Coríntios: Lugar e hora ainda fixos. Questões bastante sociais sobre a cidade de Corinto, por que tantos problemas ali?

Ao nível do parágrafo, essas perguntas podem ser muito úteis também, especialmente quando se trata das parábolas de Jesus, por exemplo. Uma parábola tem seu efeito porque o público ouve uma mudança inesperada de frase ou ideia. A sociedade e/ou a cultura ditavam certa forma de comportamento nas situações que Jesus estava relatando. Mas Jesus estava mostrando a eles outra maneira de responder às situações. Para entender, é preciso fazer perguntas sobre a geografia e o cotidiano das pessoas da época.

Questões do aspeto literário do texto.

Essas perguntas abordam todos os três níveis: livro inteiro, divisões e parágrafos. Sob este título já notamos várias construções literárias como sinais de estrutura. Os autores usam esses mesmos dispositivos e outros para sinalizar significados também. Ao nível da divisão ou subdivisões, devem ser feitas perguntas sobre a forma, especialmente do parágrafo, ou da subdivisão. Por exemplo: *Mateus 5-7, que forma é*? *Mateus 13, a mesma pergunta?*

Ao nível do parágrafo, o autor geralmente escolhe entre certas palavras disponíveis ou construções gramaticais. As perguntas devem, portanto, ser feitas em relação à gramática escolhida ou ao significado de uma palavra. Muitas palavras têm vários significados e, às vezes, significados que não estão relacionados entre si. O autor quer dizer o significado normal de uma palavra ou o significado figurativo; ou ainda, ele quer ambos. Em alguns casos, responder a essas perguntas requer a compreensão do idioma original. Mas, por enquanto, precisamos saber as perguntas a serem feitas.
Nas páginas 23-25 do Manual de Exegese você encontrará explicações de muitas dessas questões.

Perguntas que lidam com implicações
Quando você prega ou lidera um estudo bíblico, você compartilha uma cultura comum com os membros da igreja ou com os do grupo de estudo. Às vezes temos visitantes em nossas igrejas que vêm de outras igrejas. Eles ouviram mensagens pregadas por pregadores de outros ramos do cristianismo

evangélicos ou católicos. Algumas palavras-chave significam coisas muito específicas em uma igreja, mas não são as mesmas em outra. Tomemos, por exemplo, a palavra "libertação". Essa é uma palavra muito boa; mas alguns de nossos irmãos em Cristo distorceram seu significado. Ou a palavra "Pentecostal". Em nossa história como igreja, nosso nome era "A Igreja Pentecostal do Nazareno". Infelizmente, a palavra "Pentecostal" teve que ser abandonada por causa do significado particular que foi acrescentado a essa palavra. Tomemos também a palavra "santificação", ou a expressão "manifestações do Espírito". Para entender um sermão, é preciso saber o que o pregador quer dizer com essas palavras ou expressões. E são nossas pressuposições ou nossa formação pessoal que nos ajudam ou dificultam a compreensão.
O mesmo é encontrado em nossa leitura da Bíblia. Entre o autor e seu público da época, havia na maioria dos casos pressupostos comuns entre eles. Mas nós que vivemos em outro país e em outra época, que crescemos em outra cultura, com outras formas de ver o mundo, não temos os mesmos pressupostos. Para entender, você tem que fazer perguntas. Essas perguntas representam dois tipos – uma que pergunta "de onde vêm essas ideias"? e a outra que pergunta "em que direção vão essas ideias?»
Agora vamos mais uma vez nos reunir em grupos para verificar entre nós as tarefas numeradas 8, 9 e 10. O que vamos fazer é encontrar para cada categoria de perguntas, as três principais perguntas que devem ser feitas para melhor compreender a passagem escolhida. Amanhã veremos os resultados deste exercício.

Neste ponto, você deve trabalhar com os alunos do último ano, para ajudá-los a entender a diferença entre esses três tipos diferentes de perguntas. Deixe os grupos trabalharem até ao final do tempo de aula. Dê recomendações para a próxima aula e recolha os cadernos de trabalhos de casa que os alunos trouxeram para a aula.

LB 103 Interpretação Bíblica
Caderno do Professor

LIÇÃO 3
O MÉTODO INDUTIVO: Etapas 3, 4 e 5
CRÍTICA TEXTUAL
4 horas

Páginas de instruções do professor

Nesta lição o objetivo é completar as apresentações sobre o método indutivo apresentado no Manual de Exegese e introduzir a ideia de crítica textual. Algumas das ideias apresentadas no Manual são bastante óbvias, enquanto outras precisarão de alguma explicação, especialmente as ideias dos dois "mundos" na página 28. Novamente, você pode precisar dividir a turma em dois grupos para trabalhar em níveis diferentes, dependendo das habilidades dos alunos. Ao longo do curso, observe aqueles no grupo de baixa matrícula que parecem capazes de funcionar em um nível mais alto.

Esta lição cobre as páginas 26-32 do ***Manual de Exegese*** mais material 68-73 e 110-112 do livro *O mundo da Bíblia*.

Curso da lição

1. *(15 minutos)* Repetição do versículo 2 Tim. 2.15.
2. *(30 minutos)* Relatórios do trabalho em grupo da lição anterior. Os grupos deveriam encontrar as três questões mais importantes para cada uma das três categorias de questões (geográficas, literárias e implicações) para a primeira divisão de Mateus, 1.1-4.16. *Um secretário deve anotar as nove questões a serem abordadas durante o próximo elemento da lição.*
3. *(1 hora e 15 minutos)* A partir dessas nove perguntas, criaremos uma ponte para o primeiro elemento da nova lição, o passo 3 do método, "resposta. Novamente, há muito material que pode parecer difícil e assustador para os de baixa escolaridade. Esta parte incluirá uma combinação de métodos: introdução pelo professor, respostas às perguntas do exercício de ontem, verificação da Tarefa nº 12 e trabalho em grupo de outra passagem bíblica específica. *(veja também o nº 5 abaixo)*
Uma explicação dos "dois mundos" faz parte desta seção da lição.
4. *(30 minutos)* Vá para a etapa 4 do método. A explicação desta porção parece curta, mas não é simples. Aproveite o tempo para explicar tudo.
5. *(15 minutos)* Prossiga para o exercício de copiar manuscritos.
Durante o trabalho de grupo do ponto n.º 3, faça com que cada membro de um dos grupos do último ano dite à mão o seguinte texto em folhas separadas:
A primeira regra da interpretação bíblica é esta: "É necessário, sempre que possível, tomar as palavras em seu sentido usual e ordinário.»

A essa altura da manhã, peça a cada grupo que se reúna novamente e faça o mesmo trabalho que o primeiro grupo fez, mas usando as novas folhas preparadas por aquele grupo. Um membro de cada grupo dita aos demais a folha que você vai apresentar e todos escrevem o texto da melhor maneira possível. Deixe a pessoa ditar, de uma vez, toda a frase incluindo a pontuação, e então, deixe-a começar de novo, palavra por palavra, sem dar mais explicações.

[Intervalo da manhã]
Durante este período de intervalo, você deve olhar todas as folhas e notar algumas variações de uma para outra em certas palavras, pontuação, etc. Você usará os resultados deste trabalho durante o Elemento No. 7 da lição.

6. *(45 minutos)* Etapa 5 do método, "correlacionar". Para que os alunos compreendam essa parte do método, é necessário trabalhar com exemplos. A apresentação (veja abaixo) fornecerá, portanto, exemplos de ambos os tipos de correlação.

7. *(30 minutos)* Uma mini leitura sobre crítica textual, de onde vêm as variantes nos textos dos manuscritos, e algumas dificuldades em encontrar o texto exato que o autor escreveu no início.
Fim da lição

LIÇÃO 3: Método Indutivo, Etapa 3 - Resposta
Apresentação e Atividades

Introdução

O **Manual de Exegese** começa a etapa 3: Responda, com o pensamento de que não podemos encontrar respostas para todas as perguntas. Estudiosos fazem esse trabalho, e mesmo eles, para muitas perguntas, têm apenas sugestões como respostas. Para avaliar tais sugestões, deve-se jogar entre o que seria possível e o que seria provável. Na maioria das vezes, a primeira vez que um estudioso propõe uma solução para uma questão difícil, sua resposta permanece dentro do possível. Ocasionalmente, porém, a explicação de um erudito é tão bem fundamentada que sua sugestão parece provável. Com respostas prováveis podemos trabalhar. Muitas vezes, nos beneficiamos do trabalho deles, principalmente em nossos cursos, onde os professores tiveram o privilégio de consultar seus trabalhos. Mas ainda temos que manter nossa humildade e dizer que a resposta é provável ou muito provável. Se não houver soluções prováveis, ficamos em guarda para não falar demais ou ficar com a resposta que vem da tradição cristã.

A tradição da igreja nos fornece respostas para certas perguntas. Quando falo da tradição da Igreja, falo de séculos e séculos de trabalho feito por teólogos e estudiosos, desde o primeiro século até os dias atuais. Muitas vezes a tradição está certa, mas em outros casos a resposta sugerida pela tradição não se baseia em nada concreto. Portanto, devemos exercitar a humildade, pois para certas questões nem a tradição da igreja nem os estudos de hoje nos dão respostas concretas.

Mas, para conduzirmos nosso ministério adequadamente, devemos ter certeza da veracidade de nossa mensagem. E para ter essa certeza precisamos do maior número de respostas possíveis, ou então, respostas para as perguntas mais importantes. As Artigos de Fé do Manual da nossa igreja servem para nos dar essa certeza sobre as questões que nossa igreja considera mais importantes. Na primeira lição deste curso, analisamos um pouco nosso artigo sobre as Sagradas Escrituras e observamos as questões mais importantes. Nosso artigo sobre a segunda vinda de Jesus faz a mesma coisa. Ele diz que Jesus não voltará. Não acrescenta mais nada sobre quando ou como, porque não há respostas para essas perguntas. Não abordaremos este artigo durante este curso. Nosso trabalho nesta lição é selecionar as perguntas para as quais podemos buscar respostas. Esta etapa nos ajudará a fazer isso e encontrar respostas e isso, se possível.

Selecionar perguntas:

Agora pegue seu Manual de Exegese e vá para a página 26. Aqui encontramos uma pequena lista de critérios para selecionar as perguntas para as quais buscar respostas. Vamos analisá-los juntos e aplicar os critérios às perguntas que temos diante de nós esta manhã.

Envolva os alunos em uma discussão sobre esses critérios em relação à lista de perguntas que você escreveu esta manhã. Tente determinar as perguntas mais importantes, perguntas que são respondidas no texto ou nos recursos (a tradição da igreja serve como um recurso neste momento, embora a tradição possa estar errada em algumas questões), e aqueles que têm interesse no ministério estudantil. Observe também as questões sobre as quais podemos ter pressupostos (seja de nossa tradição, seja de nossa visão de mundo, seja de nossa cultura). Agora, peça aos alunos que também abram seus cadernos de exercícios e escrevam as perguntas sobre as quais vão trabalhar.

Como resultado deste trabalho, você terá uma pequena lista de perguntas com a qual trabalhar. Neste ponto, você dividirá a classe em grupos dando as instruções encontradas no livro de exercícios. Tente ao máximo manter os dois níveis de alunos em salas diferentes. Durante esse período, você tem a responsabilidade de garantir que os grupos entendam as instruções, especialmente trabalhando com aqueles do último ano. Aqui estão as instruções:

1. Escolheremos pelo menos uma das perguntas da nossa pequena lista.
2. Nas páginas 27-28, encontramos uma lista de elementos (chamados de evidências) que às vezes são encontrados no próprio texto. Muitas vezes, no entanto, são necessários recursos adicionais. Para cada um desses elementos, determine se o elemento está presente no texto e se contribui para a resposta.
3. Compare diferentes versões da Bíblia em português para ver o que os tradutores descobriram sobre esses elementos.
4. Tente formular uma resposta para a pergunta.
5. Se o tempo permitir, faça o mesmo exercício com outra questão.

(Neste momento, você também deve pedir a um grupo que prepare as folhas de ditado de acordo com o nº 5 na página de instruções da lição.)

À medida que os alunos do último ano trabalham neste exercício, você terá tempo para introduzir a ideia dos dois mundos - o mundo real e o mundo do texto.

(<u>O mundo literário do texto</u>)

Na página 28 encontramos alguns parágrafos que apresentam um artifício literário que se chama "o mundo do texto". Esse processo é uma construção

literária que obviamente reflete o mundo real, onde certos aspetos de nossa vida cotidiana não funcionam como no mundo real. "O Mundo do Texto" serve para sublinhar melhor o significado da mensagem do livro. Os eventos acontecem de acordo com um raciocínio próprio desse mundo artificial, eliminando outras explicações ou razões pelas quais as pessoas fazem o que fazem. É necessário criar tal mundo, pois o autor do texto tem muito pouco tempo para apresentar sua mensagem, e deve apresentá-la de forma a ser compreendida por seus leitores e ouvintes.
Vemos esse tipo de construção literária nos contos de fadas, mas na Bíblia é mais sutil. Para descrever melhor esse aspeto literário dos textos bíblicos, usarei vários exemplos.

Primeiro exemplo: Acabamos de ler Mateus. Em seu evangelho, uma característica que encontramos é que tudo o que acontece na vida de Jesus completa uma profecia retirada do Antigo Testamento. No mundo literário que Mateus cria, não há nada aleatório que acontece na vida de Jesus; tudo parece ter sido programado por séculos. Este mundo também assume que todos os judeus do tempo de Jesus conheciam todo o Antigo Testamento, e que eles entendiam os textos do AT da mesma forma que Jesus ou os cristãos posteriores do primeiro século. Assim, não há desculpas para aqueles que não estavam comprometidos com o discipulado. Mas no mundo real, havia muito poucas pessoas que sabiam tudo sobre a Bíblia, como entre nós hoje; menos ainda houve acordo sobre o significado das passagens. Sim, havia os fariseus que tentavam dar um significado único a cada passagem bíblica, mas mesmo entre eles não havia acordo. Então imagine a compreensão das pessoas normais.

Segundo exemplo: Em João, todas as respostas das pessoas à pessoa de Jesus são uma indicação da condição de seu coração. No mundo criado pelo escritor, todos têm todos os elementos necessários para entender quem é esse Jesus desde a primeira vez que o vemos ou ouvimos. Como em Mateus, todos entendem o que está acontecendo. É só porque o coração está em más condições que eles reagem mal a Jesus. Em João, Jesus se surpreende com os casos em que as pessoas não entendem: como Nicodemos em João 3 e Marta em João 11. A conversão da mulher samaritana e da sua aldeia mostra o lado positivo deste mundo literário. Essa conversão está acontecendo muito rápido e seu escopo é muito amplo em comparação com nossas experiências no mundo real.

Terceiro exemplo: o Evangelho de Marcos descreve a vida de Jesus como um movimento dramático do começo ao fim. Desde o primeiro capítulo, todos em todo Israel ouviram falar de Jesus e vieram de toda a terra para vê-lo. A reação a Jesus foi muito positiva e todos o reconheceram como alguém de Deus. A oposição aumenta pouco a pouco até o meio do evangelho onde essa oposição

se materializa e Jesus logo morrerá. Além disso, segundo Marcos, o ministério de Jesus durou muito pouco, menos de um ano.

Quarto exemplo: no mundo dos Evangelhos, os discípulos de Jesus não precisam cuidar da vida cotidiana de sua família. Os doze homens e algumas mulheres percorrem o país inteiro com Jesus sem pensar em suas famílias. É verdade que encontramos Jesus uma vez na casa de Pedro, onde há o suficiente para alimentar todo o grupo de discípulos de Jesus. Mas parece que Pierre não fez nada para suprir as necessidades da família. No mundo real naquela época, os discípulos tinham que cuidar de suas famílias tanto quanto nós. Há apenas silêncio para este aspeto da vida diária dos discípulos.

Aqui estão alguns elementos que demonstram esse aspeto literário de certos livros da Bíblia.

Conclusão*:*

Vamos encerrar esta seção da lição reunindo todos no salão principal e pedindo a alguns voluntários que descrevam a diferença entre seu trabalho pessoal na Tarefa 12 e o resultado do trabalho em grupo.

LIÇÃO 3: Método Indutivo, Etapa 4
Apresentação e Atividades

Introdução

Acabamos de passar pelas etapas mais concretas do nosso trabalho, as de observação, perguntas e respostas. Essas duas etapas tocam nas questões sobre o que o texto diz e o que o texto significava na época do autor e de seus endereços. Chegamos ao quarto estágio de nosso trabalho como ministros fieis da palavra da verdade, e à pergunta que o acompanha: "O que esta passagem significa para nós hoje?"

Explicação do texto do Manual

Retomemos nosso Manual de Exegese e voltemos para a página 30, seção intitulada "Avaliando nossa interpretação derivada dos três primeiros passos". Vamos ler os dois primeiros parágrafos frase por frase. "Antes de avançar para a aplicação do significado do nosso texto, devemos avaliar o valor da passagem para o cristão que vive sob a direção do Espírito Santo e cuja vida de Jesus é seu modelo. Acabamos de dizer que nossa tarefa é ver o que nossa passagem diz para nós hoje em nosso contexto. Nosso manual nos diz que devemos primeiro estimar o próprio valor da passagem para o cristão. *Por que você acha que o autor diz isso? (Espere e anote as respostas).*

A leitura da Bíblia está disponível para qualquer pessoa que saiba ler, sejam eles crentes ou não. Alguns tentam aplicá-lo em seus negócios; outros à sua política; outros o utilizam para criar ou apoiar debates sobre qualquer assunto. Mas para nós pastores e ministros da Igreja de Cristo, nosso trabalho é muito limitado a aplicar o ensino da Bíblia à nossa vida e caráter como cristãos que vivem em um mundo incrédulo. Então, por que precisamos avaliar o valor de uma mudança para o cristianismo?

1. Nossa tarefa é formar seguidores de Jesus em nosso tempo e lugar.
2. Como discípulos, devemos apresentar o melhor testemunho possível em nosso mundo. Esse testemunho toca nossas atitudes, nosso comportamento, a capacidade de compartilhar a graça — ao mesmo tempo em que percebemos que somos todos um trabalho em andamento.
3. Temos a responsabilidade de ajudar os membros a formar famílias distintamente cristãs e igrejas locais verdadeiramente cristãs.
4. O tempo que temos juntos é, portanto, precioso. Devemos, então, escolher o mais importante para apresentar quando estamos juntos.

Agora permita feedback sobre esses quatro pontos e pergunte se os alunos podem sugerir o que é necessário para ajudar melhor com qualquer um desses motivos.

Continuamos lendo: "Para o cristão, a Bíblia é a Palavra de Deus, revelando sua vontade progressivamente durante a história de seu chamado a um povo para anunciar sua redenção de todo o mundo. A palavra-chave aqui é "progressivamente". É importante porque, como cristãos, Jesus é nosso modelo e não qualquer outro que veio antes dele. Abraão não é nosso modelo; David não é nosso modelo; nem Esdras nem Neemias são nosso modelo. Todos eles vieram antes de Jesus. Devemos avaliar os acontecimentos de suas vidas à luz de Jesus e seus ensinamentos.

A Bíblia também nos diz que o povo de Deus no Antigo Testamento era mais rebelde do que discípulos. E mesmo no Novo Testamento vemos exemplos do povo de Deus cometendo erros de julgamento e comportamento ainda sendo obras de Deus em andamento. Nós também somos cada um de nós um trabalho em andamento. Por mais que a Bíblia nos diga como continuar progredindo, seu estudo é de enorme valor. Mas é preciso escolher bem o que é melhor para estudar e apresentar. Algumas questões intelectuais são muito interessantes, mas têm pouco valor real na vida de um discípulo, como o significado de algumas das imagens do Apocalipse.

Continuamos nossa leitura do próximo parágrafo: "A segunda pergunta se concentra em passagens particulares e no valor relativo de cada uma. A tarefa principal desta etapa é determinar quais ensinamentos de uma passagem são válidos para sempre e quais eram mais valiosos apenas na época do autor. Esta última frase foi muito simples de escrever, mas difícil de aplicar. Para ilustrar essa dificuldade, vamos trabalhar em 1 Cor. 14. 33-35. *(Leia os versículos.)*

Há vários problemas com esses versículos, incluindo fortes dúvidas de que eles foram incluídos no que o próprio apóstolo Paulo escreveu. Não vamos tratar dessa questão aqui. Os versos estão lá agora, e eles precisam ser tratados.

Vamos colocar algumas questões a este texto que nos ajudarão a determinar o valor atual deste texto em nosso tempo e contexto. Ao mesmo tempo, começamos o processo de aplicar os versículos à nossa situação. Aqui estão as Perguntas:

1. Literária: A frase "Como em todas as igrejas dos santos." Esta frase combina com o que vem primeiro (v. 32 e 33), ou com o que vem depois (v. 34 e 35)? *Que diferença fará a resposta a esta pergunta? (Aguarde as respostas.)* O vs. 34 e 35 podem não ser universais.

2. Estrutura: Como esses versículos se relacionam com o cap. 11v. 5 do mesmo livro? *Que diferença fará a resposta a esta pergunta?* Um diz que as mulheres podem falar na adoração. Portanto, há um princípio mais ou menos universal de que as mulheres podem participar oralmente e na oração e na profecia (que é mais como pregação). A frase "como em todas as igrejas", portanto, não combina com o v. 33.

3. Estrutura: Os vv 34 e 35 apresentam uma continuação dos parágrafos anteriores, sobre falar em línguas ou profecia, ou apresentam uma ideia independente sobre falar em línguas? outros tópicos? E se for a segunda sugestão, a quais assuntos Paulo se referiria? (A resposta a esta pergunta envolve o conhecimento do contexto cultural e histórico.)

<u>Processo para identificar o "válido para sempre"</u>

Acabamos de ver que já é difícil saber o real significado desses versículos em seu contexto textual, bem como em seu contexto cultural. Vamos supor que esses versículos sejam parte do original. Todos os homens e mulheres da igreja os leram. Em todas as nossas igrejas, capacitamos as mulheres a participarem oralmente na adoração: ordem do culto, a direção, oração, louvores, testemunhos e pregação. E o Senhor abençoa nossas igrejas. Obviamente não estamos desobedecendo a um princípio bíblico válido para sempre ao permitir que nossas mulheres falem na igreja. Mas dado isso, ainda não sabemos de onde ou de onde vem nossa interpretação desta passagem. Ainda há algumas coisas a serem consideradas nesta passagem e, portanto, como extrair o válido para sempre desses versículos que parecem lidar com um problema local.

1. Primeiro, encontre o assunto da passagem maior. Neste caso, o assunto tratado nestes capítulos é a ordem no culto. Todos concordamos que o princípio da ordem na adoração é um princípio eterno. Por que, porque, Deus não é um Deus de desordem, mas um Deus de paz.

2. Em segundo lugar, encontre princípios ou pressuposições por trás de determinada passagem. É claro que algumas mulheres atrapalhavam o culto falando quando não era necessário. Paulo permite que eles orem e profetizem, e até mesmo falem em línguas, é claro, mantendo a ordem o tempo todo. *A que outros tópicos Paulo poderia se referir? (Aguarde as respostas.)*

V. 34 fala de perguntas feitas durante o culto. O contexto suspeita da possibilidade de as mulheres cuidarem da refeição que acompanhará o atendimento.

a. Supõe-se que algumas mulheres perturbem o serviço, não devem.
b. Parece que as mulheres fazem perguntas no meio do culto, em princípio, elas deveriam guardar essas perguntas para mais tarde.
c. Supõe-se que alguém da casa possa responder à pergunta que a esposa faz, e que o marido pode fazê-lo, porque ele é mais instruído do que ela.

3. Terceiro, para ver se esses mesmos princípios ou as mesmas presunções ainda são válidos hoje.

a. O princípio de não perturbar a adoração é válido hoje? *Sim*

Este princípio só se aplica às mulheres? *Não.* O que fazemos quando uma coisa dessas acontece? *A ordem do culto entra em ação.*
b. O princípio de guardar essas perguntas para mais tarde ainda é válido? □ *Sim*
Que sistema sua igreja local usa hoje para responder a essas perguntas? *Aguarde respostas.*
c. Podemos presumir que alguém em cada casa terá uma boa resposta para essas perguntas? *Certamente não*. Então, o que devemos fazer como igreja local? *Aguarde respostas.*

4. Quarto, determine o que precisa ser feito para colocar em prática os princípios que ainda são válidos.

Neste caso, raramente acontece o problema das mulheres perturbando o culto, mas um homem também pode agir de forma que perturbe o culto. Pregar às mulheres que elas devem ficar em silêncio na igreja, portanto, não faz sentido. Mas é preciso garantir que as perguntas que as pessoas fazem obtenham boas respostas. E então cabe a você determinar se pelo menos um membro de cada família é bem instruído espiritualmente, e cabe à junta da igreja determinar como a igreja pode realizar tal tarefa.

A aplicação

O passo 4 continua apresentando três tipos de textos bíblicos em termos de validade eterna e importância para a aplicação de hoje. São eles, segundo o Manual de Exegese:

1. Textos do Antigo Testamento – lembre-se que em um contexto de revelação progressiva, todo o Antigo Testamento vem antes de Jesus Cristo. E embora haja muita verdade espiritual ali, para nossa prática na vida diária, nossos padrões

vêm do Novo Testamento, e nossa compreensão do Antigo Testamento deve seguir o que o Novo Testamento ensina.

2. Passagens do Novo Testamento, que apresentam um ensinamento aos cristãos da época, mas que se relacionam mais com os contextos históricos e culturais da época.

3. Passagens que podem ser consideradas válidas para qualquer pessoa e para sempre.

Para aplicar um texto da Bíblia aos nossos dias, é necessário determinar qual dos tipos representa esta passagem. E depois, como diz o Manual na página 31, devemos comparar a situação de hoje com a da época.

Agora vamos ler este parágrafo que está na página 31, o primeiro sob o título, "aplicando a passagem aos nossos dias" e vamos trabalhar desta vez com Lucas 9.1-6.

(Leia o parágrafo e diga que vamos exercitar a primeira escolha, comparando uma situação real com a do texto. E iremos um pouco além das instruções do Manual.)

Vamos comparar este texto com uma campanha evangelística de aldeia em aldeia.

Quais são as semelhanças entre o que fazemos e o que Jesus fez?

Quais são as diferenças?

O povo de Israel estava todo esperando a chegada do Messias. Em nosso tempo, não é assim. Connosco, também não há formação judaica no Antigo Testamento em todos os lares a que nos dirigimos. Quando fazemos tal exercício, é na vizinhança de uma igreja local, ou em um lugar onde queremos plantar uma igreja. Em alguns casos, o porta-a-porta é impossível, como nas grandes cidades da Europa ou da Ásia, onde o acesso a um grande edifício é proibido. Lá você tem que fazer outras coisas.

O que devemos fazer com o versículo 5 e por quê?

Fim da Apresentação da etapa N°:4

Vá para o exercício sobre o texto a ser copiado.

E então, faça uma pausa, se ainda não o fez.

LIÇÃO 3: Método Indutivo, Etapa 5
Apresentação e Atividades

Chegamos finalmente à última etapa deste Método Indutivo, a da correlação ou comparação entre diferentes textos que parecem ensinar a mesma mensagem. Ao reunir passagens que tenham aproximadamente a mesma mensagem, podemos criar a segurança que buscamos. Se uma ideia é baseada em apenas uma passagem, não é uma ideia muito importante. Tudo no final do Evangelho segundo Marcos (15.9-20), por exemplo, se enquadra nessa categoria. É o mesmo com os ensinamentos de Paulo sobre falar em línguas encontrados em 1 Coríntios. Não há correlação suficiente para criar uma doutrina disso ou para assegurar a validade de tal prática na vida do discípulo. Você pode notar que os artigos de fé da Igreja do Nazareno são sublinhados por um grande número de passagens bíblicas. Assim, temos a certeza de que nossas doutrinas são extraídas da Bíblia. É o mesmo com nossa prática, que está na forma do que chamamos de regras gerais da igreja. Uma lista completa de passagens bíblicas é fornecida em cada ponto.

Esta lição discute dois tipos de correlação: formal e informal. A correlação formal é aquela que se faz entre passagens bíblicas que tratam do mesmo assunto. Pode-se fazer esse trabalho em nível pessoal usando uma concordância bíblica ou o sistema de cadeia de Thompson. Mas, mesmo aqui, é preciso ter cuidado com falsos amigos, como Lúcifer e Satanás, que mencionei em outra lição. Ou pode-se também comparar os três evangelhos sinóticos, Mateus, Marcos e Lucas sobre as maneiras pelas quais eles apresentam mais ou menos o mesmo material.

A correlação informal ocorre à medida que nos familiarizamos com os ensinamentos da Bíblia e podemos ver os mesmos temas, embora as passagens usem palavras e frases diferentes. Existe, por exemplo, uma correlação muito boa entre Mateus 5 e Romanos 12, especialmente Romanos 12 do versículo 13. E o que falta em Mateus 5 sobre o "como" viver segundo as bem-aventuranças, encontramos em Romanos 12.1-2. Há outra correlação entre Mateus 7.24 e os versículos seguintes com 2 Coríntios. 6.1-10, onde Paulo parece concretizar tempestades que podem se lançar contra o crente.

<u>Atividade do grupo</u>

Então, junte-se aos grupos novamente esta manhã e juntos avaliaremos seu trabalho na Tarefa nº 14. Entre vocês, expliquem por que vocês escolheram os textos de correlação que escolheram. Se você não completou este exercício, use

os dois exemplos que acabei de lhe dar e tente encontrar passagens bíblicas que pareçam se correlacionar com Mateus. 5.46-48.

LB 103 Interpretação Bíblica
Caderno do Professor

Crítica Textual: Apresentação e Atividades

O último assunto que eu queria apresentar esta manhã trata da condição do texto original da Bíblia. Cada texto original da Bíblia foi escrito em uma das três línguas particulares. A maior parte do Antigo Testamento foi escrita em hebraico clássico ou aramaico, a língua que os judeus falaram entre si durante a reconstrução do país após o exílio na Babilônia até a época de Jesus. E o Novo Testamento foi escrito em grego.
Nenhum dos manuscritos originais existe. Desde a época da escrita da Bíblia até o 16° século, na época da invenção da imprensa, cópias dos textos da Bíblia eram escritas à mão, com muita cautela para não mudar nada. É desse exercício que a palavra vem copiosamente. No entanto, muito cedo na história da transmissão do Novo Testamento, variantes foram introduzidas no texto. O trabalho de crítica textual tem como tarefa o esforço de reconstruir o texto original tanto quanto possível a partir das variantes existentes do texto. Às vezes, uma mudança no texto acontece por acidente no trabalho: é difícil ouvir o ditado do texto, ou é difícil ver ao ler um texto (há casos em que um escriba pulou uma linha porque duas linhas começam ou terminam com a mesma palavra). Ou um escriba reconhece erroneamente uma nota na margem como parte do texto quando a lê. Outras vezes, uma mudança no texto acontece de propósito: um escriba quer simplificar uma passagem que achou muito difícil de entender. Em algum momento da história, os escribas queriam harmonizar os evangelhos e copiaram frases de um evangelho para outro. Eles pensaram em garantir a repetição das palavras precisas de Jesus ou o ensinamento preciso dos apóstolos. Outros acrescentaram sinais ou formas litúrgicas. (Veja a oração sacerdotal de Jesus.)

Vou mostrar alguns exemplos encontrados em Mateus.

1. Mat. 5.44 As duas variantes principais se concentram na inclusão ou não de certas expressões. Aqui está um caso em que um escriba inseriu palavras em Mateus que estavam em Lucas.
2. Mat. 6.13 Alguns manuscritos não possuem uma doxologia no final da oração. Aqui é provavelmente o caso de adicionar uma bênção à oração da liturgia de adoração do tempo do escriba.
3. Mat. 8.10 Os manuscritos adicionam "Mesmo em Israel". Vem de Lucas novamente.
4. Mat. 8.25 A palavra "discípulos" está ausente nos melhores manuscritos. Parece que um escriba acrescentou a palavra no lugar de um pronome para tornar a narrativa mais clara – uma questão literária – para tornar um texto difícil mais simples.

5. Mat. 10.3 Alguns manuscritos adicionam um nome adicional a Tadeu. Não importa, e não podemos determinar o original.
6. Mat. 10.23 Vários manuscritos apresentam outra frase que dá a instrução de fugir após a recusa de uma segunda aldeia. Não temos certeza de onde vem essa variante ou qual é a original. Este pode ser um caso em que um escriba pulou uma linha por engano porque duas linhas no texto original terminavam com a mesma palavra.
7. Mat. 11.19 Veja nota, alguns manuscritos dizem "obras", outros dizem "filhos". A palavra filhos concorda com Lucas 7.35. Aqui temos um caso em que Jesus provavelmente disse "obras" porque ele era judeu, e todos os judeus eram julgados pelas obras. Lucas, no entanto, teve que transformar a frase para que seu público grego entendesse melhor, substituindo a palavra "crianças" pela palavra obras. Na cultura grega, a sabedoria de uma pessoa era julgada pelo comportamento de seus filhos.
8. Mat. 12.47 Alguns manuscritos não contêm este versículo. Esta variante é muito difícil de explicar. Ambos vv. 46 e 47 terminam com a mesma palavra. Se fosse original, um escriba pode ter pulado c. 47 por falta de visão, vendo a mesma palavra no final. Se não fosse original, um escriba pode ter transposto o versículo de Lucas 8.20, onde se encontra sem variação.

Existem centenas de outras variantes menos importantes do que essas. Estas são formas gramaticais da mesma palavra, ou palavras diferentes com o mesmo significado, etc. Se você tem uma Bíblia de estudo, deve ler todas as notas de um texto. Caso contrário, é uma boa ideia comparar as versões. O 20º século foi um século de grandes descobertas de manuscritos antigos, muito mais antigos do que os disponíveis na época de Louis Segond. Várias versões revisadas levam essas descobertas em consideração.

De qualquer forma, deixamos este trabalho para os estudiosos da área. Mas devemos, mesmo assim, perceber que tais dificuldades existem com o texto.

Fim da lição

LB 103 Interpretação Bíblica
Caderno do Professor

LIÇÃO 4

Histórias do Antigo Testamento
Povos do Antigo Testamento e a Religião de Israel

3 1/2 horas

Introdução

Com esta lição começamos a lidar com os gêneros de literatura na Bíblia. O objetivo desta lição é apresentar as características particulares do gênero de histórias do Antigo Testamento e tentar aplicar o método indutivo a algumas passagens. Ao mesmo tempo, como repetição do curso de Introdução ao Antigo Testamento, serão apresentadas informações sobre os povos do Antigo Testamento e a religião dos judeus da época.
O material para esta lição foi retirado do capítulo 5 de "Um Novo Olhar sobre a Bíblia" e do capítulo 5 de "O Mundo da Bíblia".»
Os alunos do último ano podem não ter sido capazes de ler todo o capítulo cinco do livro. A apresentação do professor, portanto, resume o que é importante nisso, deixando os alunos que souberam ler tudo para responder às perguntas que ele fará. Após esta apresentação, nos dividiremos em grupos para fazer perguntas sobre uma determinada passagem, com cada grupo trabalhando em uma passagem diferente.

Curso da lição

1. Repita o versículo memorizado, 2 Tim. 2.15
2. Memorize, Salmo 119.105
Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho.»
3. Apresentação do capítulo 5 de "Um Novo Olhar sobre a Bíblia" com perguntas para reforçar a leitura. (As perguntas estão impressas na pasta de trabalho.)
Esta apresentação terminará com um trabalho de grupo onde cada grupo irá refazer os exercícios 2, 3 e 4 do Manual de Exegese ao longo desta parte.
4. Uma apresentação sobre os povos do Antigo Testamento ligada às passagens bíblicas que os tratam.
5. (Se houver tempo) Discussão da religião do Antigo Testamento e alguns textos que a introduzem.

LB 103 Interpretação Bíblica
Caderno do Professor

Apresentação sobre o Capítulo 5 em "Um Novo Olhar sobre a Bíblia"
Histórias do Antigo Testamento
Leitura e questões para discussão

As fontes do Antigo Testamento têm muito em comum com as histórias dos povos africanos. História, compreensão do bem e do mal, cultura, visão de mundo, fé, etc. - todos são contados através de relatos históricos da tribo. 40% do Antigo Testamento são histórias: desde o início das coisas, o chamado de Deus a Abraão, a história do povo hebreu, a nação de Israel, o desenvolvimento do judaísmo como religião e a perda e restauração do povo da terra prometida. Nossos autores do livro do texto dizem que lhes parece que a história serviu bem ao Espírito Santo como meio de revelar o plano de Deus e a palavra de Deus.

O que eu gostaria de fazer no início desta tarde é antes resumir o que nosso texto diz, acrescentando algumas explicações se necessário, e dar exemplos. Algumas das ideias que os autores apresentam são bastante claras, outras não.

Os três níveis de histórias

Eles começam com a ideia de três níveis de narrativa. (2) *Quais são esses três níveis?*

> ***Superior**, o nível da história do universo e o plano de Deus*
> ***Média**, a história de seu povo Israel, ou seu povo a Igreja*
> ***Inferior**, relatos de episódios particulares.*

As descrições desses três níveis nas páginas 78-79 são mais ou menos claras, mas também podem ser um pouco confusas. Os autores não querem dizer que algumas histórias estão no nível superior, algumas estão no nível médio e outras ainda estão no nível inferior. É muito raro que uma única história de alguns parágrafos esteja no nível superior. Não. Para o nível mais alto, você tem que ver toda a Bíblia. Mesmo Gênesis capítulos 2 a 5, que cobrem séculos e séculos, como vemos, não está nesse nível. E se adicionarmos capítulos até o final do capítulo 11, nos aproximamos do próximo nível, mas para chegar lá encontramos vários relatos de episódios particulares.

No que diz respeito ao nível médio, de vez em quando você pode encontrar um parágrafo que apresenta uma grande parte da história da salvação em alguns versículos. Veja Deuteronómio 26.5b-9. Aqui temos uma história particular. É uma recitação litúrgica, que todos os israelitas haviam memorizado como parte de seu culto anual. Esses poucos versículos cobrem pelo menos 400 anos da

história de Israel e alguns dos relatos de caráter particular encontrados em Gênesis, Êxodo, Números e Josué. Esta é uma história que funciona no nível médio. Mas tais passagens são muito raras. Quase todos os relatos particulares da Bíblia são do tipo que opera no nível inferior. É estudando várias dessas histórias em sua ordem cronológica que chegamos a entender o nível médio. E não é a extensão da história que determina o nível de sua função. O relato da vida de José, que os autores usam como exemplo, abrange 13 capítulos do livro de Gênesis. Mas todos esses 13 capítulos funcionam apenas no nível inferior.

(3) *Por que posso dizer isso?* É apenas um episódio na vida do povo de Deus

Que histórias não são

1. As histórias não são narrativas puramente humanas. Em vez disso, eles servem como revelações das ações de Deus. Eles nos ajudam a ver Deus por suas ações, onde um historiador normal diria que as coisas aconteceram dessa maneira. Começamos a entender Deus por esses atos em favor de sua criação, em favor de seu povo contra seus inimigos, por esses atos de disciplina exercidos sobre seu povo para dirigi-los no caminho certo, etc.

2. Os autores dizem que as histórias do Antigo Testamento não são alegorias.
(4) *O que é uma alegoria e por que nossos autores fazem essa afirmação?*
Ou, qual é a diferença entre uma alegoria e uma narrativa simples?
Aguarde as respostas dos alunos.

Uma alegoria é uma história, portanto, todos os elementos da história representam algo fora da história em nossa vida atual.

É uma má interpretação de um relato do Antigo Testamento interpretar elementos particulares de um relato como elementos particulares de nossas vidas diárias. Dou-lhe um exemplo deste tipo de interpretação. Lembremos que essa interpretação é absurda, não tem nada a ver com o propósito da história.

Veja a história da captura de Jericó. A cidade de Jericó é a África subsaariana. As muralhas de Jericó é o islamismo, que abrange toda a África subsaariana. Os sete sacerdotes são os sete países francófonos da África Ocidental onde queremos instalar a Igreja do Nazareno. A marcha dos povos de Deus são vigílias de oração que serão necessárias para derrubar os muros do Islã. Assim, todos os nazarenos na África Ocidental devem passar sete dias em jejum e oração, 24 horas por dia, e o Islã desmoronará, e podemos reivindicar toda a África subsaariana para Cristo.

Aqui está uma interpretação bizarra desta história. É completamente falso como interpretação, porque a história não é uma alegoria e não tem nada a ver com a África.

3. Histórias "nem sempre ensinam de forma direta. Não são propostas, mas histórias. Às vezes a história nem indica se a ação está certa ou errada, ou se a pessoa está exercendo um modo de vida que precisamos repetir.

Exemplo: Vamos ver Gênesis 25. 28-34 *Quem estava errado neste episódio, Jacó ou Esaú? Deus estava satisfeito com a atitude e ação de Jacó? Jesus estava usando truques ou enganos para cumprir a vontade de Deus? Devemos agir da mesma forma?*
Deus sempre pode cumprir suas promessas, mas ele não usa meios desonestos ou enganos para fazê-lo. *Jacó nunca recebeu a primogenitura! Quando seu pai morreu, Esaú recebeu toda a herança da família. Jacob não tocou em nada disso.*

Ideia primordial neste momento: Os leitores desses textos conheciam a lei. Os escritores esperavam que eles respondessem de acordo com a santidade de Deus. Eles tiveram que reconhecer os crimes que Jacó estava cometendo contra seu irmão Esaú.

4. Cada episódio de uma história não tem necessariamente sua própria moral. E assim, quando pregamos a partir de um episódio, não devemos insistir em algo que não existe. O episódio deve ser interpretado como parte de um todo ainda maior que o episódio.

Princípios de Interpretação das Histórias do Antigo Testamento

Para esta parte do capítulo, gostaria apenas de destacar alguns dos pontos. Já atingimos alguns pontos. Por exemplo, já falamos sobre os números 2, 4-6 e 10.

Então vamos ver os outros.
Número 3. O que aconteceu não é necessariamente a ação que deveríamos ter tomado. Rachel estava roubando os ídolos da família de seu pai enquanto saía de casa. Ela também acrescentou mentiras ao seu crime.

Nºs 7-8. As histórias não respondem a todas as nossas perguntas. O autor incorporou apenas o que o público precisava. E seu público entendeu coisas que nós não entendemos, porque muitos elementos das histórias refletiam seu cotidiano.

Número 9. "Explícito" significa direto, ou precisamente. "Implícito" significa que você tem que pensar um pouco, o ensinamento não está oculto, mas ainda é indireto.

Explícito: 2 Reis 11.4-12
Implícito: 2 Reis 19.9-18 (Deus não se agradou de Elias, mas o texto não diz isso diretamente.

Fim da apresentação

Trabalho em grupos.

Por um bom tempo, vou deixar vocês trabalharem em grupos em uma passagem de uma história do Antigo Testamento. Cada grupo terá sua própria história para estudar. Vamos praticar os quatro primeiros passos do Método Indutivo que acabamos de estudar. As instruções a seguir estão na pasta de trabalho.

1. Você orará pela bênção e sabedoria do Espírito Santo sobre seu trabalho.
2. Você observará as coisas certas sobre o conteúdo em geral e, em particular, a estrutura da história e como ela se relaciona com as histórias ao seu redor; então você determinará o que a estrutura lhe diz sobre a história.
3. Você fará várias perguntas em diferentes níveis do livro, mas desta vez concentre-se no nível específico — questões históricas e geográficas, questões literárias e questões de suposições ou implicações.
4. Você determinará uma ou duas perguntas mais importantes e determinará o que é necessário para obter uma resposta à pergunta, como fizemos esta manhã.

5. Você avaliará o texto como uma lição para a vida de um cristão, assim como seu trabalho no texto.
6. Finalmente, você tentará aplicar este texto ao nosso discipulado, se for bom fazê-lo.

Aqui estão os textos a serem processados:

Grupo 1 2 Crônicas 19.4-11
Grupo 2 2 Reis 23.21-27
Grupo 3 1 Samuel 15.10-23
Grupo 4 Jonas 3.6-4. 11
Grupo 5 Gênesis 32.24-32

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor

Lição 4: Apresentação sobre os Povos do Antigo Testamento

Introdução

Uma compreensão adequada da maioria dos registros do Antigo Testamento requer uma compreensão não apenas do que Deus esperava de seu povo, os judeus, mas também de outros povos que os cercavam de tempos em tempos. Durante as primeiras gerações dos hebreus, do tempo de Abraão e daqueles filhos e netos até o tempo de José, os hebreus eram pastores sem terras próprias. Eles viviam em tendas fora das cidades; cavaram seus próprios poços no meio dos comuns; eles não tinham religião fixa além da de seguir a fé e os ensinamentos do patriarca, que liderava uma espécie de culto familiar (a família, no entanto, consistia em todas as gerações ainda vivas e todo o pessoal que trabalhava para elas). Desde a chegada dos hebreus ao Egito, na época de José, eles habitavam entre outros povos, um de cada vez, experimentando as influências pagãs desses povos. Portanto, esta apresentação servirá como sua narrativa de nível médio – uma história do povo de Israel versus outros.

Egípcios

No Egípcio a família de Jacó (120 pessoas) viveu entre um povo bem civilizado durante séculos. A cultura dos egípcios era bem avançada em literatura, ciência, indústria, governo e religião. Durante os primeiros séculos de sua permanência no Egito, os hebreus desfrutaram de uma posição de privilégio sob uma dinastia de faraós estrangeiros. Durante este período, os hebreus aprenderam as artes da literatura, a tecelagem de vários tipos de tecidos, contabilidade e um pouco de agricultura. Eles também haviam aprendido as regras da ciência política do Egito e iriam colocá-las em prática mais tarde em sua história. No Egípcio, os hebreus se encontravam entre um povo politeísta e idólatra. O deus principal era o sol, que brilhava como aqui por 12 horas por dia normalmente, um pouco mais durante os meses de maio a agosto e menos durante os meses de novembro a fevereiro. O sol, como um deus, dormia todas as noites. E a religião semeou o medo da noite. No Egito, o faraó era o principal adorador de todo o seu país, e as pessoas na rua não eram tão apegadas aos ritos religiosos. Bastava-lhes que o faraó fizesse o necessário para manter o favor dos deuses. Essa prática, também, os hebreus acabariam aceitando - primeiro Moisés, depois os juízes e, finalmente, os reis serviriam como os principais adoradores da terra.
Pouco antes do nascimento de Moisés houve uma rebelião política e a família real egípcia conseguiu recuperar o trono do país. Eles transformaram a posição privilegiada dos hebreus em escravidão. Graças a Deus, seu povo foi libertado de sua escravidão e eles se tornaram um povo, que desde então tem o nome de

"Israel". Mas muitas influências do Egito permaneceram como parte de sua cultura. Eles se tornaram um povo do livro, em vez de um povo de ídolos.

Os cananeus

Ao chegar à terra prometida, os israelitas se encontraram no meio de outro povo — um povo que Deus havia considerado uma abominação. Enquanto os hebreus estavam desenvolvendo algumas características positivas no Egito, os cananeus estavam se degradando em devassidão em nome de sua religião. Sua cultura não era tão desenvolvida quanto a dos egípcios. Os cananeus não tinham governo central; eles foram divididos em pequenas regiões, cada uma com seu próprio governo - pequenos reis, que não eram mais do que chefes de aldeia, mas armados para contingências. Neste momento, o máximo que sabemos sobre os cananeus é sua indústria e sua religião. Eles eram agricultores e tinham uma religião bem desenvolvida da qual todos participavam, porque a religião estava intimamente ligada à agricultura. O sucesso nos campos ou entre o gado dependia da prática da religião. Eles desenvolveram boas habilidades artísticas, mas a arte estava ligada à religião.

O principal valor dessa colheita era a fertilidade — fertilidade dos campos, fertilidade dos animais. O coração da religião era persuadir os deuses a tornarem os campos e os animais férteis. Essa fertilidade veio, no entanto, graças à intimidade sexual entre o deus principal e a deusa da religião. O principal rito de adoração aos deuses era, portanto, o ato sexual entre um adorador do sexo masculino e uma sacerdotisa prostituta ou entre uma adoradora e um sacerdote prostituto. Era magia pornográfica. A religião, portanto, nada mais era do que devassidão, e Deus ordenou a Josué que livrasse completamente a terra desse povo. Mas os israelitas não fizeram assim.

Os Israelitas e cananeus compartilhavam uma grande parte da terra. Os cananeus tiveram muito mais sucesso em seus campos do que os israelitas. E eles persuadiram os israelitas de que Yahweh era todo-poderoso no campo de batalha – ninguém poderia derrotá-lo. Mas o Deus de Israel, segundo os cananeus, não podia fazer muito no campo de trigo ou milho. A Terra Prometida, era a terra de Baäl, e para ter sucesso nos campos, tinha que ser cultuada como ele queria isso. Os israelitas tropeçaram nisso e, por alguns séculos, os israelitas adoraram a Deus e a Baal ao mesmo tempo.

Os filisteus

Enquanto os israelitas tentavam conquistar a Terra Santa pelo Leste, atravessando o Jordão, outro povo invadia os lugares do lado sudoeste, longe dos israelitas. Estes são os filisteus. Os filisteus eram europeus, comerciantes e transportadores de comércio por mar. Eles, portanto, controlavam uma parte das rotas costeiras entre o Egito e todos os outros países do Oriente Próximo.

Não sabemos por que eles queriam se estabelecer no Oriente Médio. Mas os egípcios conseguiram repeli-los quando tentaram tomar a costa oeste do Egito. Os filisteus também desenvolveram a indústria de produção de armas de ferro

forjado e carros de guerra. Os israelitas tinham apenas espadas de cobre que não podiam fazer nada contra o ferro. As pessoas vinham de todas as partes para comprar armas dos filisteus.
Não sabemos muito sobre sua religião, mas parece que havia uma mistura entre um antigo culto grego e a religião dos cananeus.
Os filisteus não se contentaram em ficar na costa sudoeste do país. O solo não era bom lá. À medida que seus números cresciam, eles tiveram que procurar terras férteis. E quem o controlava? Sim, os israelitas, especialmente depois da conquista. Durante todo o período, portanto, dos juízes a Davi, os filisteus foram o principal inimigo de Israel. Eles foram finalmente subjugados por David e, desde então, não ouvimos quase nada deles. Mas os israelitas tiraram deles a arte das armas de ferro e muitas coisas no que diz respeito ao comércio. Salomão tirou grande vantagem de sua experiência para enriquecer Israel. Mas Salomão caiu na idolatria no final de seu reinado.

Os Assírios

A Assíria ocupou o território que será o Norte do atual Iraque. Bagdad e outras cidades no Iraque datam de milênios. A capital da Assíria, Nínive, não existe mais. Eles eram um povo misto, mas semitas, que significa irmãos antigos dos hebreus. De lá vieram Abraão e principalmente as esposas de Jacó e outros primos da família. Finalmente, Jonas estava liderando um ministério lá também. Os assírios muitas vezes sonhavam em dominar todo o território do oriente, da Índia ao Egito. Eles tiveram altos e baixos em sua história, mas como outros países, não conseguiram se defender de todos os lados ao mesmo tempo. No tempo de Davi e Salomão, e no tempo dos profetas Amós, Oseias e Miquéias, a Assíria defendia suas fronteiras orientais. Mas assim que garantiram essa fronteira, partiram para o oeste com o objetivo de conquistar o Egito e todos os outros países intermediários. Como conquistadores, eles foram brutais. Eles estavam destruindo culturas inteiras por meio de uma política de espalhar povos conquistados por toda parte para não permitir que nenhum grupo se reunisse para formar uma rebelião. O ministério de Isaías nas cortes dos reis Acaz e Ezequias ocorreu neste período. A terra de Israel foi completamente aniquilada pela Assíria. Muitos refugiados morreram em Judá, outros, muito poucos, retornaram durante o período de restauração. Caso contrário, teríamos perdido completamente pelo menos 9 das tribos de Israel. Judá, por outro lado, foi salvo por uma intervenção milagrosa de Deus, de acordo com os relatos do Antigo Testamento.
Imediatamente após a salvação de Judá, o rei Ezequias recebe uma delegação de políticos da Babilônia como embaixada, outro povo conquistado pelos assírios. Mas, eventualmente, os babilônios se rebelarão contra a Assíria e serão bem-sucedidos.

Os Babilônios

Os Babilônios também se regozijaram com uma cultura que remonta muito além da data de Abraão e seu pai Harã. Como os assírios, os babilônios tiveram altos e baixos em seu poder político. O famoso código legal, conhecido como Hamurabi, data do antigo império dos babilônios. O novo império apareceu na plataforma da história durante o ministério do profeta Jeremias. Eles também eram semitas, da mesma raiz que hebreus e assírios. A língua deles e a dos israelitas eram línguas irmãs. Depois de sua rebelião contra os Assírios, eles também seguiam o sonho de manter um império. Foram os babilônios que destruíram o país de Judá e por causa deles não há mais reis no trono de Davi. A expectativa do Messias para os judeus vem desse período.

A religião dos babilônios foi muito bem desenvolvida com a literatura da criação, do dilúvio, da guerra entre os deuses que resultou na criação do homem. O chefe da cidade, o deus Marduk, era aquele que, ao derrotar os deuses rivais, tinha o direito de estabelecer o reino da Babilônia como a capital do mundo inteiro.

Como conquistadores, os babilônios eram muito misericordiosos e valorizavam as culturas das pessoas. Eles permitem que todas as pessoas da mesma cultura viverem juntas, para manter sua linguagem e seus roteiros. Assim, a herança judaica foi salva, segundo a palavra de Jeremias que havia dito que o futuro de Israel permanecia em colaboração com a Babilônia.

Os persas

Os persas são as únicas pessoas do Antigo Testamento que aparecem em cena sem ter uma formação política importante. Isso quer dizer que eles não têm história conhecida antes do 7° século antes de Jesus Cristo, quando começaram a pensar em criar um império próprio. No entanto, eles chegam ao palco da história com uma cultura bem desenvolvida em escultura, arquitetura e literatura. A língua não era semítica como a dos assírios ou dos babilônios. Sua língua era uma ponte entre as línguas da Índia e as da Europa. Usavam, por outro lado, a língua da Assíria, o aramaico como língua oficial. E a escrita era em cuneiforme, ou seja, esculpida por uma faca triangular em barro úmido, com o resultado de vários triângulos de diferentes tamanhos e direções.

Os persas tiveram talvez o mais humano dos imperadores. Poderosos, claro, mas valorizavam todas as culturas e todas as religiões de todos os povos conquistados pela Assíria e pela Babilônia. Ciro II, o primeiro deles, aquele que conseguiu conquistar a cidade de Babilônia, aliás sem luta, foi recebido pelos judeus como um agente de Deus, pois sua política permitia a todos os povos conquistados pelos babilônios a possibilidade de voltar para casa e restaurar suas cidades e templos.

O imperador governou todo o império graças a sábios administradores e à ajuda de nativos em posições importantes. Em Israel, tanto Esdras quanto Neemias tinham tais responsabilidades, onde a lei da Torá era, em sua maior parte, a lei

da região. Os persas imprimiam dinheiro e instituíram um sistema postal para todo o império.

Os persas eram politeístas, mas acreditavam em um deus supremo a quem os seres humanos podiam recorrer. Eles também ensinaram a eterna luta entre o Bem e o Mal (em letras maiúsculas), uma batalha na qual todo homem está engajado. Foi a partir dessa doutrina que várias ideias foram acrescentadas à fé judaica, incluindo Satanás como um anjo independente de Deus e inimigo de Deus, e o paraíso após a morte para aqueles cujas boas obras superaram seus pecados.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor

Lição 5: Os Evangelhos
A Religião Judaica no Tempo de Jesus

Nesta lição, trataremos os Evangelhos como livros de narrativa e pregação no Novo Testamento. Na Lição 4 dissemos que o que chamamos de livros históricos no Antigo Testamento eram considerados pelos judeus como os livros dos profetas porque apresentavam a pregação dos fiéis ao judaísmo.

Além disso, como parte da seção de estudo de fundo, estudaremos a prática da religião judaica no tempo de Jesus e Paulo, com uma breve explicação do que aconteceu devido à destruição do templo no ano 70. Esse fenômeno é importante, porque os Evangelhos, Atos e a maioria das epístolas católicas refletem o período posterior a essa destruição em relação ao contexto do autor e seu público, enquanto as epístolas de Paulo refletem o período anterior a essa destruição.

Curso da lição

1. Comece com uma revisão do versículo para memorizar.
2. A seguir, uma apresentação sobre os evangelhos, seguindo o capítulo 7 do livro texto. Há perguntas para os alunos responderem no caderno.
3. Em seguida, um exercício em grupo, com as seguintes instruções:

Atividade em grupo sobre os evangelhos:

- Observe o contexto histórico na vida de Jesus citado pelo evangelho.
- Faça perguntas sobre o contexto histórico geral que afeta este texto.
- O que o autor fez em um nível literário (por exemplo, procurar relações estruturais, palavras usadas de forma anormal, etc.) dentro e em torno dessa história?
- Compare este relato com os dos outros evangelhos e o relato adequado ao seu contexto.

trabalho principal em Marcos 11.15-19
compare Mt 21:12-17; Lucas 19.45-48, João 2.13-20

Observe que o sermão (tarefa nº 4) deve ser baseado em uma dessas quatro passagens.

Pausa (Deixe os grupos de nível de diploma sair para o intervalo e trabalhar com os grupos de nível de certificado. Instrua-os a continuar o exercício sobre os evangelhos escrevendo as perguntas que fizeram e onde acham que encontrarão as respostas. Deixe-os fazer um intervalo com instruções para voltar e começar a

refletir sobre um sermão sobre uma dessas passagens. E que eles vão fazer isso enquanto outros te veem outro material

4. Finalmente haverá a apresentação sobre a religião judaica no tempo de Jesus para os diplomados. Mais uma vez, o livro contém perguntas para ajudar os alunos a acompanhar esta apresentação.

Apresentação: Os Evangelhos, o que são e como lê-los

Há dois problemas primordiais com os evangelhos:
[*Problema 1*]
Jesus não escreveu nada; Na Bíblia, existem 4 evangelhos.

Por que isso é um problema?

1) Porque no que diz respeito ao sentido da vida de Jesus, são antes os evangelhos que o apresentam a nós, e não o próprio Jesus.

2) Porque o que temos como ensinamentos de Jesus foram escritos décadas depois que Jesus os falou e em outra língua – até Mateus, escrito por um judeu para judeus, está escrito em grego.

3) Porque os evangelistas não nos dão a mesma imagem nem de Jesus nem de seus discípulos, nem dos principais eventos de sua vida, incluindo seu nascimento, o curso de sua vida, o julgamento contra ele, sua ressurreição e suas manifestações após a ressurreição.

No entanto, esses problemas não devem ser exagerados demais. Podemos ter certeza de que a Igreja memorizou o máximo possível dos ensinamentos de Jesus, especialmente aqueles que estavam na forma de provérbios (frases simples), parábolas ou pequenos ensinamentos. Além disso, há o fenômeno do Espírito Santo que, segundo João, foi o responsável por lembrar aos discípulos tudo o que Jesus havia dito.

O fato de existirem quatro evangelhos não é resultado de alguns ritos mágicos ou para refletir os quatro seres vivos do apocalipse. Houve outros evangelhos que apareceram nos primeiros séculos da igreja. A Igreja escolheu esses quatro como padrão para a fé cristã, que apresentava o verdadeiro ensinamento dos apóstolos. Os outros não.

Este curso não é, entretanto, um curso de introdução ao Novo Testamento. Nossa tarefa é saber ler e interpretar esse tipo de material. E trabalhamos nisso por mais de 2 dias. Aqui, há muito pouco a acrescentar.

Contexto, contexto, contexto, contexto

Aqui estamos mais uma vez na fase de perguntar. Para conhecer o contexto, é preciso fazer perguntas, e muitas, sobre os diferentes aspetos dos contextos. Quando falamos de contexto, há várias coisas a apresentar: [*pergunta 2*] Primeiro, há o contexto histórico de Jesus e os contextos históricos particulares dos diferentes evangelistas; e depois há diferentes contextos literários que os evangelistas inventaram.

Quando falamos sobre o contexto histórico de Jesus, queremos dizer muitas coisas sobre sua vida pessoal e a vida em geral na Palestina de seu tempo. [pergunta *3*]
1) Ainda há a geografia de Judá, Galileia e outras áreas da Palestina para entender. Um mapa desta área indica que muito mudou no tempo entre Malaquias e Jesus em relação às linhas de jurisdição política durante a vida de Jesus.
2) Em relação à política, mesmo durante a vida de Jesus houve mudanças. Descobriu-se que quando Herodes morreu, seu filho se tornou rei em seu lugar. E, de acordo com Mateus, José queria evitar viver sob seu domínio. Mas durante o ministério de Jesus, o rei na Judeia foi substituído por um governador, enquanto na Galileia sempre havia um rei.
3) Outra parte da história que deve ser notada são os papéis de diferentes grupos de pessoas na vida social – os fariseus eram professores leigos; e depois havia escribas e sacerdotes; coletores de impostos e outros agentes que trabalhavam para Roma; o Sinédrio; os discípulos e suas origens sociais e econômicas.
4) Socialmente, como os discípulos poderiam seguir Jesus e cuidar de suas famílias ao mesmo tempo. Sabemos que Jesus comeu e hospedou-se com Pedro pelo menos uma vez e ficou com Lázaro e suas irmãs - mas o que eles e os discípulos estavam fazendo?
5) Há também maneiras aceitáveis de pregar nos tempos atuais. Jesus estava usando métodos já aceitos ou ele inventou novos métodos?

Mas devemos fazer perguntas sobre a vida e o ministério de Jesus como são apresentados nos próprios textos dos Evangelhos. Certos eventos ou mensagens são encontrados em diferentes localizações históricas ou geográficas de acordo com os diferentes evangelhos.

No que diz respeito à formação do autor [*pergunta 4*], falamos sobre o que acontece em torno do autor e dos destinatários de sua obra em um período posterior da vida da Igreja. E como todos os evangelhos foram escritos provavelmente entre 65 e 95 não há outros livros na Bíblia que nos digam o que estava acontecendo neste período, tudo o que podemos sugerir são conjeturas mais ou menos estudadas e lógicas. Algumas conjeturas são possíveis, outras são prováveis. Nada mais seguro do que isso.

Agora o contexto literário. Para os evangelhos, há duas coisas principais a serem consideradas ao discutir o contexto literário: [pergunta *5*] 1) os parágrafos individuais (as perícopes), como foram construídos dentro da perícope e uma comparação entre as mesmas perícopes nos outros evangelhos;

2) o contexto do evangelho como um todo – o papel, função e significado de cada perícope no contexto do livro – os outros parágrafos que o cercam e as características de todo o livro.

Lição 5: A Religião Judaica, Era do Novo Testamento

Esta informação é sempre adicional à lição principal. Não há perguntas a seguir no livro de exercícios para os dois primeiros pontos. Veja as instruções na primeira página desta lição. Não é necessário segui-los ao pé da letra.

Adoração, Estudos e Construções

No tempo de Jesus, o judaísmo na Palestina era um pouco complicado, tendo se desenvolvido desde o tempo de Esdras e antes. Havia outros judaísmos em outros lugares. Alguns datavam da conquista de Israel pela Assíria no tempo de Ezequias e do ministério de Oseias. O judaísmo de Israel naquela época já era meio pagão com objetos de adoração idólatras. Outros judaísmos datavam da época do exílio, quando soldados judeus defendiam a Babilônia em outras partes do mundo. O judaísmo oficial retornou a Jerusalém na época de Esdras, mas ainda havia uma comunidade judaica muito forte que permaneceu na Babilônia. Mardoqueu e Ester faziam parte dessa comunidade. E é de lá que vieram os documentos mais importantes do judaísmo, além das próprias escrituras.
Em todo caso, parece que havia dois lados na manifestação pública do judaísmo: o grande culto sacrificial, reservado para o templo em Jerusalém e liderado pelos sacerdotes e saduceus; e o culto de adoração e oração que normalmente ocorria nas sinagogas de cada vila, ou em cada bairro das grandes cidades.
Adoração no templo centrada em sacrifícios. Sacrifícios de ação de graças, dízimos, votos, etc. foram apresentados, todos os dias, sendo o sábado um dia muito especial. E depois havia festas anuais onde havia cerimônias especiais durante os principais dias de festa, como o Dia da Páscoa onde o holocausto era apresentado pelos pecados, Pentecostes, Ano Novo, Festa dos Tabernáculos, etc. Mas nos pátios externos do próprio templo, havia pessoas que pregavam de tempos em tempos, chamando outros à fidelidade. No que diz respeito à teologia do templo, Deus não habitou lá. Deus veio ao templo para encontrar seu povo ali, mas nenhum edifício o continha. O templo no tempo de Jesus não era o de Salomão nem o do período da restauração, mas o templo construído pelo rei Herodes pouco antes do nascimento de Jesus. Foi considerada uma das sete maravilhas do mundo antigo pela sua beleza, pelo seu tamanho e pela forma como foi construída.
Este templo consistia no edifício principal e em uma série de pátios de diferentes tamanhos, cada lugar com seu próprio grau de santidade. Como o de Salomão, o próprio templo tinha apenas dois cômodos em seu interior: o lugar santo, onde somente os sacerdotes podiam entrar com os sacrifícios de pão, grãos e azeite; e o lugar santíssimo, onde somente o sumo sacerdote podia entrar com o

holocausto de expiação uma vez por ano. Desde o desaparecimento da arca da aliança na época do exílio, o lugar santíssimo estava vazio. Ao redor deste edifício estava o pátio dos homens, onde apenas os homens judeus podiam se reunir, ficar de pé, adorar ao Senhor e assistir à apresentação dos sacrifícios. Em frente ao grande edifício, rodeado por uma colunata coberta de varandas, e separado do templo por um muro, estava o pátio das mulheres, ligeiramente maior do que o espaço ocupado pelo pátio dos homens e pelo próprio templo. Do lado desse pátio estava o pátio dos gentios, onde qualquer pessoa fiel a Deus podia ir adorar a Deus; Judeu ou não-judeu. Um cartaz anunciando o risco de morte para os gentios que passavam deste pátio para o das mulheres. Foi na corte dos gentios que Tito, o colega gentio de Paulo se apresentou, mas não mais. Era lá também neste pátio onde ficavam os vendedores de animais e as mesas de troca de dinheiro. Depois de Pentecostes, os discípulos ensinaram ali de acordo com os Atos dos Apóstolos. A profecia de Jesus em Marcos 13 e Mateus 24 fala deste templo. E este templo foi completamente destruído em 70.

No tempo de Salomão até o exílio havia apenas o templo como local oficial de adoração. Mas, em certo período, o judaísmo desenvolveu o fenômeno da sinagoga, um local de encontro para o estudo das escrituras, para os assuntos da cidade ou aldeia e para o culto semanal no dia de sábado. A sinagoga ganhou destaque durante o exílio e entre os judeus da diáspora, quando e onde o acesso ao templo não existia. Foi então que a sinagoga se tornou um local de culto. E mesmo após a reconstrução do templo em Jerusalém, a sinagoga manteve esse papel. Todos os meninos judeus frequentavam aulas de religião na sinagoga, assim como as crianças muçulmanas nas escolas muçulmanas atuais. Jesus costumava frequentar a sinagoga onde estava todos os sábados, em Nazaré, Cafarnaum e em outros lugares quando pregava fora de casa. Não temos certeza, no entanto, quantas vezes ele foi ao templo. Marcos fala sobre Jesus no templo apenas uma vez em sua vida. Paulo frequentava a sinagoga todos os sábados durante essas viagens missionárias. Foi onde, como de costume, ele pregou aos judeus e gentios que assistiam ao culto o evangelho de Jesus o Messias. Paulo era membro da Sinagoga dos Homens Livres em Jerusalém, uma das várias sinagogas em Jerusalém quando o templo ainda estava lá. O culto na sinagoga centrava-se na leitura e explicação da palavra de Deus, cânticos e oração. Foi a base e o modelo de adoração entre os novos convertidos, e não muito diferente do que fazemos hoje.

Não havia nenhum plano específico para uma sinagoga. Normalmente, porém, havia um lugar separado para mulheres e crianças antes que os meninos celebrassem a cerimônia de maioridade na sinagoga, quando finalmente poderiam se juntar aos homens em adoração. A igreja cristã, ao que parece, abandonou essa divisão de princípios, se não de prática.

Vida religiosa

Não se pode apontar para estereótipos dos judeus do primeiro século. Israel, como nação, fora da situação política sob o jugo de Roma, ainda se via como o povo de Deus. Religião e identidade cultural se misturaram de tal maneira que não podem ser separadas, não muito diferentes dos africanos muçulmanos de hoje. E como os muçulmanos, havia diferentes níveis de fidelidade e ardor entre os judeus da época de Jesus, desde os fariseus que serviam como guardiões da lei e do comportamento, até o cobrador de impostos que colaborava com os romanos para ganhar a vida. Atualmente vamos olhar para os diferentes grupos de judeus. Mas mesmo esses grupos não representam necessariamente o verdadeiro coração do judaísmo.

O judeu reconheceu que é membro de um povo escolhido por Deus para um destino maravilhoso de acordo com suas promessas. Os ritos e festas religiosas expressavam a cultura judaica e todos seguiam o que podiam praticar em casa ou na aldeia. Muitos judeus acreditavam que ainda viviam no período de exílio e que, portanto, deveriam seguir as instruções de Jeremias e contribuir para o bem-estar do regime político sob o qual viviam. Estes encontraram maneiras de manter um nível de fidelidade a Deus e sua lei, enquanto viviam entre os gentios e mantinham relações profissionais com eles para fins práticos, sem se contaminar a um nível que causaria dano. No outro extremo do espectro estavam aqueles que não queriam contato com não-judeus para manter pura lealdade a Deus e Suas leis. Entre eles havia até milícias. Apesar das enormes diferenças, todos esperavam o dia em que Deus voltaria e mudaria a situação. É por isso que vemos cobradores de impostos como Mateus e Zaqueu, e prostitutas como Madalena se convertendo. Eles viram a chegada dessa reviravolta e queriam retificar sua condição espiritual para fazer parte dela.

Durante o ministério de Jesus foram feitas perguntas práticas sobre a lei e como interpretá-la e segui-la. Na maioria das vezes, os judeus faziam essas perguntas desde os dias de Esdras. Eles não queriam mais perder a terra prometida, e sabiam que para mantê-la tinham que obedecer à lei de Deus. Seus teólogos parecem ter encontrado o mínimo necessário, e todos os judeus na Palestina ou na diáspora seguiram esse mínimo: circuncisão, sábado e dieta de comida limpa (pura). A circuncisão foi o ato que trouxe o menino para a família de Abraão — o sinal da promessa. Este ato na cultura greco-romana era considerado uma abominação contra o corpo humano. E os romanos e os gregos sentiram um grande desgosto diante dos judeus quando pensaram nisso. Os judeus tentaram manter o calendário judaico com tantos feriados quanto possível. Mas como era impossível para todos irem ao templo três vezes por ano (longa jornada, enorme custo de tempo e dinheiro), eles mantinham estritamente o dia de sábado. No contexto mais amplo do tempo, outros povos mantinham outro calendário sem folga toda semana. Os judeus não trabalhavam aos sábados, não importa quem os empregasse ou quem fosse seu empregador. A sociedade mal tolerava esse hábito. E, finalmente, todos os judeus reconheceram o conceito de coisas limpas e coisas impuras. Para muitos deles, manter a pureza como os fariseus definiam era impossível. Mas, ao contrário, eles podiam ter um cuidado especial com o

que entrava em seus corpos e, portanto, seguiam uma dieta precisa em casa e em público. O público em geral viu isso como uma estranheza que não conseguia entender.
Os fariseus sabiam que se todas as pessoas vivessem apenas o mínimo, Deus não se agradaria de seu povo. Decidiram, portanto, exercer da melhor forma possível todo um sistema jurídico que afete todos os aspectos da vida cotidiana. Eles viam esse estilo de vida como um sacrifício vivo de expiação pelos pecados dos outros. Assim, Deus poderia salvar todo o povo através do sacrifício dos fariseus. Eles também tentaram colocar o maior número possível de pessoas nessa dieta, caso Deus não estivesse satisfeito com o número de pessoas nesse nível de obediência.

Reserve um tempo agora para fazer perguntas sobre como essas informações ajudam a entender o Novo Testamento, seja globalmente ou em passagens específicas. Prepare algumas ideias e deixe a discussão aberta por um tempo.

Neste ponto da apresentação, chame os alunos do nível de certificado para se juntarem à turma para o restante desta apresentação.

Grupos de judeus [*Pergunta 1 na pasta de trabalho*]

O povo de Israel deveria ser um povo santo e puro, não apenas porque Deus os havia separado dele, mas também porque sua vida diária deveria ser caracterizada pela pureza de comportamento e atitude. Os conceitos de pureza e contaminação eram, portanto, muito importantes para aqueles que lideravam a adoração no templo – sacerdotes, e para aqueles que lideravam cultos nas sinagogas – leigos (geralmente Fariseus).
Assim, aqueles que se sentiam os mais santos ou os mais puros pertenciam a um dos grupos de pessoas de influência na fé ou prática judaica. Cada grupo tinha características particulares. Alguns tiveram um papel importante na vida de Jesus, outros não e seus nomes nem aparecem no NT

Chasidim : o Novo Testamento não menciona o nome deste grupo. No tempo de Jesus, eles não eram mais organizados. O título significa "os piedosos", e eles receberam esse título na época da rebelião contra a Síria no 2° século aC e depois. Eles expressaram sua piedade nos níveis espiritual e político – nível espiritual através da observância meticulosa da lei quando os sírios proibiram muitas expressões da lei judaica, nível espiritual porque eram contra o regime sacerdotal que foi estabelecido após a rebelião. Eles preferiram restaurar o trono de Davi. No tempo de Jesus, eles pertenciam aos grupos de fariseus ou essênios ou ambos.

Fariseus :
O grupo chamado de fariseus é o mais conhecido no Novo Testamento, e por vários motivos. A maioria dos pregadores itinerantes no tempo de Jesus eram fariseus. Foram eles que seguiram de perto os ensinamentos de Jesus e o questionaram ou o criticaram. Eles tinham mais influência nas sinagogas, onde as pessoas frequentavam o culto todos os sábados. E depois da destruição do templo, eles foram os únicos que exerceram influência sobre os judeus, e naquela época foram eles que organizaram a perseguição contra os cristãos em todos os lugares. É por isso que Mateus apresenta uma atitude negativa contra eles. Um de seus objetivos era manter o judaísmo atualizado e, como tal, interpretavam o Antigo Testamento com os meios disponíveis na literatura da época para que os textos falassem às pessoas em seus dias atuais. O apóstolo Paulo nos mostra alguns desses meios de interpretação nessas epístolas quando apresenta argumentos baseados em textos do Antigo Testamento.
Acreditamos que a origem da palavra fariseus vem da ideia de separação. Os fariseus se separaram para o ministério de viver e ensinar a lei de Deus. O objetivo, em última análise, era persuadir todos os judeus a viver de tal maneira que agradassem a Deus por sua fidelidade. Assim, Deus pôde ver a atmosfera pronta para receber suas bênçãos e cumprir sua promessa do reino de Deus. O problema era que para eles agradar a Deus consistia apenas em cumprir um número enorme de regulamentos internos de tal forma que qualquer ação que uma pessoa pudesse fazer já era julgada a favor ou contra a lei de Deus. Eles chamaram isso de tradição de regulação. Os fariseus frequentemente criticavam Jesus perguntando por que seus discípulos quebravam a tradição fazendo coisas que não deveriam fazer. E o próprio Jesus não foi excluído de suas críticas. Especialmente os atos de compaixão que ele exerceu no dia de sábado. Jesus lhes diz, no entanto, que sua tradição, em alguns casos, até vai contra a lei, ou que, ao defender a letra da lei, às vezes esquecem o espírito e o coração da lei. Se lermos o Evangelho segundo Lucas, veremos que Jesus amava os fariseus, mas seu coração estava partido por causa deles. Eles encontraram justificativas para sua falta de compaixão pelos outros, e especialmente por aqueles que gostariam de viver como eles, mas para quem esta vida era muito cara. Os fariseus, em sua maioria, tinham dinheiro suficiente para viver sem trabalho árduo e dar o suficiente aos pobres para ganhar um lugar de destaque junto a Deus.

Saduceus :
[Isto é tirado de *O mundo da Bíblia*, páginas 133-134.] "Esse grupo era menor, mas mais influente que o dos fariseus. A maioria vinha de famílias de padres. Eles deram seu apoio aos reis-sacerdotes [no período entre Malaquias e Herodes, o Grande] e mais tarde às autoridades romanas. Sabemos muito pouco sobre a posição religiosa dos saduceus. As famílias dos sacerdotes eram ricas e sua influência vinha do poder que vinha com a riqueza e do fato de que controlavam o culto em torno dos sacrifícios, e tudo o que acontecia no templo.

"O que é certo é que eles não aceitaram os acréscimos que os fariseus fizeram à lei (tradição)" e outros artigos de fé que eles acrescentaram ao judaísmo. "Foi por esta razão que eles não acreditavam na ressurreição que não foi ensinada explicitamente no Pentateuco. »
Os saduceus não tinham muito a ver com Jesus, porque ele não estava no mesmo nível social que eles. Em vez disso, nós os vemos na última semana do ministério de Jesus quando ele estava ensinando no templo. Assim, os saduceus devem ter reagido a ele porque a multidão o ouvia com alegria.

Essênios :

O grupo chamado Essênios não é especificamente mencionado no Novo Testamento. A presença deles em Israel, porém, influenciou muito o que aconteceu ali, especialmente no templo. Os essênios parecem ser uma extensão dos chassidim. Eles seguiram a letra da lei ainda mais dos fariseus, mas ao contrário dos fariseus, eles não ensinaram uma doutrina e prática que permitisse aos judeus viver sua fé na situação atual como os fariseus. Os essênios não aceitaram nem a autoridade política dos saduceus nem a presença dos romanos no território dos judeus. Um de seus objetivos era purificar a terra prometida de ambos. Representavam para os romanos, portanto, a ameaça de uma espécie de terrorismo. Quando havia uma grande multidão em algum lugar, não estava claro o quanto os essênios haviam influenciado o pensamento ou o comportamento da multidão.

Alguns dos essênios viviam em comunidades no deserto onde viviam uma vida de monges esperando o sinal da chegada do dia do Senhor quando iam lutar contra os romanos. Os outros viviam nas cidades com uma vida de devoção e comportamento particularmente rígido, mas mantinham contato regular com os do deserto. Quando Jesus chega à cena da vida na Palestina, os essênios estavam bem cientes do que estava acontecendo e estavam atentos. O Domingo de Ramos, por exemplo, poderia ter sido um sinal para eles da chegada do Messias que os lançaria ao ataque contra os romanos.

Escribas :

Ao contrário dos outros grupos, os escribas são pessoas bem instruídas nas leis da época, a lei judaica, é claro, mas também a lei romana que se aplicava na Palestina. A palavra escriba significa que eles sabiam ler e escrever, mas seu papel era mais importante do que copiar textos bíblicos, o que eles realmente faziam. Também compuseram outros documentos públicos, formularam argumentos jurídicos, como magistrados inquiridores ou advogados de defesa em julgamentos, etc. Eles serviram como conselheiros jurídicos do Sinédrio e dos fariseus através de seu conhecimento da lei judaica, que eles eram responsáveis por preservar e interpretar. No Novo Testamento nós os vemos discutindo com Jesus sobre vários pontos da lei. Mateus 13.52 refere-se a um escriba crente e seu valor para o reino de Deus.

Esses cinco títulos dificilmente representam todos os judeus dos dias de Jesus. A maioria dos judeus tinha um nível mais ou menos fiel de devoção ao Senhor e aplicava sua fé à vida cotidiana em uma situação política e econômica indesejável. Os líderes chamavam esse número maior de judeus pela expressão, ***os povos do campo***. Estas são as pessoas que só queriam um pouco de conforto e paz na vida, uma expressão cotidiana que mostrava que ainda se consideravam seu povo. Eles não tiveram tempo nem desejo de provar sua devoção a Deus diante de todo o público. Mas eles seguiram pregadores que lhes deram uma palavra de Deus. Isso é o que Jesus estava fazendo, e essas pessoas o seguiam em todos os lugares.

Pecadores :

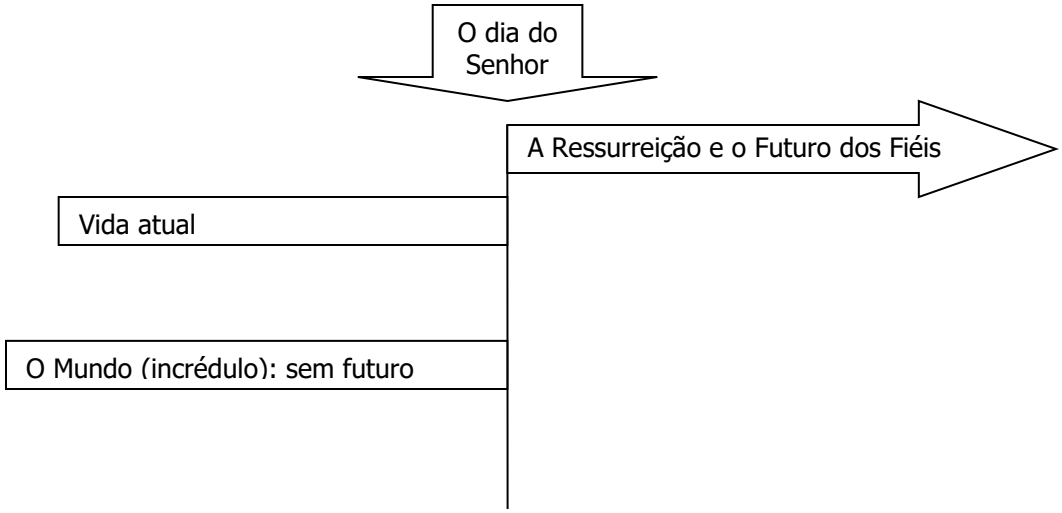
Esta última categoria é uma palavra que se encontra nos Evangelhos. Os fariseus e essênios usavam essa palavra para descrever qualquer pessoa que não expressasse lealdade a Deus, mas vivesse uma vida que considerava devassidão. Essa palavra se referia a pessoas de qualquer estrato da sociedade que assim viviam, seja por vontade própria ou pelo que julgavam ser as necessidades de sua situação econômica (viúvas, por exemplo). Ladrões, prostitutas, bêbados, cobradores de impostos, etc. estavam neste grupo.

Esta palavra também se referia a pessoas que, de uma forma ou de outra, foram afetadas por uma deformidade física, seja por nascimento, por doença ou acidente. Todos esses tipos de deformidades eram considerados uma maldição de Deus sobre os pecados dessas pessoas: leprosos, cegos, surdos, coxos, aleijados, etc., eram todos considerados pecadores. Muitos deles nem podiam participar dos cultos do templo porque, por definição, eram considerados impuros. Quando Jesus curou essas pessoas, ele não apenas os curou, mas também declarou seus pecados perdoados e os restaurou como participantes da vida pública dos membros do povo de Deus.

A fé judaica expressa no lar [*pergunta 2*]
O homem da família judia era responsável pelo desenvolvimento espiritual de sua família, inclusive de sua esposa. Ele liderou momentos de recolhimento familiar e celebrações familiares. Ele também supervisionou a formação religiosa de seus filhos. No tempo de Jesus, o pai também dirigia ou fornecia treinamento profissional para seus filhos. A família expressou sua fé de muitas maneiras.

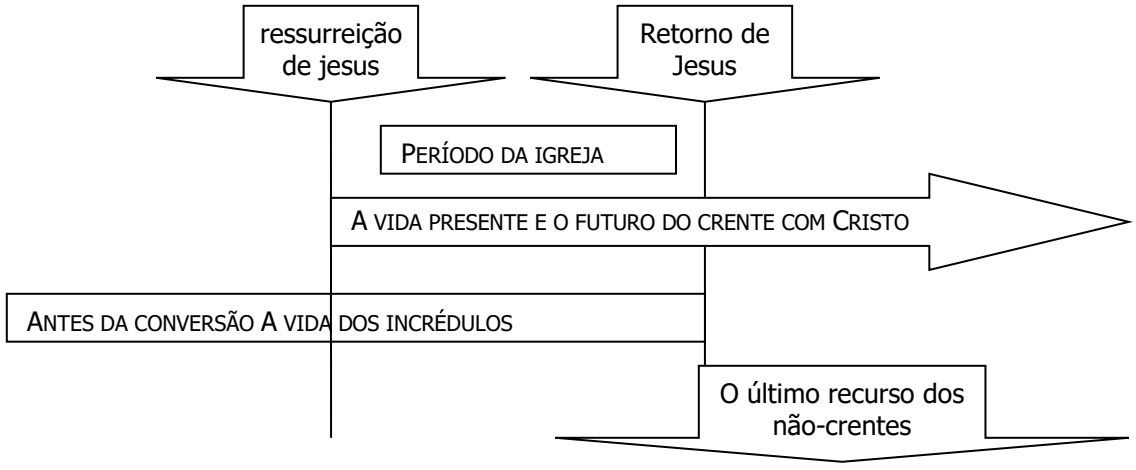
1. Em casa, a família orava em ação de graças pela manhã e em todas as refeições.
2. Ela manteve o sábado judaico e a dieta.
3. Todos os meninos se prepararam para o *bar Mitzvah*, o rito de passagem como adulto na comunidade judaica.
4. A maioria das famílias frequentava os cultos na sinagoga todos os sábados.
5. Eles celebravam cerimônias judaicas.
6. A família também preparou seus sacrifícios quando subiram ao templo em Jerusalém.

Esperança escatológica
Na entrevista entre Jesus e Marta em frente ao túmulo de Lázaro, Marta diz a Jesus que ela acredita que Lázaro ressuscitará na ressurreição dos últimos dias. Esta declaração de sua parte indica que pelo menos uma parte da população judaica acreditava em um evento espiritual e físico que Deus traria na vida de seu povo em algum ponto de sua história redentora. Paulo fala da mesma coisa quando se defende perante o Sinédrio, dizendo que estava ali para defender a doutrina da ressurreição. Mas naquele momento vimos outra reação. O Sinédrio estava dividido precisamente em torno desta questão. E a divisão foi reduzida a um scrum com a troca de golpes.
Durante o período do Antigo Testamento, os judeus não tinham doutrina do futuro. Sua esperança para o futuro era indefinida. As pessoas foram enterradas com suas famílias esperando o que Deus faria. Mas, em princípio, a vida eterna foi definida por uma genealogia. Se você tivesse filhos, eles se lembrariam de você. Mas durante os três séculos antes da chegada de Jesus, os fariseus e outros desenvolveram uma doutrina da ressurreição dos mortos, tirada de algumas passagens bíblicas que não conheço a lista. Foi dito que a injustiça da opressão síria e romana exigia um acordo final de Deus para que seu povo respeitasse seu próprio caráter.
Muitos profetas falaram de um Dia do Senhor, um dia em que Deus reagiria de maneira final contra os inimigos de Israel e restauraria o reino. Os fariseus acrescentaram a esta doutrina a da ressurreição, que todos os que morreram em sua fidelidade a Deus seriam ressuscitados no dia do Senhor. Era a isso que Marthe se referia.
O esquema da esperança escatológica



Transformação desta esperança pelo evangelho e pela Igreja segundo o seu entendimento

A ressurreição de Jesus mudou tudo em relação a essa esperança. Os discípulos sabiam que Jesus realmente havia morrido e voltado à vida, e que seu novo corpo era o da tão esperada ressurreição. Ele foi o primeiro a ser ressuscitado; os outros ainda tinham que esperar. E depois de Pentecostes, os discípulos reconheceram que se beneficiaram *já* das primícias da ressurreição - eles tinham *ainda não* o corpo dos ressuscitados, mas eles tinham o espírito. Eles, portanto, desenvolveram uma esperança escatológica exclusivamente cristã que incorpora a esperança judaica em um período de espera entre a ressurreição de Jesus e a ressurreição final em seu retorno. Este período será chamado o período da Igreja, ou, segundo o livro de Daniel, o período dos gentios. Esta esperança é, portanto, caracterizada por "já, mas ainda não. »



Obviamente Jesus tinha essa nova ideia da ressurreição como pano de fundo de seu ensino sobre o assunto. Os discípulos não entenderam, porque o sistema a que estavam acostumados era muito mais fácil de lembrar. De qualquer forma, de acordo com este sistema, Jesus é a ressurreição e a vida para os crentes hoje e no futuro.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor

Lição 6: Parábolas
A Vida Diária no Tempo de Jesus

Introdução

Esta lição segue mais de perto o gênero da literatura oral chamado parábolas. Ao contrário das narrativas ou contos que ensinam os valores de uma sociedade, as parábolas apresentam uma mudança de valores por meio de uma reviravolta inesperada de uma situação para a qual as reações normais conhecidas não são suficientes. As parábolas funcionam bem quando o público reconhece a situação e a reação normal de acordo com os valores da cultura. Esta lição, portanto, apresentará algumas ideias sobre a vida cotidiana no tempo de Jesus que os textos bíblicos não apresentam porque são parte integrante da formação dos destinatários desses textos.

Curso da lição

1. Uma apresentação das parábolas de Jesus seguindo as ideias apresentadas no capítulo 8 do texto do curso, *Um novo olhar sobre a Bíblia.*

2. Trabalho em grupo a partir de parábolas escolhidas que não as tratadas no texto. Cada grupo trabalhará em uma parábola particular. As instruções para este exercício estão no Livro de Exercícios, mas uma cópia está incluída no material desta lição.

3. Pausa da manhã.

4. Apresentação e correcção dos resultados dos trabalhos de grupo. Algumas indicações serão fornecidas no material. Será uma boa ideia estudá-los antes de iniciar esta lição. Será uma boa ideia consultar outros materiais se estiverem disponíveis. Sugerimos o trabalho de Amar Djaballah, *As parábolas hoje*, Quebec: Les Editions La Clairière, coleção Sentier, 1994.

5. Apresentação (minileitura) sobre o cotidiano no tempo de Jesus. A maior parte deste material é retirada do livro do curso, *O mundo da Bíblia*

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor

Lição 6: Apresentação sobre Parábolas

Interprete as parábolas da história

Na história da interpretação do Novo Testamento, as parábolas tiveram um lugar único por causa do enigma que cada uma delas parece apresentar. Nosso texto, na página 133, nos diz que "as parábolas eram consideradas simples histórias para aqueles de fora, para quem o 'verdadeiro sentido', os 'mistérios' permaneciam ocultos. A Igreja interpretava as parábolas alegoricamente (introduzimos essa prática na lição sobre as histórias do Antigo Testamento) porque também não sabiam interpretá-las da maneira correta. As parábolas, portanto, pareciam enigmas, e mesmo os fiéis não sabiam lê-las ou ouvi-las, exceto pelas instruções dadas pelos sacerdotes ou pregadores.

A Igreja tomou Jesus literalmente quando ele disse que ensinava com parábolas para que as pessoas não entendessem. Você deve estudar cuidadosamente a explicação de nossos autores no topo da página 135 sobre por que Jesus ensinou em parábolas. Jesus esperava que seus discípulos entendessem. Ele se perguntou quando os discípulos não entenderam. No entanto, as pessoas na plateia entenderam. Por outro lado, as parábolas que Jesus interpretou (veja a das quatro terras) não eram simples parábolas, mas verdadeiras alegorias.

Devemos começar nosso estudo da interpretação das parábolas, portanto, com a ideia de que Jesus pretendia se fazer entender. Assim, como vimos nas primeiras aulas deste curso, antes de fazer uma pergunta sobre as implicações de um texto, devemos primeiro fazer perguntas históricas e literárias. Desta vez a questão de como funcionavam as parábolas no tempo de Jesus. E aqui está o que nossos autores nos apresentam da página 135 no meio da página.

Trabalhando com as parábolas de Jesus

[*Pergunta 1 na pasta de trabalho*] Acabo de dizer que a parábola das quatro terras é uma verdadeira alegoria e, portanto, deve ser interpretada como tal. Mas há outros tipos de ensinamentos que tocam na categoria mais ampla de parábolas. Há Primeiro parábolas reais, como o Bom Samaritano, onde uma situação cotidiana é apresentada de tal forma que o público reconhece reações normais. Mas na parábola, o professor apresenta uma reviravolta inesperada. Veremos isso agora. Em segundo lugar, Jesus estava usando o que chamamos de semelhanças, como a comparação entre o reino e o fermento que trabalha toda a massa. Em terceiro lugar, Jesus usou metáforas simples, como "vós sois o sal da terra. » Quarto, em casos raros, Jesus usou alegorias reais. Mas aqui é preciso ter cuidado, porque tudo o que parece uma alegoria não é.

(Há uma discussão sobre essas ideias na página 135.)

Quando se trata de parábolas reais, você precisa saber como elas funcionam para entendê-las. Na verdade, cada ouvinte pode interpretar de uma maneira ligeiramente diferente. Eu explico durante a apresentação. Primeiro, a mensagem não está escondida na parábola, mas a mensagem é a reação esperada da audiência. E como diferentes pessoas na platéia têm diferentes origens e situações sociais, suas reações não serão todas iguais. [*Edição 2*] Como funciona ? A parábola descreve uma situação. Tomemos o dos trabalhadores que trabalham em horários diferentes. Na plateia, todos se identificam com um elemento da parábola, seja o dono, ou quem trabalhou o dia todo, ou quem trabalhou apenas algumas horas. Pela reação das pessoas, podemos adivinhar que normalmente o proprietário vai pagar por hora. A reviravolta inesperada é que este proprietário paga por dia. Os proprietários na platéia reagirão a essa reviravolta de uma certa maneira. Aqueles que trabalharam o dia todo reagirão de maneira diferente. E aqueles que procuravam trabalho sem encontrá-lo até a última hora reagirão de outra maneira. E agora, devemos vincular essa reação ao fato de Jesus falar do reino de Deus, que tem valores diferentes dos deste mundo. Os autores do texto dizem que a parábola, portanto, morde. Para interpretar uma parábola, devemos reformulá-la de modo que ela ainda permaneça cortante em nosso contexto. Por exemplo, um homem recebeu uma grande entrega de areia e entulho para mover antes que pudesse começar a fazer cimento.

A exegese das parábolas O texto fala de dois passos para interpretar uma parábola. [*Edição 3*] O primeiro passo é encontrar os pontos de referência. Você tem que ouvir bem para entender o que é. Metade dos alunos não ouve, então eles também não entendem, e vão à falência durante os exercícios. Quando falamos de pontos de referência, estamos falando apenas da própria parábola – para não mencionar o contexto geográfico ou literário; para não mencionar outras passagens bíblicas; sem procurar algo fora da parábola em nossa vida diária. Um ponto de referência é um elemento dentro da parábola com o qual os membros da audiência podem se identificar. No caso da parábola dos trabalhadores, as pessoas se identificam com o dono, com quem trabalhou o dia todo, ou com quem procurava trabalho, mas não o encontrou até a última hora. Portanto, há três pontos de referência. Na parábola do filho pródigo, ainda há três pontos de referência: O que eles são? O pai, o filho pródigo, o irmão mais velho. Apenas mais três. Os falsos amigos do filho, os criados da casa, os convidados da festa são apenas detalhes que completam a história. Não é difícil se você ficar dentro da parábola e não falar sobre outras coisas fora dela.
O segundo passo para interpretar uma parábola é tentar entender o público no tempo de Jesus e como eles reagiriam. Não é tão simples quanto o primeiro passo. Mas começamos com tudo o que podemos saber sobre o tempo e o público. Vivem no campo e trabalham a terra, ou vivem na cidade com outros interesses? São escravos ou homens livres; rico ou pobre? Eles trabalham ou colaboram com os romanos ou os toleram ou os odeiam? O que podemos saber

sobre sua cultura e seus valores? Para isso temos cursos introdutórios do Novo Testamento e livros que nos ajudam a entender. A partir daí adicionamos um pouco de imaginação bem informada.
Finalmente, tentamos encontrar ou adivinhar a maneira normal de agir ou reagir na situação descrita. No caso do filho pródigo, por exemplo, a reação do filho mais velho é a reação normal. Você não deve ter qualquer relação com a criança. Eles o consideram morto e não falam mais sobre ele. No caso do Bom Samaritano, a história não deveria apresentar um samaritano, mas um fariseu, porque tal história estava lidando com as fileiras dos religiosos – o sacerdote, o levita, o fariseu. Mas que Jesus atribui a um samaritano o papel de nos ensinar como agir nesta situação – não! Você terá a tarefa de fazer isso em um momento, e já aviso que esta parte do exercício levará tempo e discussão.

A interpretação das parábolas

Nas páginas 144 e 146 temos dois pontos em relação à hermenêutica – como apresentar as parábolas a um público de nosso contexto e nosso tempo. [*Pergunta 4*] Na página 144, no terceiro parágrafo, o autor apresenta o primeiro ponto dizendo "pode-se até tentar refazer a história de tal forma que com novos pontos de referência, nossos próprios ouvintes possam sentir a alegria ou a raiva que os ouvintes sentiram originalmente. A chave para esta frase é a palavra "sentir". Nossos ouvintes devem sentir alguma coisa. Sentir emoções ou sentimentos é mais importante do que entender um significado como se a parábola fosse uma proposição de algum tipo. Os autores nos deram um exemplo de como fazer isso, e você pode fazer o mesmo usando referências de sua cultura. Há rivalidade suficiente entre tribos e nacionalidades para que seja simples.
A segunda sugestão é "mergulhar" nos ensinamentos de Jesus sobre o reino de Deus. Portanto, estude o último parágrafo deste capítulo para ver um poderoso resumo desse ensinamento. Ao ver este resumo, você poderá criar outras novas parábolas para proclamar a vinda do reino. Além disso, a urgência desta mensagem deve ser anunciada. O reino já chegou e em breve será cumprido. Vimos no final da última lição os padrões de esperança escatológica dos judeus do tempo de Jesus e como o evangelho transformou essa esperança na verdade do "já, mas ainda não". As parábolas apresentam essa verdade de uma maneira bem diferente.

Fim da apresentação

Agora passe para o exercício da parábola.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor

Lição 6: Trabalho em grupo sobre parábolas

Aqui está uma cópia do que os alunos têm no livro de exercícios.

Instruções

1. Situar a parábola em seu contexto literário (o Evangelho trata de qual assunto neste ponto do texto, como a parábola se relaciona com as outras passagens ao seu redor, etc.)
2. Determine os pontos de referência DENTRO da parábola.
3. Determine o público da parábola no ministério de Jesus.
4. Usando a imaginação e todas as informações disponíveis sobre a vida no 1er século, discuta o que o público teria pensado ser a reação esperada à situação descrita pela parábola.
5. A partir daí, determine a curva inesperada da parábola.
6. Tente formular a reação que Jesus queria que os membros de sua audiência fizessem.

Grupo 1 Marca 4.30-33
2 Mat. 21:33-41
3 Mat. 24.45-51
4 Lucas 11.5-8
5 Lucas 15:4-7

Os alunos devem responder as seguintes questões no caderno. Abaixo você encontrará ajuda para a questão nº 4 para cada uma dessas parábolas. .

1. Contexto literário
2. Pontos de referência
3. A audiência a que Jesus se dirigiu
4. A ação esperada de uma situação apresentada na parábola
5. A virada inesperada
6. A reação que Jesus antecipou.

Informações que ajudarão a responder à pergunta nº 4:

Marcos 4.30-33

*Explicação:*O mostardae (algumas versões) e o mostarda (outras versões) são a mesma coisa. A palavra "mostarda" vem do latim, enquanto a palavra "mostarda" é de origem grega.

Normalmente pensa-se que esta parábola enfatiza o fato de que um grão muito pequeno pode produzir uma planta grande, como se plantas grandes precisassem de grãos grandes ou grãos pequenos apenas produzissem plantas pequenas. E a parábola tem esse lado de reações do público. Eles estavam esperando que o reino começasse com sinais nos céus e na terra com muito brilho e fanfarra, como fogos de artifício ou uma explosão onde o velho será completamente destruído para dar lugar ao novo. Mas Jesus apresenta o reino começando tão pequeno e tão quieto que você mal consegue ver.
Mas há todo um outro lado nesta parábola. Jesus é encontrado na Galiléia entre as pessoas que vivem por terra e mar. Eles sabem mostarda. A mostarda é uma especiaria cujo grão é moído para preparar um pó amarelo ou marrom. E como outras especiarias não é preciso muito para sofrer a longo prazo. Além disso, esta planta ocupa muito espaço no solo e sufoca outras plantas nos campos. Muitas vezes, portanto, a mostarda é considerada uma erva daninha e os agricultores, quando a veem, a removem dos campos. Para os agricultores na platéia, portanto, a ideia de semear mostarda os inspira com reações ruins. Mas o inesperado é que a planta, como Jesus a descreve, serve não apenas para produzir seu grão, mas também para dar abrigo e proteção.

Matt. 21.33-41
Aqui a audiência são as pessoas da cidade, e precisamente as várias fileiras daqueles que se preocupam com os rituais da religião e o ensino da lei (veja a lição anterior).
A parábola não é uma alegoria mesmo que se encontrem ligações entre os servos do dono e os profetas do Antigo Testamento. Reflete as práticas da época dos ricos empresários que viviam na cidade e que possuíam terras em outros lugares alugadas para pessoas que podiam manter o aluguel até 50% do que a terra produzia. Nesses casos, um proprietário nunca deve visitar suas terras ou seus inquilinos. As autoridades civis o protegeram e acompanharam de perto as transações que tocaram o solo. No caso desta história, o que se esperava é que o proprietário, desde a primeira ação, punisse com rigor tanto aqueles inquilinos que o trataram assim como aqueles criados. A paciência do proprietário é completamente inesperada. Sem uma reação dele, os viticultores devem ter pensado que ele estava morto. Se sim, quando o filho chega, ele era o único obstáculo entre os viticultores e a terra. Mas, o proprietário ainda está vivo. Assim, o público soube imediatamente o que tinha que acontecer. E eles são pegos na armadilha. Desta vez, o inesperado não é a reação do dono, mas o fato de todos se colocarem no lugar dos servos assassinos.

Deve-se notar que esta parábola, e especialmente o ensinamento que a segue, anuncia também boas notícias. A citação do Salmo 118 anuncia a reconstrução graças à mão de Deus. E, deve-se notar também que no momento em que Jesus pronuncia esta parábola, ele ainda está vivo e os outros ainda têm a oportunidade de responder como deveriam. O proprietário busca apenas os frutos de sua terra.

Matt. 24.45-51

Aqui o contexto literário coloca Jesus no Monte das Oliveiras em frente a Jerusalém, conversando com seus discípulos. É o discurso apocalíptico que parece falar da destruição de Jerusalém e seu retorno. Mas esse discurso também está carregado de ética cristã. Mateus coloca esta parábola neste contexto literário enquanto Lucas a coloca em outro contexto completamente diferente. Ou seja, esta parábola não tem nenhum sentido escatológico de prioridade.

A história vem do cotidiano de Jesus e seus discípulos. Especialmente em um contexto de vida citadina, há pessoas ricas que viajam, seja a lazer ou a negócios. Na época, não tínhamos correspondência eletrônica como hoje. Não era necessário que o proprietário informasse seus empregados da agenda de suas viagens. Basta que os servos sejam fiéis. A escolha entre ser fiel ou não sempre existiu, e os discípulos podem ter conhecido casos em que um gerente tratou outros servos da maneira descrita nesta história. Mas isso era sempre o inesperado, tanto por parte dos donos quanto por parte dos criados. Já um gerente teria sido escolhido graças à sua lealdade ao proprietário e seus interesses.

Duplamente inesperado é o fato de que aqui se trata de Jesus falando com esses discípulos. Ou seja, tal escolha será possível mesmo para os discípulos de Jesus, aqueles que foram escolhidos e que até agora lhe foram fiéis (exceto, é claro, Judas que em breve o trairá).

Lucas 11.5-10

Aqui, o contexto literário mais amplo é Jesus em seu caminho da Galiléia para Jerusalém. Nesta parte do livro, Lucas salta de um lugar para outro e de um tópico para outro em uma ordem que só ele entende. Imediatamente antes desses versículos, Jesus parece estar sozinho com seus discípulos e está ensinando-os sobre a oração. O contexto muda rapidamente no versículo 14.

A parábola refere-se a práticas em torno da ideia cultural de atender às necessidades daqueles amigos, e até de outros, que estão viajando e de passagem. Esses costumes datam da época de Abraão e talvez até antes dele. Djaballah diz: "A hospitalidade e a hospitalidade são sagradas no antigo Oriente Próximo, mesmo quando se trata de visitantes inesperados" (As Parábolas, 204).

A chegada de visitantes exige a preparação de uma refeição. Todo mundo sabe disso. E tal necessidade pode acontecer a qualquer um. Tarde da noite, não há lojas abertas para atender às necessidades. É necessário, portanto, buscar entre seus vizinhos, que devem responder com o que têm para ajudar os necessitados. Todos sabem disso, e todos responderão afirmativamente à situação para salvaguardar sua honra. (A palavra "importunidade" no v. 8 significa que o próximo se levanta pela única razão de não perder sua honra e reputação na comunidade.) A resposta à pergunta que Jesus faz será, portanto, não! Impossíveis! Um vizinho nunca reagirá dessa maneira, recusando seu vizinho, mesmo que levantar do tapete e abrir a fechadura da porta acorde todos na sala.

A outra coisa inesperada é que Jesus apresenta Deus e a oração dessa maneira. Deus, um próximo, perto de nós que, por sua própria honra, atenderá às suas verdadeiras necessidades quando você as apresentar a ele. E esse é quem no v. 10 golpes. Não é necessário ser sacerdote, levita, escriba ou fariseu. Aquele que mora em uma casa de um cômodo, que dorme em uma esteira cercado por sua família, é um vizinho de Deus.

Lucas 15.4-7

Neste caso, Lucas indica que a audiência tem um caráter duplo: isto é, havia fariseus e escribas de um lado, e cobradores de impostos (colaboradores de Roma) e pecadores (a classe mais baixa da sociedade) que viviam desonestamente para se manterem vivo. A parábola parece ser uma resposta às observações do primeiro desta audiência, e Jesus usa uma imagem que por um lado reflete a condição dos pecadores. No primeiro século, os pastores não eram considerados pessoas confiáveis. Em João, quando Jesus fala de pastores empregados, fala mal deles, chamando-os de ladrões que procuram entrar e roubar, ou que saem do rebanho quando vem o perigo. O primeiro inesperado, e talvez até chocante, é usar a imagem de um pastor para falar do reino de Deus.

Mais uma vez, a situação vem da vida cotidiana. Um rebanho de 100 ovelhas geralmente pertencia a uma aldeia inteira. Aqui todos eles pertencem à mesma pessoa. Assim, alguém tão rico poderia pagar as pessoas para irem em busca do perdido. Mas, não, é ele mesmo que vai para lá. E aí, quando chega em casa, comemora e convida os amigos e vizinhos. A festa provavelmente custou mais do que o valor das ovelhas.

O outro inesperado nesta parábola, com a explicação de Jesus, é o próprio Deus que vai em busca dos perdidos. Ele os carrega em seus braços. É claro que Deus pede arrependimento, mas em vez de punição ou isolamento (veja a esposa de Oseias), todo o céu se alegra com a conversão. Foi isso que chocou os fariseus e outros que se sentiam fiéis no rebanho de Deus.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor

Lição 6: Introdução, Vida Diária nos Tempos de Jesus

Este material foi retirado dos dois livros seguintes:

Alexandre, Pat, ed. *O mundo da Bíblia*. Etienne Huset, Monique Rossel e Jacques Blocher, tradutores. Bâle, Suíça: Edições Brunnen Verlag, 1996.

Briand, Jacques e Quesnel, Michel. *A Vida Diária nos Tempos Bíblicos*. Paris: Bayard, 2001.

Introdução

Apresentar este tópico em cerca de uma hora é quase ridículo quando você pensa em todos os tópicos que tal apresentação pode abordar – indústria, economia, vida familiar, valores sociais, política, religião e sua importância, entretenimento, etc. Antes de embarcar nesta apresentação devemos lembrar o porquê deste tema. Qual é o objetivo por trás da apresentação? Muito simplesmente, o propósito desta apresentação é ser capaz de ler e interpretar melhor o Novo Testamento. As parábolas servem como uma ponte entre o texto da Bíblia e a vida das pessoas no Novo Testamento. Algumas dessas idéias já foram apresentadas no curso de introdução ao Novo Testamento. Para eles, esta apresentação servirá como um lembrete.

A situação política e cultural

Durante os quatro séculos anteriores ao nascimento de Jesus, uma série de guerras, conquistas e ocupações estrangeiras para manter a paz em Israel criaram uma situação política e cultural única em Israel. A base da cultura judaica era a lei do Antigo Testamento interpretada pelos profetas e em parte pelos fariseus do primeiro século. Mas a literatura, o teatro e o desporto dos gregos também encontraram um lugar na cultura. A língua materna de todos os pobres era o aramaico, a língua que os judeus aprenderam na Babilônia. Mas muitos deles e todos os que estão nas classes mais altas da sociedade também falavam grego. Portanto, a cultura em Israel era uma mistura bastante judaica, mas com muita influência grega. Até mesmo os fariseus usavam o sistema de raciocínio grego para ensinar. A influência grega foi muito maior nas grandes cidades da Galileia e Samaria e em Jerusalém. Na época, a Galileia era chamada de Galileia dos gentios por causa dessa influência. No entanto, em aldeias como Nazaré e pequenas cidades como Cafarnaum, a vida era simples centrada em torno da sinagoga como preservadora da cultura e literatura judaicas baseadas, é claro, na lei e nos profetas. No entanto, Nazaré era uma vila a serviço de uma grande cidade chamada Séforis, cidade onde a influência grega era enorme. Na Ásia Menor, de onde vem Paulo, e onde estão localizadas as grandes igrejas do Apocalipse, a influência da Grécia foi total.

Sessenta anos antes do nascimento de Jesus, os líderes dos judeus convidaram os romanos a vir à Palestina e manter a paz por causa da ameaça de guerra civil entre eles. Aqueles que esperavam restaurar o reino queriam um herdeiro para a família de Judá no trono de Israel em vez de manter um governo sacerdotal como nos dias de Esdras. Os romanos, portanto, forjaram uma aliança com as famílias dos sacerdotes para que os sacerdotes mantivessem seu poder em Israel, pois o exerciam de acordo com a vontade dos romanos. Os romanos mantiveram a paz com uma força armada muito grande e uma presença muito visível em toda parte em Israel e especialmente em Jerusalém durante todos os feriados judaicos.

Na maior parte, os romanos odiavam os judeus e os judeus odiavam os romanos. Mas de vez em quando viam-se romanos que apreciavam a vida, a mensagem e a esperança dos judeus, especialmente aqueles cuja esperança incorporava um lugar para os gentios no futuro de Israel. Esses romanos tinham o direito de participar como auditores na vida da sinagoga. O mesmo fenômeno foi encontrado em todo o império e, eventualmente, o cristianismo foi reconhecido por eles como um judaísmo universal. Os gentios podem participar dela, graças a Cristo, plenamente na vida de fé e da Igreja sem passar pela faca para se tornarem judeus.

Economia

A vida econômica não era muito diferente da África. Não havia grandes indústrias. A maioria da população se dedicava à agricultura, à alimentação e ao sustento. O calendário anual tinha estações quase o ano todo, com múltiplos períodos de colheita. Os principais produtos foram trigo e outros cereais, vinho, azeite, peixe, lã e linho e carne de carneiro. Claro que havia outros vegetais e frutas.

Havia também pequenas indústrias, artesãos (o pai de Jesus era artesão) e comerciantes. Eles trabalhavam como clientes dos ricos. Além disso, Israel guardava as rotas comerciais entre os diferentes cantos do mundo, então os romanos ganhavam muito dinheiro com um serviço alfandegário que impunha taxas a todos os produtos que passavam pelo território. Havia outros impostos também. Existem várias palavras para impostos no Novo Testamento que indicam os diferentes tipos.

Como parte da economia, a ideia de relações econômicas também deve ser apresentada. Havia dois sistemas de tais relações: a escravidão e a relação patrão-cliente. A única semelhança entre a escravidão da época e a da história da África é que os escravos eram propriedade de seu senhor. A maior parte do resto do sistema era muito mais caridosa. O escravo sempre tinha a garantia de ter algo para comer e um lugar para dormir com sua família. Os escravos até ganhavam um pouco de dinheiro que podiam guardar para comprar sua liberdade. O senhor de um escravo que pagava por sua liberdade tinha que lhe oferecer um trabalho assalariado para que ele pudesse sempre ganhar a vida. E a lei romana dava direitos humanos aos escravos que sempre se comportavam

bem. A sociedade também exigia que os proprietários tratassem seus escravos com justiça e bondade como expressão de sua honra.
A vida do escravo era mais confortável do que a dos artesãos que tinham que ir sempre em busca de patrões. A sociedade esperava que aqueles que tinham dinheiro o distribuíssem por meio de presentes compassivos e dando trabalho a seus clientes, artesãos, comerciantes, mensageiros etc., que trabalhavam para eles. O rico é chamado de patrão, e o empregado é chamado de cliente. Eles tinham uma relação de fidelidade entre eles. O patrão continuou a dar trabalho a esses clientes, e os clientes mantiveram sua lealdade e sua melhor qualidade ao patrão. Os clientes tinham que se reportar ao chefe todas as manhãs para ver se havia algo em particular para fazer. Um cliente poderia procurar vários chefes, mas fazendo um bom jogo político. O patrão tinha vários clientes de acordo com as necessidades do seu negócio. O pai de Jean e Jacques tinha clientes que trabalhavam para ele regularmente.
De acordo com a filosofia econômica, a totalidade de todos os bens do mundo era fixa. Para alguém obter mais, outro deve perder. O chefe ganha a vida com o trabalho de seus clientes. Mas se alguém fica rico, significa que muitas pessoas ficaram mais pobres.
Finalmente, parece que havia um sistema de diaristas. Veja a parábola dos trabalhadores na vinha em Matt. 20. O proprietário continuou a contratar outras pessoas ao longo do dia.

A Casa
Os ricos tinham casas grandes com um piso construído em torno de um pátio interno onde o sol entrava para iluminar toda a casa. Havia vários quartos, incluindo suítes para acomodar amigos visitantes. Havia vários sinais de luxo, incluindo banhos sagrados privados, móveis e outros ornamentos, louças etc. Os pobres viviam como os pobres da África negra, seja em cavernas ou em casas de barro de um ou dois cômodos construídas em bairros mais ou menos precários. Não havia classe média como tal, mas várias pessoas atuavam como agentes, ou seja, pessoas que serviam tanto aos patrões quanto aos clientes para que uns encontrassem meios de fazer outros trabalharem.

Honra e vergonha
O principal valor de uma família era sua honra. A honra carregava respeito, poder e uma voz importante nas decisões civis. Os homens da família procuravam acumular honra pelo seu modo de vida, pela sua generosidade, pela boa reputação, pela sua sabedoria e seguindo tudo o que a sociedade esperava deles. Mulheres e crianças protegiam a honra por meio de um sistema de vergonha visto de forma positiva. Seu comportamento em público sempre foi exemplar, expressando bondade, paciência e, até certo ponto, compaixão, ainda mantendo distância de coisas sujas, para não manchar o nome da família. A quantidade de honra que pertence a uma pessoa ou família é determinada pela multidão que julga entre si. Matt. 22:15-46 é um exercício na vida de Jesus onde

a multidão dá a Jesus cada vez mais honra enquanto os líderes do povo, os fariseus, herodianos, escribas e até os saduceus perdem a sua. Jesus tinha boas respostas para todas as suas perguntas capciosas. Mateus disse: "Desde aquele dia ninguém se atreveu a fazer mais perguntas a ele. Ele não diz o motivo, mas é porque eles não queriam perder mais a honra de Jesus.

Esta explicação abre outro tópico que precisa ser abordado quando se trata da vida cotidiana em Israel e em todos os lugares no que diz respeito à vida judaica. É a questão das coisas limpas ou puras e das coisas sujas ou impuras. Inclui a diferença entre o sagrado e o profano, mas é muito mais profundo do que isso. Em Atos 10. 14, Pedro, tendo uma visão de um lençol cheio de animais de todos os tipos, disse: "Nunca comi nada imundo ou impuro. E a resposta foi: "O que Deus declarou puro, não o considere impuro". E então lemos em Tiago 1:27: "A religião pura e imaculada diante de Deus Pai é visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se incontaminado do mundo." Tudo e todas as pessoas eram categorizadas como tendo um certo nível de pureza ou sujeira de acordo com sua distância do templo em Jerusalém. No nível mais baixo estavam os gentios e os colaboradores de Roma. Um pouco mais acima estão os leprosos e as prostitutas. E assim por diante. Os fariseus eram os campeões do conhecimento do puro e do impuro.

Jesus, vindo da Galileia, já tinha um ponto contra ele, porque lá na Galileia tinha que ter contato com os gentios, enquanto em Jerusalém se podia viver a vida inteira sem tocar ou falar com um gentio. Mas Jesus também falou com cobradores de impostos, mulheres prostituídas e até tocou em leprosos. Então ele se sujava com frequência.

Tiago, o irmão de Jesus, chefe administrativo da Igreja em Jerusalém era o judeu modelo de seu tempo. Todos, crentes e não crentes, o viam como um verdadeiro santo vivendo entre eles. Sendo crente, parece que ele manteve esses conceitos de pureza e impureza vindos do judaísmo da época, esperamos ainda com alguma modificação que ele havia aprendido com seu irmão. O apóstolo Paulo, que cresceu na Ásia Menor, onde os judeus tinham que manter contato regular com os gentios e tinham que encontrar uma maneira de fazê-lo sem se contaminar muito, ele tentou convencer os outros de que entre os crentes ele não ninguém era impuro, e que todos os crentes deveriam manter relações fraternas com todos os outros, apesar de suas raízes raciais.

A parábola do Bom Samaritano brinca com essa prática de se proteger contra os impuros. A vítima estava impura por causa do sangue que corria. O sacerdote e o levita não queriam se contaminar ajudando-o. Mas quem vem em seu auxílio? Um samaritano, membro da raça considerada a mais impura de todas. Jesus derruba todo esse mundo de definições de limpo e impuro ao contar uma história em que o homem impuro mostra a todos como se comportar na frente de um próximo. Mas desde então, a Igreja sempre foi tentada a cair nela novamente, e definir nossa santidade pelo que tocamos e pelo que não tocamos, em vez de definir nossa santidade pela expressão de amor e justiça, de Deus tocando os outros com sua graça.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno

Lição 7: As Epístolas do Novo Testamento
"Falar em Línguas" / Povos do Novo Testamento

Introdução à lição

[Você verá que há uma forte possibilidade de que você precise ganhar tempo durante esta lição para concluir bem as lições e completar melhor os objetivos do curso. Se necessário, a atividade sobre as epístolas pode ser omitida e a discussão reduzida ao material do capítulo 3 do texto.]

Esta lição trata primeiro das epístolas do Novo Testamento. São, portanto, as epístolas de Paulo e as chamadas epístolas católicas. O livro texto usa dois capítulos para tratar desse assunto, mas designamos apenas o primeiro dos dois para ser lido. No entanto, vamos introduzir algumas ideias que estão na segunda. Portanto, deve-se sugerir aos alunos que leiam este capítulo por si mesmos, pois o material é muito bom.

Como outras lições que tratam de um determinado gênero de textos bíblicos, esta também apresenta outros materiais sobre a vida cotidiana no período do Novo Testamento. Desta vez trata-se de exercícios sobre textos que tratam do fenômeno (ou o) que se chama "falar em línguas", e uma introdução dos povos que se encontram no Novo Testamento fora da Palestina.

Curso da lição

1. Culto da Manhã
2. Apresentação do material do Capítulo 3 em "Um Novo Olhar para a Bíblia" mais o esboço de uma carta normal.
3. Apresentação de alguns pontos encontrados no Capítulo 4.
4. Atividade em grupo *Estas instruções estão na pasta de trabalho*

Leia a Epístola a Filemom e responda às perguntas da página 48 do nosso texto.

a. os próprios destinatários, são judeus ou gregos, ricos, escravos ou outros, quais são seus problemas, suas atitudes, sua situação, etc.?
b. As atitudes de Paulo
c. As circunstâncias específicas que deram origem à carta
d. As divisões naturais e lógicas da carta.

Continuação da apresentação das cartas.

Pausa da tarde

5. Discussão dos textos que tratam do "falar em línguas"

Atos 2.4, 6-8
Atos 10.44-46; 11.15-17; 15.7-9
Atos 19.5-7
I Cor. 12.7-12; 14.2-12

6. Atividade em grupo em torno desses textos [Novamente, se for necessário ganhar tempo, podemos deixar um tempo aqui para que cada um prepare a Tarefa nº 6, um estudo sobre essas passagens. Mas, neste caso, as questões abaixo servirão de auxílio aos alunos.]

As instruções a seguir estão na pasta de trabalho.

Cada grupo deverá responder às seguintes questões:

a. Qual é a diferença entre o que estava acontecendo em Atos 2 e o que estava acontecendo em Corinto?

b. Como um dom espiritual, o que as línguas fizeram para a edificação da igreja? Em Jerusalém, em Corneille, em Éfeso, em Corinto

c. Quais eram os problemas com a prática de "línguas" em Corinto?

d. Como podemos evitar problemas com a prática do idioma?

7. Apresentação: os povos do Novo Testamento *A maior parte desta apresentação pode repetir o que os alunos aprenderam no curso Introdutório do Novo Testamento. No entanto, certos pontos são muito importantes para a tarefa de interpretação bíblica.*

Fim da lição

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Monitor
Lição 7

Discussão de Apresentação: As Epístolas do Novo Testamento

Os autores de nosso livro escreveram dois capítulos sobre a interpretação das epístolas do Novo Testamento – capítulos 3 e 4. Este é realmente o único gênero para o qual eles fazem isso. Além disso, como no livro esse gênero é o primeiro de que tratam, significa que para eles é o mais simples. No entanto, o fato de escrever dois capítulos sobre esse assunto significa que não é necessariamente tão simples quanto se imagina.
Atribuímos a leitura ao Capítulo 3 do livro e apresentaremos alguns insights importantes do Capítulo 4. O Capítulo 4 é muito mais complicado do que o Capítulo 3, mas se você tiver tempo para lê-lo, valerá a pena.
O capítulo 3 trata mais do assunto do contexto, ou seja, questões históricas e literárias, enquanto o capítulo 4 trata da aplicação das epístolas aos nossos contextos que não são necessariamente os mesmos, ou questões de implicações. Então, vamos dar uma olhada em nossa leitura de hoje: As Epístolas – aprendendo a contextualizar.

Dois tipos de cartas no Novo Testamento

Ao lidar com o tema do contexto, este capítulo começa com a ideia de que no primeiro século há cartas que são cartas reais, e depois há outras que são mais ensaios literários em forma de carta, para as quais nossos autores usam as epístolas de palavras. [*Problema 1*] Qual é a diferença entre ambos? Nas páginas 44 e 45 os autores indicam duas diferenças entre uma carta e uma epístola. A primeira é no nível do caráter: a carta é dirigida a uma situação particular, seja em uma igreja local ou na vida de uma pessoa ou ambas; a epístola é dirigida a um grande número de pessoas de diferentes situações, destina-se ao público em geral. A segunda diferença está no nível da forma: a epístola normalmente carece de um ou mais elementos da letra normal – ou o nome do autor (como a Epístola aos Hebreus), o nome do destinatário (os melhores manuscritos da A Epístola aos Efésios não contém o nome da Igreja), uma saudação inicial (a carta aos Hebreus) ou uma saudação final (a epístola de Tiago). Observe a lista de itens de uma letra nessas mesmas páginas. Estes são os elementos 1, 2, 3 ou 6.

A forma de uma letra

Vamos falar um pouco sobre esses 6 elementos que o livro nos apresenta. Antes de prosseguir, gostaria de acrescentar outro elemento que muitas vezes é encontrado lá. Fica entre os 5° e o 6° elemento. Então vamos chamá-lo de elemento 5 e meio. Esses são outros assuntos externos ao assunto principal da

carta. É como se uma agenda para uma reunião sempre tivesse um último item chamado "diversos", uma carta, especialmente uma carta real, muitas vezes contém uma seção que apresenta "diversos". Como escrever e enviar uma carta é muito caro, você tem que adicionar o necessário a todos os assuntos que você tem que lidar – anúncios, planos de viagem, notícias pessoais, etc. Os elementos indicam os dois tipos de contextos: o contexto histórico é apresentado nos dois primeiros elementos e nos 6°, e claro no desenvolvimento (elemento n° 5). O fato de existir essa forma indica o contexto literário básico. Onde falta um elemento, e pode-se determinar que é mais uma epístola do que uma carta, isso muda um pouco o contexto literário. A discussão na página 45 de várias cartas destaca esse fenômeno.

Na página 45 nossos outros dizem que o elemento variável é o elemento nº 4, o desejo-oração. Nas cartas de Paulo, esse elemento tem dois papéis: primeiro, como oração ou ação de graças, dependendo do título do elemento, e segundo, como introdução aos tópicos que serão abordados na carta.

Vejamos a Epístola aos Romanos. Este elemento começa no capítulo 1, v. 8 e continua até o versículo 17. Várias ideias estão aqui; observe alguns. V. 11: "Desejo transmitir-vos algum dom espiritual.... para que você possa ser estabelecido.» V. 12: «a fé que nos é comum», aqui «a fé» diz respeito à doutrina, ao ensinamento do evangelho que ele lhes apresentará nesta carta (ver também V. 15). E então os versículos 16 e 18 servem como uma introdução ainda mais clara às ideias principais desta carta – a universalidade do evangelho e justificação pela fé em vez de por outras coisas.

Vejamos a primeira epístola aos Tessalonicenses. Aqui é difícil saber onde termina a ação de graças porque todo o espírito da carta apresenta ação de graças. Começa no versículo 2 do primeiro capítulo. A oração provavelmente termina no final do capítulo. Os temas da carta podem ser encontrados aqui. V.6-8. eles são imitadores de Paulo e outros (Timóteo e outros acabaram de voltar a Corinto de uma visita a esta igreja). Paulo repetirá sua vida entre eles e acrescentará a vida que eles deveriam viver como crentes, usando as palavras santificação e santificação. V. 10: Aqui ele introduz o tema da segunda vinda de Jesus, outro tema principal desta carta.

Vejamos a carta aos Gálatas. No versículo 6 do primeiro capítulo encontramos o lugar onde esperamos ver a saudação e ação de graças. Aqui, em vez de dar graças a Deus, ele repreende fortemente esta congregação porque eles estão se afastando do evangelho. A saudação não vem até o final no capítulo 6, versículo 16: "Paz e misericórdia para todos os que seguem esta regra". Em outras palavras, a oração é apenas para um certo número de membros desta igreja – aqueles que seguirão as instruções da carta.

O outro elemento, que é o mais importante, é o número 5, o desenvolvimento. É nesta seção da carta, a maior, que o escritor explica por que está enviando a carta. Aqui está o assunto ou assuntos da carta e seu desenvolvimento. E, uma vez determinado o contexto histórico e como os sujeitos respondem à situação, começam as questões do contexto literário, pois os autores usam todas as

ferramentas de persuasão para convencer os destinatários da verdade que apresentam.

Antecedentes históricos

[*Pergunta* 2] No meio da página 46, nossos autores dizem: "A maioria dos problemas na interpretação das epístolas surgem do fato de serem circunstanciais. Temos as respostas sem sempre saber quais eram as perguntas ou problemas. Às vezes podemos reconstruir as circunstâncias de uma carta, mas temos que ter muita cautela. A mais simples é Primeira Coríntios, onde as questões são mais ou menos apresentadas dentro do texto. O mais difícil e provavelmente 1 João onde parece haver um cisma na comunidade cristã. Várias teorias surgem sobre a causa dessa rutura, os resultados e a situação atual no momento da carta. Felizmente, pode-se ler e entender esta carta sem saber a situação exata abordada.

Nas páginas 47 e 48 os autores nos apresentam três pontos importantes sobre o contexto histórico de uma carta. [*Pergunta* 3] Em primeiro lugar, devemos tentar reconstruir aproximadamente a situação usando todas as informações disponíveis a esse respeito. Para Corinto, eles nos dão muitas informações. Em segundo lugar, adquira o hábito de ler uma carta de capa a capa de uma só vez. Assim, teremos "a visão geral". Não se pode entender completamente as seções de uma carta, os parágrafos, sem ter uma ideia do todo e do papel de cada parte. Terceiro, você deve ler e reler o todo ou os elementos particulares. Leia e releia, e mantenha os olhos abertos para ver o que está lá e o que não está.

[*pergunta 4*] Os autores continuam na página 48 com algumas perguntas sérias a serem feitas durante a leitura. Vamos lê-los. Em instantes você terá a oportunidade de fazer um exercício com essas questões.

O Contexto Literário

Passemos agora aos contextos literários de uma carta. (Página 52 em nosso texto.) Vimos que nos Evangelhos, especialmente nos Evangelhos Sinóticos, os autores escrevem episódios da vida de Jesus. Nas cartas os escritores criam um argumento seguido do começo ao fim. Eles passam de um ponto a outro, mas a linha de pensamento continua por toda a carta. Cada epístola é independente uma da outra e, portanto, é difícil criar regras de interpretação que afetem a todas. No entanto, nosso texto nos lembra que devemos aprender a seguir o fio do argumento, não importa como o autor o apresente: por questões independentes (como em 1 Coríntios), ou por argumentos longos e complicados (como a Epístola aos Romanos). [*pergunta 5*] A primeira regra a ser observada para completar esta tarefa é "PENSAR EM TERMOS DE PARÁGRAFOS. No caso das cartas, os parágrafos são os tijolos pelos quais o argumento toma forma. A chave para entender uma carta é, portanto, distinguir um parágrafo do outro e encontrar a ideia orientadora para cada um.

Mais uma vez, os autores apresentam o que é preciso para encontrá-lo. [*Pergunta 6*] Perguntas literárias a serem feitas podem ser encontradas no topo da página 53.

Passagens com problemas

Por fim, queremos apresentar o trabalho dos autores sobre passagens problemáticas. sua apresentação pode ser encontrada nas páginas 56 a 58. A maioria dessas passagens trata de temas com os quais os ouvintes do primeiro século estavam bem familiarizados, mas para nós essas mesmas ideias parecem estranhas, se não bizarras. Uma pequena lista é apresentada no topo da página 57. Normalmente não pregamos sobre esses assuntos, porque não sabemos o suficiente para lidar com os assuntos. Mas ainda temos que ter uma resposta para os membros da igreja que nos fazem perguntas sobre isso.

Os autores nos dão quatro princípios a serem seguidos para tais versículos:

1. Esses textos não foram escritos para nós. Estamos fora da conversa. Eles lidam com práticas ou ensinamentos não muito comuns da época que estão quase extintos.
2. A ideia norteadora de toda a passagem permanece ao nosso alcance. A partir das sugestões que os autores nos deram, podemos encontrar esta ideia orientadora.
3. (Mas as palavras são minhas) Aprenda a se perguntar o que você pode saber com certeza sobre um texto, o que é provável, o que é possível e o que provavelmente não é possível.
4. Se possível, consulte um bom comentário.

Tratamos das questões do contexto histórico, da situação abordada, e do contexto literário, da forma de desenvolver o argumento. Agora vamos passar para um exercício de aplicação desses pontos. Em grupo, vamos todos ler a carta a Filémon, podemos fazer tudo de uma vez. Siga as instruções dadas no texto e no livro de exercícios.

Deixe para trabalhar meia hora.
Faça as perguntas dos exercícios e aguarde as respostas.
Em seguida, faça as seguintes perguntas:

O que Paulo pergunta explicitamente a Filémon a respeito de Onésimo?

1. Receba-o como irmão, como o próprio Paulo vv. 15-17.
2. Que Onésimo seja enviado de volta a Paulo para servi-lo, como o serviço de Filémon a Paulo, v. 13-14.
O que Paulo implicitamente pede a Filémon? Como podemos adivinhar?
Para libertá-lo. Versículo 16 – chame-o de irmão "ou na carne ou no Senhor" e versículo 21, "você fará além do que eu digo.»
Continue com a breve apresentação do Capítulo 4.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor
Lição 7

Apresentação-Discussão: As Epístolas—Questões Hermenêuticas

No capítulo 4 do nosso livro nossos autores nos dão algumas regras sobre a hermenêutica das letras, ou seja, como aplicá-las às nossas situações. Para não falar muito, eu ainda queria mencionar as regras que eles apresentam.

1. **Primeira regra** *"um texto não pode significar agora o que nunca poderia significar para seu autor e seus leitores.» (parte inferior da página 62) A exegese de um texto nos ajuda a reconstruir a situação. Com a situação temos limites dos sentidos de passagem.*
Ilustração: I Cor. 6. Aqui, alguns irmãos da igreja, tentando expressar sua suposta superioridade uns sobre os outros, levam isso ao tribunal diante de um juiz por causa de um simples erro que poderiam resolver entre si. Paulo chama os juízes, aqueles que deveriam garantir a justiça, ele os chama de injustos. A ação dos crentes é ruim, pois entre ou dentro da igreja eles tiveram que resolver a situação amigavelmente. Esta passagem diz que os crentes não devem exercer seus direitos civis? Obviamente que não. Entre irmãos, mesmo assim às vezes é melhor aceitar o mal do que dar um mau testemunho ao público em geral.

2. **Segunda regra**: *Quando partilhamos situações semelhantes às do **primeiro** século, a Palavra de Deus é o mesmo para nós.*
Várias dificuldades surgem com esta regra. 1. A primeira é que muitas vezes o que parece ser a mesma situação não é. As regras da sociedade em relação ao papel público das mulheres mudaram significativamente desde o primeiro século. Várias instruções dadas às mulheres nas cartas, portanto, tratam do assunto do melhor testemunho possível, dadas as regras da sociedade. O que importa hoje é que tanto as mulheres como os homens deem um bom testemunho na vida pública de acordo com os bons costumes da sociedade. Devemos sempre tomar cuidado com a idolatria, no entanto. A Igreja não deve insistir em nenhum comportamento que a boa moral da sociedade não exija.
2. A segunda dificuldade surge quando não temos certeza do significado original do texto. Exemplo: 2 Cor. 6.14. "Não vos ponhais com os infiéis sob jugo estrangeiro.» Não sabemos exatamente do que Paul está falando, mas temos certeza de que ele não está falando sobre o casamento. A palavra "jugo" nunca é usada como descrição de casamento, e espero que nenhum de vocês pense assim. Este versículo provavelmente se refere a algum trato público com incrédulos que requer uma bênção religiosa em um templo pagão. Tal situação pode ser algum tipo de contrato com alguém e abençoado por um feiticeiro.
3. A terceira dificuldade é encontrada quando nossas situações não encontram igual nas igrejas do Novo Testamento. Como a igreja deve responder aos casos

de novos convertidos que são polígamos, seja com várias esposas ao mesmo tempo ou por meio de um ou mais divórcios? Não é o mesmo que um crente que se divorcia ou se casa com uma segunda esposa. Sua condição era parte de sua vida em pecado. Agora que ele ou ela está convertido, o que deve ser feito. Nem mesmo Jesus tratou desse assunto com a mulher samaritana.
4. A quarta dificuldade diz respeito ao que é chamado de relatividade cultural. As instruções precisas dadas nas epístolas respondem às perguntas de uma forma que reflete claramente uma situação cultural que não é a nossa. Ali devemos buscar o cerne do ensinamento e tentar aplicá-lo da melhor forma de acordo com nossa cultura.

Em todo caso, antes de ir para a aplicação de uma instrução de uma epístola, é necessário fazer uma exegese muito, muito boa.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor
Lição 7

Apresentação-Discussão: passagens que tratam de "falar em línguas"

No Novo Testamento há várias passagens que falam de um ou mais fenômenos que levam o título de "falar em línguas". Quais são essas passagens e a que elas se referem? Sobre este assunto, como para todos os outros assuntos, é preciso primeiro exercitar boas regras de exegese, para ver do que as passagens estão falando em seu contexto, antes de passar para o estágio da hermenêutica ou aplicação em nosso tempo.

Em primeiro lugar, deve-se notar que apenas dois autores do Novo Testamento apresentam um fenômeno chamado "falar em línguas", Lucas e Paulo. Jesus não o mencionou, nem em suas longas instruções sobre a chegada do Espírito Santo no Evangelho segundo João, nem em suas últimas instruções aos discípulos em Atos capítulo 1. Não fazia parte da mensagem de João Batista quando ele falava do batismo do Espírito Santo. Nenhum dos outros escritores do Novo Testamento sequer o mencionou.

A apresentação de Lucas em Atos dos Apóstolos

Luc apresenta três episódios em que as pessoas falam em línguas. Uma análise dessa passagem parece indicar que os três estão falando sobre o mesmo fenômeno, pois as testemunhas reconhecem tal como a mesma coisa que aconteceu no dia de Pentecostes em Jerusalém em Atos 2. Essas passagens são Atos 2.4-8, Atos 10.44-47 e Atos 19.5-7. Duas outras passagens referem-se ao segundo desses episódios, Atos 11.15-18 e Atos 15.7-9. Cada um desses episódios apresenta o evento da vinda inaugural do Espírito Santo sobre um certo grupo de pessoas: Atos 2, os 120 discípulos que esperavam o Espírito no cenáculo; Atos 10, a primeira vez que os gentios receberam o Espírito Santo na casa de Cornélio, o centurião romano; Atos 19, a vinda do Espírito sobre os crentes em Éfeso, a quem o evangelho não havia sido pregado em sua totalidade.
Em Atos 10, alguns discípulos acompanharam Pedro até a casa de Cornélio, e reconheceram o evento como o mesmo que havia acontecido com eles no dia de Pentecostes. Pedro explica o que aconteceu com Corneille em Atos 11 e Atos 15. Em ambos os casos ele diz que é a mesma coisa que Deus havia feito para os 120 dias de Pentecostes, mas desta vez foi sobre os gentios que o Espírito desceu. E ele explica novamente que o Espírito purificou seus corações. Em Atos 19, deve-se dizer que nenhum daqueles que experimentaram os eventos de Atos 2 estava em Éfeso naquele dia. No entanto, a maneira como Lucas apresenta

esse evento e sua raridade diz aos leitores que a mesma coisa está acontecendo, um evento inaugural que sinaliza a vinda do Espírito Santo para purificar e capacitar os crentes. Então, para entender o que Lucas está fazendo com esse fenômeno de "falar em línguas", você precisa ver Atos capítulo 2.
Em Atos capítulo 2, versículo 4 fica claro que o Espírito deu aos discípulos a habilidade de falar em diferentes línguas conhecidas. No versículo 8§ fica novamente claro que as pessoas na audiência naquele dia entenderam a mensagem dos discípulos cada um em sua própria língua. Em Atos 2, portanto, esse fenômeno inaugural do dom de línguas foi usado para anunciar o evangelho a pessoas em vários países do mundo, línguas que os discípulos não conheciam. Os discípulos também sabiam que estavam pregando o evangelho a essas pessoas. No entanto, não se pode dizer que durante os outros dois casos que Lucas relata havia pessoas estrangeiras que ouviram o evangelho em sua própria língua. Lucas não diz isso. Tudo o que ele diz e é a mesma coisa com o mesmo resultado.

Neste ponto, também deve-se notar que Lucas apresenta os dons do Espírito, não em uma lista, mas nas provas que ocorrem na vida dos discípulos. Uma "palavra de sabedoria" é dada por Pedro ao selecionar os diáconos, e por Tiago quando o concílio (Atos 15) encoraja os novos crentes gentios. A profecia ocorre em Atos 21:9-11 entre outras passagens. Este livro está cheio de histórias de cura. E continua na mesma. É interessante que Lucas não menciona o que os coríntios acreditavam ser o dom de "línguas".

Paulo e a primeira carta aos Coríntios
Duas vezes Paulo lista (ambos incompletos) os dons espirituais – aos Coríntios e aos Efésios. A lista na epístola aos Efésios parece mais a pessoas do que a poderes particulares. Enquanto a lista na epístola aos Coríntios contém uma série de poderes que certas pessoas possuem graças ao Espírito. As duas passagens que tratam do dom de "diversidade de línguas" encontram-se nos capítulos 12 e 14, com o capítulo 13, sobre o dom e a qualidade do amor, entre eles.
Não está claro o que os coríntios praticavam sob o título "diversidade de línguas". Embora a igreja fosse poliglota básica, sendo Corinto uma cidade cosmopolita, a exigência de um intérprete parece indicar que essa prática era algo diferente de uma apresentação do evangelho em uma língua conhecida. Além disso, a frase inicial do capítulo 13, "línguas de homens e anjos", pode indicar que os coríntios praticavam uma língua extática em vez de uma língua humana. Alguns crentes em Corinto pensavam que já estavam vivendo a vida futura prometida pelo evangelho, e a capacidade de falar uma linguagem "celestial" pode confirmar essa ideia. Não é necessário, no entanto, concluir que este foi o caso. A verdade é que não sabemos exatamente o que eles estavam fazendo.
Três coisas que sabemos, no entanto. Primeiro, que esse dom não fortaleceu a igreja, nem os membros, nem os visitantes que compareceram. Segundo, que

nem todos os crentes têm esse dom (a resposta esperada para todas as perguntas em 12.29 e 30 é Não!). Terceiro, o que os coríntios estavam fazendo exigia muita correção, e essa prática tinha que ser limitada a uma pessoa por vez e apenas com interpretação, e não mais que três pessoas seguidas.

Conclusões

Parece que o que Lucas está falando e o que Paulo está falando não são a mesma coisa. Isso significa que a "diversidade de línguas" praticada pelos coríntios não era evidência de qualquer obra particular do Espírito Santo no crente. Segundo, Dois, ao que parece, não usa essa prática para comunicar o evangelho a quem está de fora. Terceiro, como há apenas uma igreja, e apenas duas passagens que tratam dela, essa prática não deve ser tomada como parte integrante da vida cristã, especialmente porque Jesus não a menciona. Quarto, Paulo parece defender tal prática apenas na vida privada, e surgem problemas quando você pega algo realmente privado e o coloca em público. Quinto, o grande problema entre os coríntios era um espírito de egocentrismo carnal. Cada um queria mostrar-se mais importante ou mais dotado do que os outros, em vez de expressar o verdadeiro amor cristão que se submete um ao outro. A prática da “diversidade de línguas” parece ter sido outra expressão desse espírito.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor
Lição 7

Apresentação: Os Povos do Novo Testamento

Nos tempos do Novo Testamento, a terra de Israel estava sob controle romano, e muitas áreas tinham forte influência gentia, especialmente partes da Galileia e Samaria. Falamos desse período como o período greco-romano, como se as duas culturas grega e romana se misturassem de uma maneira que as tornasse indistinguíveis. Não é de forma alguma esse o caso! Na maior parte, a cultura e a língua grega dominavam toda a região, enquanto a administração política era forte, embora romana, mas o uso do latim como língua não era tão comum, além, é claro, da Itália. em outros lugares do império. Tampouco é certo dos gentios que habitavam a Galileia se eram gregos ou romanos ou outros povos da região. De acordo com achados arqueológicos, sua cultura parece mais grega do que outras. Exceto que a primeira capital romana da Galileia, Séforis, foi abandonada pela administração para outra cidade construída no lago da Galileia chamada Tiberíades, porque os romanos queriam se divertir na água. A capital da Judeia era a grande cidade de Cesareia construída por Herodes, o Grande, junto ao Mar Mediterrâneo. Ambas as cidades eram mais parecidas com cidades romanas, embora os romanos emprestassem e transformassem muitas coisas da cultura grega em suas cidades.

Deve-se notar de qualquer maneira que, mesmo que a cultura grega estivesse em toda parte, havia lugares onde a cultura original ainda era praticada, como o judaísmo. Ao norte da Galácia, por exemplo, estavam os celtas que vieram do nordeste da França e influenciaram muito as culturas britânica e escocesa. Havia também os povos de Chipre e os cretenses, que mantiveram sua cultura original. Barnabé veio de Chipre, e Tito foi enviado para trabalhar entre os cretenses.

Cultura e Povos Gregos

A idade de ouro da civilização grega foi a 5° século aC, o tempo de Malaquias. Já vemos no livro de Malaquias a influência grega em seu estilo de perguntas e respostas. No século IV, Alexandre conquistou todos os países a leste da Grécia até a Pérsia e grande parte do norte da África. E então, dois séculos depois, os romanos começaram sua conquista do mundo, a partir da Grécia e de todo o seu território.

Havia dois níveis da população grega: as pessoas de primeira classe que eram bem-educadas, os filósofos e os membros da população que tinham voz e voto nas assembleias públicas. Eles eram conhecedores das artes. Eles eram principalmente ateus ou agnósticos nos tempos do Novo Testamento, embora

ainda escrevessem com uma inclinação religiosa para ganhar os ouvidos da outra população.
Os outros eram mais artesãos e pessoas da classe baixa, mas que tinham, graças à economia, uma vida não muito difícil. Eles eram bastante religiosos, mas não acreditavam mais nos antigos deuses gregos, porque esses deuses os dececionaram durante um longo período de fome. Esses povos, portanto, inventaram várias religiões por meio do sincretismo entre as religiões egípcia, persa, grega, asiática e babilônica. Alguns até acrescentaram elementos judaicos às suas religiões pagãs. Outros encontraram na religião judaica uma fé real em um Deus santo e um futuro possível através dessa fé. Eles frequentavam cultos e estudos bíblicos na sinagoga judaica. E quando os apóstolos vieram anunciar o evangelho nas sinagogas, eles foram os primeiros a crer nele, porque haviam encontrado em Cristo a possibilidade de ser parte integrante do povo de Deus sem ter que passar pela circuncisão e outros ritos judaicos.
Os gregos adoravam o desporto, teatro, debate público, e os homens se defendiam diante dos juízes, ou seja, não havia muitos advogados, porque todo mundo que sabia estudava retórica – a arte da persuasão. Os livros do Novo Testamento que os abordam usam essa arte e ilustram a mensagem com cenas do mundo da arena. As epístolas de Paulo, exceto aquela aos romanos e as pastorais, foram todas enviadas aos gregos, assim como o segundo livro de Lucas.
No entanto, dois casos especiais devem ser mencionados. A cidade de Filipe tinha uma relação especial com a cidade de Roma até que todos os nascidos de Filipe também fossem cidadãos de Roma. Os filipenses, portanto, sendo de raça e cultura gregas, também gozavam de uma política particularmente romana. E é somente na carta aos Filipenses que Paulo usa linguagem e referências a ser cidadãos do céu.
O outro caso é o de Corinto, cidade, como acabamos de dizer, cosmopolita, com forte influência romana. Localizada na Grécia, é claro, a cidade de Corinto do primeiro século foi construída pelos romanos como local de retiro para oficiais do exército romano. Isso significa que havia muito dinheiro para gastar, e os romanos preferiam gastá-lo em diversões romanas. Pregadores de todas as filosofias e religiões, animadores de todas as diversões e empresários de todas as indústrias vieram em auxílio desses ex-soldados para que pudessem se livrar de seu dinheiro. Além disso, a cidade era um dos maiores centros de transporte marítimo, com outras duas cidades anexas à beira dos dois mares, repletas de armazéns e pedágios para comprar as mercadorias e cobrar impostos.

Os romanos

Como povo, os romanos eram orgulhosos. Sua especialidade era o governo e o estabelecimento e manejo da paz, mesmo a paz era garantida por uma enorme força armada e uma política mais ou menos fascista. Achavam-se conhecedores das artes, mas faltava-lhes o gosto sofisticado dos gregos. As pessoas de honra

usavam seu dinheiro para tornar a vida dos pobres mais agradável, mas o faziam por meio de diversões mais ou menos brutais.
Outras características dos romanos estão impressas no livro *mundo bíblico,* alguns parágrafos são copiados aqui e anexados a esta lição.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor
Lição 7

Os romanos
Trechos de *O mundo da Bíblia*, páginas 300-305

Impérios e Imperadores

O povo estava cansado dos longos anos de guerra. Octávio trouxe-lhe paz. Em 27 a.C. J.-C. recebeu o título de "Auguste". Ele alegou ter restabelecido a república e teve o cuidado de não mostrar seu verdadeiro poder. Ele tinha o exército sob seu controle e foi, de fato, o primeiro imperador do império. Pode-se viajar com segurança por estrada ou por mar. Todos estavam gratos a Auguste pelo que ele havia feito. Jesus nasceu na época de Augusto (Lc 2,1). Seu ministério público, morte e ressurreição ocorreram durante o reinado de Tibério (14-37 d.C.). J.-C.). Paulo viajou durante os reinados de Cláudio (41-54) e Nero (54-68), o imperador a quem apelou durante seu julgamento (Atos 25.11).

Romanos e Judeus

Em 63 a.C. AD, Pompeu, um general romano, ocupou Jerusalém [a convite dos judeus no poder]. Eles primeiro tentaram governar o país através de reis da família Herodes. Quando esta tentativa falhou na Judeia, eles estabeleceram governadores romanos com o título de "procurador". Os romanos, no entanto, tiveram dificuldade em lidar com a religião e o nacionalismo dos judeus. Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) J.-C.) e seus sucessores muitas vezes irritaram os judeus por sua má administração.

Roma há muito tem favorecido e protegido os judeus [através de sua moralidade, ética de trabalho e perícia em contabilidade e escrita]. Paulo era judeu e cidadão romano. Ele achou natural receber justiça e proteção de Roma.

Bom e mau

Apesar de todas as suas vantagens, a civilização romana também teve seus lados ruins. Entendemos que Roma era odiada na Palestina. Os governadores Pilatos, Félix e Festo não estavam interessados nas questões de fé que judeus e cristãos debatiam. Após a queda de Jerusalém (70 d.C. J.-C), os cristãos tiveram que enfrentar outro tipo de problema. O imperador Domiciano (81-96a) exigia que o venerássemos como um deus ("Salvador e Senhor"), o que um cristão fiel não poderia fazer. O livro de Apocalipse foi escrito para encorajá-los a suportar a perseguição. Roma com suas sete colinas (Apoc 17,9°) foi comparada a uma prostituta vivendo no luxo, como a Babilônia no passado.

Os romanos estavam divididos sobre a questão da religião. Muitos adotaram os deuses dos gregos, dando-lhes nomes romanos. Outros se voltaram para filosofias importadas da Grécia e de outros lugares.] Outros encontraram

esperança através de novas religiões, muitas vezes importadas do Oriente, que prometiam uma "salvação" pessoal aos seus seguidores. Essa noção era muito importante, mas não significava a mesma coisa para todos.

Roma e os cristãos

Em Roma, esses diferentes cultos eram tolerados. Mas aqueles que corriam o risco de se tornar uma ameaça para o estado foram banidos. O judaísmo gozava de uma liberdade especial e, no início, era assim também com o cristianismo, porque era tomado por uma seita judaica. Mas com o tempo, os romanos começaram a usar o culto ao imperador como um teste de lealdade. [Os judeus repudiaram os cristãos como uma nova religião, e sob Domiciano eles sofreram muito.]

Os contatos com outras religiões mencionadas no Novo Testamento localizavam-se todos no oriente, na Ásia Menor. Em Listra, Paulo e Barnabé foram levados para Hermes e Zeus (At 14,12-13). Em Éfeso (Atos 19), o famoso templo de Aremios era uma das "sete maravilhas do mundo" (assim como o templo de Jerusalém construído por Herodes). Ártemis era uma deusa oriental da fertilidade com um nome grego. Paulo tomou uma posição em Listra e Atenas: Deus cria, cerca, ama e julga todos os homens.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor

Lição 8: Profetas e Profecia
Feriados judaicos

Explicação Preliminar

O curso, Introdução ao Antigo Testamento, assumiu a posição de que o Antigo Testamento é um texto sagrado que pertence ao cristianismo, e que o cristão o lê de maneira apropriada a um cristão. Quando se trata dos livros dos profetas, no entanto, não podemos ir além do fato de que esses textos representam principalmente a voz do Eterno para seu povo de acordo com tempos específicos, e que a interpretação atual dos oráculos proféticos depende estritamente de seu significado no momento da proclamação original. A atividade principal desta lição é um exercício onde os alunos devem primeiro encontrar o significado original de um oráculo profético mais conhecido pelos cristãos como profecia messiânica, e ainda assim tinha um significado claro na época, que poderia ser um sentido messiânico, mas não necessariamente. A dificuldade, portanto, desta lição é persuadir os alunos de que os oráculos dos profetas atendiam às exigências e condições de seu tempo, e que houve um cumprimento da profecia no tempo do próprio profeta ou poucos anos depois de sua morte. morte que os editores do Antigo Testamento reconheceram como tal.

Curso da lição

1. Apresentação-discussão sobre a matéria do capítulo 10 do livro.
2. Exercite a verificação nº 6 nas pastas de trabalho (na perspetiva profética da linha do tempo)
3. Distribua aos grupos as folhas de explicação sobre os profetas
4. Atividade em grupo. Cada grupo trabalhará com uma passagem particular. As três coisas a seguir devem ser determinadas da melhor maneira possível:

no. A conexão entre a mensagem e as circunstâncias em Israel no momento da proclamação.
b. O sentido e o significado da mensagem no tempo do profeta.
c. Por que e de que maneira o evangelista a citou como uma profecia messiânica?

Isaías 7.10-16 (Mateus 1.22-23)
Miqueias 5.1-5 (Mateus 2.5-6)
Oseias 11.1-7 (Mateus 2.14-15)
Isaías 11.1-10 (Mateus 2.23; Romanos 15.12) [a palavra "descendência" em Hebraico é *ninho* de onde, segundo alguns estudiosos, vem a palavra Nazareno]
Zacarias 9.9-12 (Mateus 21.4-5)

Os alunos podem precisar de sua ajuda com uma explicação mais detalhada de como concluir esta tarefa.

Pausa da tarde

5. Retomada do trabalho em grupo
6. Relatórios deste trabalho
7. Apresentação em feriados judaicos (dependendo do tempo disponível).

Fim da lição

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Monitor

Lição 8: Profetas e Profecia

Apresentação-discussão sobre o capítulo 10 do texto

Este capítulo é um dos mais importantes deste texto e deste curso, pois a história da Igreja está repleta de interpretações errôneas de passagens bíblicas retiradas dos livros dos profetas, justamente porque os pregadores não reconheciam o papel de um profeta no seu tempo. É por isso que os autores começaram com o assunto "a natureza da profecia" para que possamos ler e interpretar tais passagens de acordo com o papel da profecia em Israel no período do Antigo Testamento. Só depois de ter feito este exercício se pode estudar as interpretações posteriores apresentadas pelos autores do Novo Testamento em relação a Jesus. Os autores admitem, desde o primeiro parágrafo, que as mensagens dos profetas estão entre as mais difíceis de interpretar. Muitas vezes é porque não sabemos realmente a situação que eles estão abordando. Às vezes é porque a interpretação popular está errada, mas não sabemos por quê. Além disso, alguns livros que se autodenominam profecias não seguem os padrões apresentados neste texto e, de tempos em tempos, os autores apontam esse fato. Estou falando do livro de Jonas e do livro de Daniel.

O livro de Jonas, ao contrário dos outros livros dos profetas, não tem as mensagens que pregou, exceto por algumas frases curtas ditas em Nínive. O resto do livro é uma narrativa que enfatiza seu espírito de vingança contra os ninivitas e raiva contra Deus. Mesmo no ventre do peixe, quando se arrepende e dá graças a Deus por sua salvação, Jonas não aceita a tarefa que o Eterno lhe deu. O livro, portanto, não fala a Nínive, embora Jonas estivesse pregando ali. O livro fala mais a Israel e contra suas atitudes de superioridade sobre qualquer outra nação, enquanto Deus queria oferecer sua graça a muitos outros deles. Na verdade, o livro de Jonas é provavelmente o mais missionário de todos os livros do Antigo Testamento.

Com relação ao livro de Daniel, já mostramos que na ordem judaica dos livros do Antigo Testamento, Daniel não aparece entre os profetas. Este livro faz parte do gênero chamado apocalíptico que estudaremos na próxima lição. O apocalíptico, como gênero, brinca com o tempo, e mesmo que o livro pareça abordar um tempo futuro, na verdade ele aborda o tempo presente do pregador. Os profetas não brincam com o tempo: dirigem-se às pessoas do seu tempo com uma mensagem para esse tempo que muitas vezes pode ter uma interpretação para um futuro distante, mas não necessariamente. O autor de um livro apocalíptico habita o período que o livro indica ser o futuro e se dirige às pessoas de seu tempo real, que apresenta como o futuro no livro. Falaremos mais sobre isso na

próxima lição. Eu só queria dizer que esses dois livros, Jonas e Daniel, não seguem todas as características dos outros livros proféticos.

A natureza da profecia

Os autores começam esta seção do livro dizendo que a ideia popular do que é profecia não é correta. A profecia do Antigo Testamento não é "qualquer previsão de um evento futuro. A principal preocupação dos profetas era dar uma palavra de Deus ao seu próprio tempo; uma palavra que abordava a situação de Israel no tempo do profeta. O profeta Eli, por exemplo, sempre pregou contra a situação de Israel no tempo depois de Salomão, especialmente no tempo de Acabe e Jezabel. Não há indicação de que sua pregação tenha lidado com qualquer outro tempo além do seu. Ele pregou contra a idolatria dos dois países de Israel e Judá. Sua mensagem, sendo a palavra de Deus, ainda é válida quando aplicada contra os vários meios que nós, em nosso tempo, podemos usar para reconhecer, se não adorar outros deuses. Amós, pregou por pouco tempo na corte de Israel e justamente contra a injustiça social da classe alta contra os outros. O primeiro versículo indica que ele teve suas visões dois anos antes do terremoto. Em uma dessas visões ele viu que Deus iria abalar a terra. Aconteceu no tempo dele e as pessoas começaram a levá-lo a sério porque o que ele dizia estava acabado.
As predições dos profetas, na maioria dos casos, deveriam ser completadas no tempo da audição do profeta. Caso contrário, a mensagem não teria valor, e o pregador não seria considerado um verdadeiro profeta. Observe, portanto, as estatísticas que os autores nos apresentam no topo da página 164 com relação às profecias que tratam do futuro distante.

Agora observe os problemas históricos dos livros dos profetas. O texto cita dois, no topo da página 165. A primeira é o fato de que os livros contêm as mensagens (oráculos) dos profetas, uma coleção de sermões se você preferir. Esses sermões não estão necessariamente em ordem, e o contexto do livro nem sempre fornece o contexto histórico da mensagem. Além disso, a maioria dos livros proféticos não indica onde termina uma mensagem e começa outra. As edições modernas tentam nos ajudar acrescentando os resultados de estudos acadêmicos sobre o assunto.
O segundo problema é o do contexto histórico do profeta. Os autores nos dizem: "Estamos muito distantes dos contextos religiosos, históricos e culturais da vida em Israel no passado.» *Pergunte: Vimos esse mesmo problema com outro tipo de livro da Bíblia, qual?* (Resposta: Epístolas).

A função da profecia

Como tal, quis destacar três pontos que os autores apresentam.

1. A primeira função da profecia é encontrada na página 165, 4° linha abaixo da legenda. Os autores dizem: "Os profetas intervieram para fazer cumprir a aliança. E então eles continuam na mesma página dizendo: "Deus não apenas dá Sua lei, Ele também a executa". Os profetas desempenham o papel de policiais ou magistrados de instrução. Eles dizem às pessoas o que estão fazendo contra as leis da aliança, muitas vezes ameaçando punições que se seguirão se continuarem na mesma prática. O objetivo, então, era motivar o povo de Deus a reverter seu comportamento que não refletia a obediência da aliança.

2. A segunda função está no meio da página 168, no segundo parágrafo, na terceira linha daquele parágrafo. *Dê tempo para que eles encontrem esta frase.* "Eram como embaixadores da corte celestial, que transmitiam ao povo a soberana vontade divina. De fato, o reino de Israel tinha duas pessoas principais como chefes de estado: o rei, que deveria administrar os assuntos do estado de acordo com a vontade de Deus; e o profeta, que anunciava a palavra de Deus ou interpretava as palavras já conhecidas de acordo com a nova situação. O profeta era a única pessoa que tinha direito direto ao tribunal quando queria se apresentar lá. Os reis, portanto, que não deram ao profeta o direito de se aproximar do trono, foram considerados os mais perversos. O pior de tudo foi Manassés, porque durante seu reinado não houve profeta que falasse uma palavra de Deus que não fosse morto instantaneamente.

3. A terceira função está na parte inferior da mesma página (168), último parágrafo. "A mensagem dos profetas não é original. Os profetas foram inspirados por Deus para apresentar a substância do conteúdo das advertências e promessas (maldições e bênçãos) da aliança. A novidade está, como dizem os autores, na forma que as mensagens assumem.

Ilustração: Isaías 5.1-7

Aqui a forma é a de uma canção de casamento que o testemunho do noivo canta para indicar seu amor pela noiva. Ele fala da noiva em termos de uma videira que deve produzir uvas deliciosas. Ele a protege; Ele cura. Mas os resultados de seu trabalho são frutos podres. O versículo 7 indica que o profeta está falando sobre Israel e Judá, e os versículos 5 e 6 indicam o que acontecerá se eles não mudarem seu comportamento.

Ilustrado: Amós 1-2.

Aqui a forma é uma série de sermões anunciando o julgamento de Deus contra todos os inimigos de Israel: 1.3 Damasco (Síria); 1,6 Gaza (os filisteus); 1.9 Tiro (os cananeus); 1.11 Edom; 1.13 Amonites; 2.1 Moab; 2.4 Judá (país rival após a separação, mesmo que sejam irmãos). Tudo isso serve apenas como uma introdução de sete dias. No oitavo dia, os israelitas aguardavam apenas a

pronúncia das bênçãos de Deus sobre eles, seu povo favorito. Mas a verdadeira mensagem começa em 2.6, a maldição contra Israel por causa de todos os seus pecados de injustiça contra os pobres, contra os regulamentos internos da aliança que se encontra em Êxodo 21 e 22, especialmente no capítulo 22.

Agora é a sua vez de ver uma ilustração: *Deixe a classe ver a forma desse oráculo de profecia.*

Zacarias 3.1-7

Qual é a nova forma desta mensagem? (as vestes do sacerdote Josué)
O que significa as roupas brilhantes (a santidade necessária para se apresentar a Deus)
Qual é a mensagem que vemos desde o tempo de Moisés?
(É preciso manter a santidade para se aproximar de Deus;
deve-se guardar os mandamentos de Deus, e as bênçãos virão, incluindo o livre acesso a Deus.)

A Exegese dos Livros dos Profetas

O grande problema com muitos livros dos profetas é que eles não indicam as unidades precisas da mensagem do profeta. É preciso ajuda profissional para saber onde termina uma mensagem e começa outra em tal livro. Também é preciso a ajuda de recursos para conhecer o contexto histórico do profeta, e talvez até da passagem em particular. Oseias, Isaías, Jeremias e Ezequiel ministraram cada um por um longo período de tempo. Uma mensagem particular pode referir-se a um evento específico, ou à atmosfera geral ao longo deste período. É preciso ajuda para saber.
A partir da página 172, no meio da página, os autores tentam nos dar uma descrição geral do período dos profetas. Portanto, observe as três coisas principais: 1) agitação política, militar, econômica e social. Isso aconteceu nos dois sentidos, em direção ao progresso e em direção à perda. 2) Uma enorme taxa de infidelidade religiosa. Os países que acabaram conquistando esse território dizem que "retiraram os dois que os israelitas adoravam". Então havia objetos sagrados, e havia muitos deles. 3) Mudanças na população e nas fronteiras nacionais. Podemos comparar um pouco com o que aconteceu durante o período de colonização na África.
Quando estudamos as epístolas, dissemos que devemos primeiro pensar nas unidades de argumento. *Perguntar:* E as unidades eram o que? (Parágrafos) Quando se trata da vida dos profetas é a mesma coisa – sempre considere as unidades naturais de suas mensagens. *Perguntar:* Como eles são chamados aqui? (Oráculos.) O problema é que você não pode nem confiar nas divisões de capítulos para respeitar as unidades. Exemplo: Isaías 53—o oráculo começa em

52.13. Por outro lado, o livro de Ageu indica a própria data de cada mensagem. Mas é raro nos livros dos profetas.

As três principais formas de oráculos. (Há mais, mas nossos autores começam com uma explicação básica.)

1. Página 175. O "julgamento da aliança. O último parágrafo desta página fornece muitas informações sobre isso. Você tem que estudá-lo bem. Dois é soberano, e os israelitas concebiam essa soberania à imagem de um juiz que executa julgamentos contra a obediência de seu povo. Um exemplo maravilhoso dessa forma é encontrado no primeiro capítulo de Miqueias. Os povos e a própria terra são chamados como jurados para ouvir o julgamento. Deus serve como juiz e testemunha, e é ele quem faz o julgamento. O crime é encontrado a partir do versículo 5. O julgamento é dado de muitas maneiras, mas o versículo 16 apresenta uma sentença bem definida. E assim aconteceu no tempo do próprio Miqueias e daqueles a quem ele transmitiu esta mensagem.

2. Página 176. Infelicidade. Este oráculo anuncia que um período de angústia está chegando (infortúnio), por que isso acontecerá e o julgamento que o acompanha. O livro nos dá bons exemplos suficientes.

3. Página 176 novamente. "O Oráculo da Salvação. Deus anuncia a sua intervenção na vida do seu povo, mas normalmente este anúncio é acompanhado por um apelo ao seu povo para que se transforme também. Perto do final do período dos profetas, é bastante óbvio que tal transformação da parte deles é impossível e, portanto, Jeremias e Ezequiel anunciam que Deus dará ao seu povo um novo coração para poder obedecê-los de todo o coração (Jeremias 31.31 -34; Ezequiel 36.26-32). Os fariseus do tempo de Jesus não reconheciam a necessidade desse novo coração e pensavam que todos poderiam se transformar fazendo o esforço necessário.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor

Lição 8: Atividades

Para trabalhar as ideias de previsão e o segundo sentido que os autores introduzem no texto passaremos às atividades.
EU. *A primeira é pedir aos alunos que apresentem o que escreveram como resposta à pergunta número 6 do livro de exercícios.*

"Em suas próprias palavras, expresse a perspetiva profética da linha do tempo. »

Permita que vários alunos apresentem suas ideias. Procure apontar o que está bom, e sugira algumas correções se necessário.

II! *A segunda atividade é a discussão em grupo descrita na página de introdução da lição. (Pode ser uma boa ideia apresentar o material sobre este tópico de significado secundário, antes de anunciar as instruções para esta atividade)*

Observe as folhas de explicação anexas para os quatro profetas citados no exercício.

Lição 8: Apresentação em feriados judaicos

Para esta parte da lição, use o material do livro O mundo da Bíblia *encontrado nas páginas 119-122. Observe o calendário na página 120 e que a estação de crescimento (estação chuvosa) é entre novembro e abril-maio.*

Lição 8: Folha de Explicações—Isaías

Isaías **nasceu** em Judá em meados do reinado de Uzias (c. 91-740), em um período estável e próspero para o país. Ele viveu, ao que parece, na capital em uma família aristocrática, e exerceu a profissão de padre. Seu chamado para se tornar profeta veio no ano da morte de Uzias; ele se casou não muito tempo depois, e com sua esposa ele teve pelo menos dois filhos cujos nomes são encontrados em Isaías 7.3 e 8.1. Esse período viu a invasão de Judá pela aliança entre a Síria e Israel, a chamada invasão siro-efraimática. O ministério de Isaías cobriu um longo período da história de Judá, provavelmente até a morte de Ezequias.

O reinado de Uzias foi um tempo de grande prosperidade em Judá, tão rico quanto durante o tempo de Salomão, e o mais rico de todo o período do Antigo Testamento. Essa riqueza foi acompanhada por uma atitude por parte do povo de que os deuses dos povos vizinhos, a quem haviam demonstrado lealdade, forneciam essas bênçãos. Eles mantinham, é claro, os ritos israelitas, mas os profetas da época chamavam de adultério a prática de seguir vários deuses. Além disso, a riqueza permaneceu nas mãos de uma parcela muito pequena da sociedade, enquanto o número de pobres aumentava o tempo todo, e os ricos os chamavam de amaldiçoados por Deus e encontravam maneiras de roubar deles o pouco que tinham. Aqui está o fruto podre de que Isaías fala no capítulo 11.

Mas quando Acaz subiu ao trono, foi um momento instável por causa da situação internacional. O império da Assíria (antigo Iraque) havia começado seu ataque para o oeste, e as duas nações da Síria e Israel tentaram criar uma aliança maior para se defender contra a Assíria. Depois que Judá se recusou a se juntar a eles, eles invadiram Judá para forçar essa aliança. É precisamente esta situação que Isaías aborda no capítulo 7. O rei Acaz pediu ajuda contra essa invasão da própria Assíria, que veio em socorro, mas ao preço da submissão ao próprio império. Israel foi completamente aniquilado pela Assíria, e Judá foi reduzido a um país vassalo. Mais tarde, durante o reinado de Ezequias, Judá repetidamente expressou um espírito de rebelião contra a Assíria por buscar alianças com o Egito e com a Babilônia. Isaías estava pregando contra todas as alianças políticas da época como falta de fé em Deus, mas que Deus ainda salvaria a cidade de Jerusalém.

Lição 8: Folha de Explicações—Oseias

Todos os profetas-escritores viveram durante o período da separação dos dois países, Israel e Judá, ou nos períodos de exílio e restauração. Oseias viveu durante o primeiro desses períodos e foi o único profeta-escritor da terra de Israel. Seu ministério durou o longo período de 750 AC a 724, mas suas mensagens não são datadas com precisão, e por isso é difícil vinculá-las a eventos específicos.

Ele começou seu ministério durante o reinado de Jeroboão II, uma época de extremo sucesso econômico para o rei e o país, mas a riqueza só atingiu os estratos mais altos da sociedade. Os ricos ficaram mais ricos e os pobres ficaram mais pobres. Era, portanto, uma época de extrema injustiça econômica, social e jurídica. De acordo com Oseias, o povo de Israel concedeu suas riquezas a falsos deuses que eles adoravam ao mesmo tempo pensando que o Deus da Bíblia manteria sua lealdade a eles. A história do casamento e da família de Oseias serve, portanto, como uma alegoria para a condição espiritual do país, terminando com o fato de que Oseias nem era pai do terceiro filho de sua esposa. Sua fidelidade a ela e sua agonia de coração representavam para ele o amor de Deus para com seu povo, apesar de sua infidelidade a ele.

O tempo de seu ministério viu enormes mudanças no nível político primeiro, e depois no nível econômico. Infelizmente, não houve mudança espiritual nos corações e práticas do povo de seu país, apesar de seu ministério longo e difícil. No entanto, o fato de termos este livro indica que alguns israelitas se voltaram para o Deus de Israel, e as mensagens de Oseias foram preservadas pelo povo de Israel que se refugiou em Judá após a invasão da Assíria e a destruição total de Israel como estado político.

Após a morte de Jeroboão II, houve 6 reis em Israel por um período de 10 anos, devido às intrigas da corte e à situação política internacional. O império da Assíria começou a crescer para o oeste, engolindo país após país, povo após povo, destruindo completamente estados e culturas. Israel e Síria criaram uma aliança para se defender contra a Assíria, mas não conseguiram criar uma aliança ampla e ampla o suficiente para fazê-lo. Israel foi, portanto, completamente destruído como nação. A capital de Samaria, no entanto, tornou-se um centro administrativo para o império da Assíria, e assim permaneceu para os outros impérios que se seguiram até o tempo de Jesus e até mais tarde. A maioria dos cidadãos de Israel foi engolida pelo império e a história perdeu o contato com eles. Vários conseguiram se refugiar em Judá durante o reinado de Ezequias, tornando a vida ainda mais difícil em Jerusalém com tantos refugiados dependentes da ajuda dos cidadãos de Judá.

Deus ia deixar seu povo ir, mas prometeu resgatá-los mais tarde, mas sem que passassem por um período difícil de purificação.

Lição 8: Folha de Explicações—Miqueias

Sabemos muito pouco sobre Miqueias. Tudo o que sabemos encontra-se no primeiro versículo de seu livro, e nas atitudes expressas em sua pregação. Miqueias vinha de um território pobre e rural ao sul de Judá, fato que também fica evidente em suas mensagens, principalmente as que condenam a decadência da vida nas cidades, principalmente em Jerusalém. Não se sabe se ele veio de uma família de agricultores com uma vida mais ou menos confortável, ou se ele veio de uma camada inferior da sociedade cujos problemas suas mensagens destacam.

As datas exatas de sua vida ou ministério são incertas, mas este último ocorreu em algum momento entre 740 AC e 687 AC com a maioria de suas mensagens durante o último trimestre do 8.° século a.C.

Suas mensagens parecem refletir a destruição de Israel e ele reconhece que o mesmo acontecerá com Judá. Como e quando não está claro para ele, mas as pessoas serão libertadas. A profecia de Belém como o local de nascimento de um futuro rei não apenas aponta para um julgamento contra Jerusalém (o local de nascimento de todos os reis desde o nascimento de Salomão) e o atual rei, mas também um lembrete de que os primeiros reis de Israel eram o povo comum, pastores que conheciam a pobreza e os problemas da vida cotidiana que uma família deve enfrentar. É um chamado para um novo Davide.

O fato de ele usar o título Israel pode indicar que essa mensagem data de depois da destruição de Israel. Antes dessa época, este título se referia ao estado do reino do Norte, contrário a Judá, o reino do sul. Caso contrário, a profecia indica que, de acordo com Miqueias, haverá novamente um estado representando todo o povo de Israel.

Lição 8: Folha de Explicações—Zacarias

Zacarias foi um dos dois profetas que ministraram durante as primeiras décadas da restauração de Israel após o exílio na Babilônia. O zelo inicial que os primeiros sobreviventes mostraram não durou muito, e a dificuldade do trabalho e a pobreza que sofreram logo os desencorajaram. Além disso, a maioria dos judeus permaneceu na Babilônia. Eles obedeceram à carta de Jeremias e contribuíram bem para a vida nesta cidade e seus arredores. Muitos, portanto, não tiveram a visão de um renascimento do reino de Davi. Eles mantiveram sua fé em Deus, sua fidelidade à sua palavra e sua cultura judaica. E para eles, a vida não era ruim. O livro de Neemias e Ester mostra que havia judeus na mesma corte e em muitos níveis sociais na cidade.

Não se sabe muito sobre a pessoa de Zacarias, além do fato de que ele era membro de uma família sacerdotal. O resto deve ser reconstruído a partir das mensagens do seu livro. Sua mensagem era principalmente uma mensagem de encorajamento, que dizia que os esforços das pessoas trariam um futuro glorioso.

As mensagens de Zacarias tomaram a forma de visões mais ou menos alegóricas, cujo significado ele explica. Assim como a obra de seu contemporâneo Ageu, a de Zacarias enfatizou a importância de completar a obra do templo para reiniciar o culto antigo e para que Deus pudesse se manifestar novamente em Sião (o monte em Jerusalém sobre o qual o templo é construído) quando os fiéis vêm adorá-lo.

Mas o encorajamento que Zacarias acrescenta a esta mensagem é que Deus iria manifestar sua glória de outras maneiras também a esta nova Jerusalém que parece tão pequena e tão pobre, com a chegada de pessoas de todas as raças para adorar o Senhor e que enviarão suas riquezas como oferendas. E, eventualmente, mesmo que naquele momento eles se encontrem sob o jugo não muito severo da Pérsia, Deus também restabelecerá seu legítimo rei.

Observação. Zorobabel era o herdeiro do trono de Davi. Ele estava vivo na época de Zacarias e tinha uma posição de importância em Judá na corte da Pérsia. Mas as profecias de Ageu e Zacarias parecem indicar que Zorobabel não é aquele que Deus havia prometido como o futuro rei de seu povo que restauraria o trono de Davi.

O livro de Zacarias é dividido em duas seções: 1-8 e 9-14. As duas são tão diferentes que a maioria dos estudiosos conservadores concorda que, se escritas pela mesma pessoa, as duas seções representam dois períodos diferentes em sua vida e duas maneiras completamente diferentes de enquadrar as mensagens. Outros estudiosos veem a possibilidade de que os capítulos 9-14 tenham sido escritos por outro profeta não identificado. Os editores dos profetas menores sempre mantiveram o número de 12 profetas neste rolo, e o trabalho, portanto, desse desconhecido foi anexado ou ao de Zacarias ou ao de Malaquias (já um profeta desconhecido – Malaquias não tendo um nome pessoal, mas apenas o título "meu mensageiro").

Lição 8: Ajuda para controlar o trabalho em grupo

Estas páginas destinam-se ao professor como uma ajuda para controlar a discussão que resulta do trabalho em grupo – a atividade principal desta lição.
A primeira coisa a notar para todas as passagens escolhidas é que, em princípio, quando Mateus cita um oráculo profético ele quer dizer toda a mensagem do profeta de acordo com o sentido dos tempos do profeta, mesmo que ele cite apenas um único versículo. Mateus espera que seu público reconheça o significado de todo o oráculo. Nossa interpretação do que Mateus faz com essas citações também deve lidar com o oráculo como um todo.

Isaías 7. 10-16

Este oráculo é dirigido ao rei Acaz em seu tempo, e aborda a situação descrita na folha explicativa, a invasão siro-efraimita. Ele aborda um período de duração normal de uma gravidez – nove meses. O oráculo de fato diz que haverá uma reviravolta na situação nos nove meses que se seguirão, e as jovens mães reconhecerão que foi somente pela graça e pela presença de Deus que elas foram salvas. E eles anunciaram sua gratidão dizendo: "Emanuel, Deus estava connosco. Este oráculo, portanto, viu seu (primeiro) cumprimento durante os nove meses seguintes à sua pronúncia.
Mateus retoma a mesma ideia. Desta vez não é a duração de uma gravidez, mas a duração do ministério de Jesus. A melhor maneira de descrever esse tempo era dizer: "Deus estava connosco. Mas Mateus queria ainda mais, que em Jesus vemos a presença do próprio Deus, porque Jesus, filho de Deus, era Deus.

Miqueias 5.1-5

Miqueias viu a destruição de Israel (país do Norte) como uma visão do que também aconteceria com Judá. De acordo com o último versículo do capítulo 4, a Assíria já havia sitiado Jerusalém. Miqueias não predisse a salvação de Jerusalém naquela época. Ele só pregou uma restauração depois de um período de exílio em algum lugar, sem especificar o conquistador. Esta mensagem trata de um período do futuro, sem especificar nem a duração do meio-termo.
Este oráculo condena Jerusalém e o atual rei por sua ignorância e sua apatia pela situação dos pobres em seu país. A esperança de Judá, portanto, não virá de um rei nascido em Jerusalém, mas de um nascido em Belém, alguém que vem do povo.
O problema com esta profecia é encontrado no versículo 5, a vitória sobre a Assíria e a paz que se seguiria. Houve um breve período de paz durante o reinado de Ezequias, com até mesmo uma vitória sobre a Assíria, mas somente pela obra de Deus. O longo reinado de Manassés não pode ser visto como o

cumprimento desta profecia por causa de sua idolatria. O povo de Judá ainda podia ver o reinado de Josias, filho de Manassés, como a conclusão desse oráculo, por causa da restauração da terra, do reavivamento espiritual e de um período durante o qual a Assíria não mais ameaçava. O povo daquele tempo, no tempo da juventude de Jeremias, poderia, portanto, ter visto o início da conclusão deste oráculo, e para eles isso teria sido suficiente.
Mateus, ao citar este texto, reconhece que mesmo os judeus de seu tempo reconheciam que nenhum dos antigos reis mostrou o cumprimento deste oráculo, e que a esperança do povo ainda permanecia insatisfeita. A interpretação desta vez é literal em relação ao local de nascimento.

Oseias 11.1-7
Oseias fala ao seu povo sobre a terra de Israel em seus dias. Ele lhes diz que foi o Deus Altíssimo que os libertou do Egito, e ele ainda usa o título "meu filho" para indicar que relacionamento Deus teve e quis ter com eles desde o início de sua existência. Ele fez tudo como pai, mas seu povo não o reconheceu como pai, nem como digno de sua adoração. Seu povo parece mais um filho pródigo.
Mateus cita o primeiro versículo como uma forma de ligar a fuga de Jesus para o Egito com uma palavra do Antigo Testamento. Mas deve-se notar que, como outras passagens que Mateus cita, Mateus quer manter o significado original deste oráculo. Jesus, sim, é um filho de Deus, mas Israel também é. O problema para Mateus e para sua audiência é que o judaísmo em seus dias age da mesma forma que Israel nos dias de Oseias. Mateus, portanto, citando o versículo 1 desta passagem também quer que esses ouvintes ouçam o versículo 7. O judaísmo de seu tempo se distanciou do Eterno e não o exaltou. Os cristãos a quem Mateus se dirige não devem retornar ao judaísmo de seu tempo, apesar das forças de persuasão que ele usa contra eles.

Isaías 11.1-10
Aqui encontramos um oráculo mais ou menos paralelo ao de Miqueias citado acima. Fala de um período de paz inconcebível segundo a situação atual da vida de Judá nos tempos de Isaías, e de avivamento espiritual. Obviamente, essa profecia suspeita de uma rutura na história de Israel, um período em que não haverá rei da linhagem de Davi (Jessé foi o pai de Davi). Tanto Isaías como Miqueias predisseram este período. Ambos também previram a restauração do trono de Davi por um rei que, como Davi, seguiria a lei de Deus e a ensinaria.
Os editores dos Livros dos Reis viram em Josias o (primeiro) cumprimento deste oráculo na forma como descrevem seu reinado. Dizem que ninguém além dele teve seu coração para servir a Deus como Davi, e que ele não se desviou da lei, nem para a direita nem para a esquerda. Houve um período de avivamento e paz, embora o território ainda estivesse ocupado pelos assírios. Josias, era apenas uma criança e até uma criança escondida para não ser morto, "um galho que saiu do tronco de Jessé.»

Mateus cita o versículo 1 deste oráculo por um jogo de palavras e um jogo de situação. Jogos de palavras em torno da palavra "filhote" que em hebraico é *ninho* pronunciado como uma pessoa que vem de Nazaré - nazar. Se somarmos o desprezo dos judeus contra os "nazarés", expresso no Novo Testamento por Natanael em João 1.46 (pode vir alguma coisa boa de Nazaré?), vemos que Mateus liga a palavra nazareno com a palavra "descendência". Novamente, Mateus aplica todo o oráculo a Jesus. O cumprimento dos versículos 3-5 e 11 é parte do que Mateus tenta mostrar em seu evangelho.

Zacarias 9.9-12

Claro, aqui temos uma profecia messiânica, a chegada do rei de todo o povo de Israel, não importa onde eles estejam. A referência particular é aos israelitas que ainda habitam na Babilônia e na Pérsia. O rei que aparecerá em Jerusalém também será o rei deles. O interessante aqui é que os objetos que serão destruídos são armas que pertencem à terra de Judá e Israel, e não de um inimigo. A paz virá porque, finalmente, Israel terá paz dentro de si.

Mateus cita este texto no momento da entrada de Jesus em Jerusalém no Domingo de Ramos. Este evento parece ter sido encenado pelo próprio Jesus como uma demonstração de quem ele é e de seu papel na história de Israel. Mais uma vez, Mateus pensa em todo o oráculo. O versículo 11, em particular, fala da aliança de sangue, que aconteceria em poucos dias. Os versículos 11 e 12 de sua pena falam em particular aos judeus que ainda estão procurando seu messias, e aos crentes que são tentados a deixar sua fé para retornar ao judaísmo.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor

Lição 9: Revelação — imagens reveladoras

Explicação Preliminar

No curso de Introdução ao Novo Testamento, apresentamos o livro do Apocalipse como um exemplar do gênero apocalíptico, com algumas diferenças. O autor se declara uma pessoa conhecida da época, e dirige aos seus contemporâneos uma mensagem que trata de seu tempo e de sua situação.
Vamos repetir um pouco essa ideia do gênero apocalíptico. Mas o ponto aqui é como interpretar este livro. Vamos sublinhar o fato de que para este livro, acima de tudo, é necessário fazer exegese. E a regra das exegeses que usamos até agora ainda é válida: uma passagem não pode ter um significado para nós que não tinha quando foi escrita.
Esta lição vai contra várias fontes que tratam o apocalipse simplesmente como um livro que apenas prediz os eventos da volta de Jesus nos tempos atuais. Assim, os alunos devem aceitar o desafio de tratar este livro da maneira como João o escreveu, e não da maneira bastante popular. Sempre será preciso lembrar que a série de livros do escritor Tim LaHaye sobre a volta de Jesus, uma série baseada, segundo ele, no apocalipse, é pura ficção.

Curso da lição

Esta lição tem apenas três componentes principais: o material didático; uma descrição do que um apocalipse revela; trabalho em equipe. O segundo item será incorporado ao primeiro item da questão nº 2 do livro de exercícios sobre os três gêneros deste livro. As instruções para trabalhar em grupo são dadas no livro de exercícios. Você pode, no entanto, precisar ajudar os alunos a entender as perguntas e como encontrar as respostas no texto bíblico.

Além disso, como esta é a última aula do curso e os alunos já estão preocupados com o próximo exame, provavelmente será necessário tempo para resumir o outro material deste curso. E também haverá lição de casa para concluir para as outras lições.

LB 103 Interpretação Bíblica
Instituto Teológico Nazareno
Caderno do Professor
Lição 9: Revelação — imagens reveladoras

Apresentação: o Apocalipse, livro único, como lê-lo e interpretá-lo

Introdução

Os autores do livro "O Mundo da Bíblia" nos contam (na página 107). Este livro "anuncia a vitória final de Jesus Cristo sobre todos os inimigos de Deus. Eles continuam: "Em todas as épocas, a mensagem da soberania de Deus encorajou e consolou cristãos perseguidos. Seus adversários tinham grande poder, mas seus dias estavam contados. Na última visão, o Cristo vitorioso aparece em toda a sua glória. Seus seguidores foram justificados, o Mal aniquilado.»

A palavra "justificado" aqui não reflete uma doutrina de salvação que apresenta justificação diante de Deus por meio do sofrimento. Aqui "justificado" não significa que os cristãos estejam certos, apesar de tudo o que sofreram nas mãos dos inimigos de Deus.

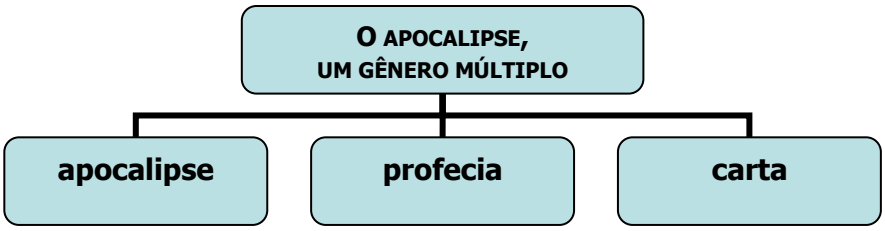
Este livro apresenta uma série de visões ou imagens que revelam não só a soberania de Deus, mas também sua ação vitoriosa em relação aos seus, especialmente em tempos de perseguição quando os fiéis sentem apenas a soberania de forças políticas nocivas. De fato, ao longo da história cristã, este livro serviu (e ainda serve) como a principal fonte de encorajamento para os perseguidos. Por outro lado, em lugares onde a perseguição não é sentida, este livro torna-se bastante incompreendido e mal interpretado.

I. Pontos importantes do capítulo 13 do livro de texto (Consulte o livro de exercícios para perguntas a serem cobertas.)

No final da página 225, os autores dizem: "Ninguém deve se aproximar do Apocalipse sem uma medida saudável de humildade! Já existem muitos livros de "revelação simplificada". Na verdade, não é simples. A primeira regra antes de todas as outras coisas, quando se trata de interpretar este livro e fazer exegese. Não se pode interpretar este livro sem saber como os leitores originais o entenderam.

A. O livro do Apocalipse é uma combinação de quais três tipos de literatura? [*Questão 2 do livro de exercícios*]

No livro de exercícios, os alunos encontrarão este diagrama deste livro. Devem preencher as três caixas vazias com os três gêneros literários citados no texto.



B. O que é um apocalipse? [*Problema 1*] Quantos eram?

Já estudamos o último tipo: profecia e carta. Mas agora temos que ver o que é um apocalipse.
De acordo com o texto, os judeus conheciam cerca de 10 apocalipses escritos entre 200 AC e 200 DC. O texto nos dá uma lista de cinco características de um apocalipse que precisamos observar. Citaremos todos eles e, em seguida, apresentaremos um aprofundamento em cada ponto.

1. Nascido na perseguição, um apocalipse se preocupa com o futuro julgamento de Deus e a salvação de seu povo da situação em que vive. Para descrever esse julgamento, o apocalipse usa a linguagem de um fim violento para a história.

2. Um apocalipse foi uma obra escrita desde o início, não uma proclamação oral, como as profecias do Antigo Testamento. O mensageiro de Deus dá a ordem ao escritor para escrever. E as mensagens formam um livro.

3a. A mensagem está escondida em visões e/ou sonhos com linguagem enigmática (*meios enigmáticos, escritos em um código secreto, que obviamente deve ser de criptografado*) e simbólico.

3b. Várias características dão ao apocalipse o ar de ser muito antigo. O escritor escolhe um nome pouco conhecido do Antigo Testamento como aquele que recebeu as visões. Isso é chamado de forma de pseudônimo – usar o nome de outra pessoa como autor. O "futuro" referido pelo personagem do passado (o pseudônimo), é, portanto, na realidade, o presente do verdadeiro autor do livro. O Apocalipse de João no Novo Testamento não tem essa característica. Ela não parece velha. Jean vive na época de seus discursos, e o futuro que ele descreve fala a eles como seu futuro, e muito mais como seu futuro próximo.

4. As imagens muitas vezes têm formas fantásticas em vez de reais, às vezes a própria coisa, às vezes por uma combinação sobrenatural de elementos que não combinam.

5. Há uma tendência de dividir o tempo e os eventos em pacotes numerados de dígitos significativos na cultura judaica - 3, 7, 10, 12, 40, mil - ou combinações

ou múltiplos deles: 24 e 120 são múltiplos de 12; 3 ½ é um múltiplo de 7 (metade); 120.000 é uma combinação de 120 e 1.000. Nossos autores nos lembram que às vezes não são os elementos individuais que apresentam a mensagem, mas toda a série (*como uma parábola, onde a mensagem está na reação à sua totalidade e não em cada elemento da história.*)

C. O Apocalipse de João como profecia.

Profecia significa uma palavra de Deus para seu povo que aborda sua situação atual. Sendo, porém, profecias, as mensagens também podem abordar outras situações semelhantes em períodos futuros. Embora Apocalipse de João aborde a perseguição na Ásia Menor no final do primeiro século, a palavra de julgamento e salvação é válida em todos os períodos da história da igreja.

D. Apocalipse como epístola.

Todas as características de uma carta estão presentes, e a mensagem é dirigida a comunidades cristãs conhecidas e bem definidas na obra.

II. o Apocalipse como revelação

A. A primeira característica mencionada foi que o apocalipse nasceu na perseguição e/ou opressão. Os autores do texto acrescentam que esse gênero pouco interessa à atividade de Deus na história. De fato, durante um tempo de opressão ou perseguição, não se vê a atividade de Deus na situação. Vemos apenas a do opressor. Isso não significa que Deus não está trabalhando. Ele ainda está ativo. O apocalipse afirma, sobretudo, que nosso universo foi construído com dois níveis de existência: o nível da história humana, ligado implacavelmente à passagem do tempo com eventos que se sucedem; e o nível sobrenatural, que os homens não podem habitar, e onde a sequência de eventos é muito mais fluida no que diz respeito à ordem cronológica. Um apocalipse tenta, por meio de imagens sobrenaturais, mostrar a atividade de Deus em um nível sobrenatural, porque a atividade de Deus em tais tempos está apenas lá. *Você pode ilustrar essa ideia no quadro desenhando duas linhas horizontais paralelas uma à outra. Chame um de "história humana" e o outro de "mundo sobrenatural".*

Através de visões, imagens bizarras, etc., o escritor tenta nos fazer ver a atividade de Deus no nível do mundo espiritual em vez do nível da história humana. Não podemos entender esse nível do universo e, ao que parece, escrevê-lo a partir de um apocalipse é, portanto, forçado a usar o que podemos entender para imaginar o que não podemos. Ele mistura esses elementos de forma bizarra para indicar que este mundo tem qualidades que podemos entender, mas que existem coisas que não podemos entender em nossa finitude de vida. Além disso, há ligações entre os dois mundos. O Apocalipse de João

presume que existe um pacto entre Roma, o perseguidor do tempo, e o maligno. *Ilustre essa ideia com uma seta vertical entre as duas linhas em direção a uma das duas extremidades. E diz* "Assim como Deus não habita nosso mundo, mas exerce seu poder e graça nele, o diabo também pode fazê-lo, se os homens fizerem conexões com ele.

Durante um tempo de extrema perseguição, o fiel, para se manter fiel, precisa de uma palavra de encorajamento de que Deus sabe o que está acontecendo e que Ele é ativo na resposta à situação, mesmo que demore. Mas, de acordo com um apocalipse, a opressão e a perseguição não são simplesmente eventos políticos ou religiosos. Eles são parte da atividade maligna que está acontecendo no nível espiritual do universo, e Deus ainda está trabalhando. O problema deve ser resolvido no nível espiritual antes de ser resolvido no nível da história.

Como esta é uma batalha espiritual, a linguagem é violenta. É verdade que o apocalipse usa a linguagem de um fim da história, mas o resultado da atividade de Deus é acabar com a situação que os leitores enfrentam. O apocalipse não revela necessariamente a maneira visível em que as situações terminarão. No entanto, assegura-nos que haverá uma vitória definitiva e que a situação chegará ao fim, ainda que a história humana continue com outras manifestações da intervenção de Deus a este nível.

O livro de Daniel abordou a situação sob o domínio da Síria no 3° e 2° séculos aC A vitória no nível espiritual está completa no livro, mas Daniel não viu a revolta dos Macabeus como uma atividade de Deus no nível da história. O Apocalipse de João anuncia a vitória final e um julgamento sobre a cidade de Roma, por uma vitória total contra Satanás e seu mensageiro. O Apocalipse não tinha ideia de que no nível da história humana, Deus usará a conversão do imperador (embora seja uma conversão de conveniência), para acabar com a perseguição aos cristãos.

A primeira característica está, portanto, intimamente relacionada à terceira no que diz respeito à linguagem simbólica.

B. A segunda e característica (que um apocalipse é uma obra escrita desde o início) e também bem ligada à terceira, no que diz respeito ao sentido de que a obra é muito antiga. Para os judeus, os textos inspirados eram muito importantes, e eles os guardavam com cuidado. Como texto, um apocalipse pode parecer ter uma certa idade, especialmente se tiver o nome de um sábio de uma história distante. No entanto, todos sabiam que essa característica do apocalipse era apenas um elemento literário. Apenas Daniel e Apocalipse foram recebidos como divinamente inspirados, porque a comunidade dos fiéis julgou que foram escritos pela pessoa nomeada como autor: Daniel e João.

O Livro de Daniel (*lembrar aos alunos que, de acordo com os judeus, o livro de Daniel não está entre os livros dos profetas*) ainda mostra a característica de pseudônimo — Daniel é mencionado apenas uma vez no Antigo Testamento, na profecia de Ezequiel como um dos três homens sábios e fiéis a quem Ezequiel se

refere. Este Daniel viveu em 6° século aC enquanto o livro aborda a situação da época de Antioquia IV da Síria 3 séculos e meio depois, e provavelmente data dessa época. Daniel fala da batalha espiritual e da vitória que se seguirá. Mas ele não prevê como a situação será resolvida no nível da história humana.

C. Em relação à linguagem simbólica, até mesmo Jesus usou esse tipo de linguagem quando ensinou aos discípulos sobre a destruição do templo e de Jerusalém em Marcos 13. Essa passagem é chamada de "pequeno apocalipse". Um estudo recente mostra que a linguagem do sol, da lua e das estrelas já era no tempo de Jesus usada como linguagem simbólica para se referir aos líderes dos judeus. Portanto, não é necessário interpretar esta passagem em Marcos 13 como o fim da história humana e o retorno de Jesus. Pode ser uma visão que mostra que Jesus estará trabalhando neste tempo de calamidade. Como este é um apocalipse, muita cautela e humildade devem ser exercidas ao interpretá-lo.

III. Continuação dos pontos importantes do livro texto

A. A necessidade de exegese ao lidar com o Apocalipse de João. [*pergunta 3*]

Nas páginas 229 a 236 os autores do texto citam pontos muito importantes sobre a necessidade de exegese deste livro antes de tentar interpretá-lo. Vamos repetir alguns aqui.

1. Como em outros textos, a interpretação do Apocalipse não deve se desviar da intenção do autor ou da compreensão de seus leitores. Qualquer coisa que os cristãos do primeiro século não pudessem entender é uma interpretação suspeita.
2. Sendo profecia, deve-se permanecer aberto à possibilidade de um segundo sentido em certas passagens, mas sempre de acordo com o ponto número 1.
3. As chaves para interpretar imagens ou símbolos são encontradas somente neste livro. Insistir em uma chave que vem de outro livro bíblico como 1 ou 2 Tessalonicenses, ou Marcos 13 e passagens paralelas ou mesmo alguma profecia do Antigo Testamento ainda tornará suspeita a interpretação que se dá.
4. Muito cuidado deve ser tomado na interpretação das imagens, que é a parte mais difícil deste livro; a) algumas imagens vêm de fontes que não conhecemos; b) alguns são claros, outros são mais ou menos gerais; c) manter as interpretações que João dá quando o faz; d) trate as visões como você trata uma parábola – veja-a como um todo e não necessariamente as partes individuais.
5. A intenção de um apocalipse NÃO É UMA DECLARAÇÃO DETALHADA DO FUTURO.

B. Contexto Histórico [*pergunta 4*]

(Neste momento, faça a pergunta aos alunos para que eles respondam à pergunta nº 4 da cartilha)

Respostas
Geografia: a carta é dirigida às sete igrejas da Ásia Menor. (Neste período de tempo, os governantes romanos e cidadãos desses lugares tentaram mostrar sua lealdade a Roma pela estrita observância das leis romanas, incluindo a adoração de César como um deus.)

Política: "Igreja e Estado estão colidindo, e a vitória inicial parecerá pertencer ao Estado.»

Social: perseguição à igreja, sofrimento, apesar de seu nível de posição.

Outros: Observe a distinção entre as duas ideias "tribulação" e "ira". A tribulação toca a igreja, mas não indica a ira de Deus contra a igreja. De forma alguma. A ira virá de Deus contra os inimigos de seu povo.

IV. Maneiras clássicas de interpretar o Apocalipse [*pergunta 5*]

Existem quatro formas clássicas ou escolas de interpretação deste livro.

A. A primeira maneira de interpretar este livro é chamada de "preterística". Esta palavra vem da palavra pretérito que significa uma forma do verbo igual ao passado simples. Uma leitura "preteriste" do Apocalipse interpreta as visões como eventos que aconteceram na vida da igreja no final do primeiro século, e que nada fala do futuro deles ou do nosso.
Do lado positivo, essa interpretação leva a sério o fato de que o Apocalipse é um livro que fala diretamente ao primeiro século e que os ouvintes entenderam a maior parte do que está escrito ali. Do lado negativo, esta leitura não consegue encontrar explicações adequadas para várias das imagens que parecem verdadeiramente do futuro segundo o primeiro século. É bastante evidente que, embora muito tenha sido realizado nos primeiros séculos da Igreja, ou mais tarde, ainda não foi concluído.

B. A segunda leitura é chamada de "histórica". Essa leitura do apocalipse interpreta o número sete (7) literalmente e aplica todas as partes do livro que possuem sete elementos de acordo com sete períodos da história da igreja entre os tempos de João e a volta de Jesus.
Do lado positivo, essa interpretação leva a sério o fato de que este livro se apresenta como uma profecia, ou seja, os eventos descritos podem ser aplicados

a mais de um evento histórico. Além disso, essa leitura ressalta o fato de que Jesus pode retornar a qualquer momento significativo, e provavelmente o fará muito em breve. Do lado negativo, essa posição não considera a realidade do simbolismo dos números como um elemento necessário do gênero. Acima de tudo, negligencia o fato de que, no nível sobrenatural de nosso universo, a cronologia dos eventos não é muito importante. Jesus, por exemplo, no nível sobrenatural, é o cordeiro morto antes da fundação da terra.
É curioso notar que há pelo menos 13 séculos existem estudiosos que leram o Apocalipse dessa maneira. Ninguém concorda com a definição ou divisão dos sete períodos da história da igreja. No entanto, todos eles, em qualquer século em que vivem, concordam que vivem no último período da história e que Jesus voltará em poucos anos. A mensagem deste livro, portanto, é que Jesus agirá em breve para acabar com o sofrimento de sua igreja.

C. A terceira maneira de ler este livro é chamada de leitura "futurista". Por esta leitura, todos os eventos simbolizados no livro terão seu cumprimento ainda no futuro, e nada ainda está cumprido.
Do lado positivo, esta leitura responde ao problema da primeira leitura dada acima, de que existem eventos simbolizados aqui que ainda não aconteceram. Diz-se que esta leitura protege a qualidade da profecia proclamada por este livro.
Do lado negativo, esta leitura ignora a qualidade futura da profecia que requer conclusão no futuro próximo do tempo do profeta para saber que ele é verdadeiramente um profeta. Tampouco considera que, para ser incluída no cânon das Escrituras, a igreja teve que observar o lado do cumprimento para se assegurar de que é a palavra de Deus. Se nada for realizado, não é a Palavra de Deus.
Deve-se acrescentar que esta leitura negligencia até mesmo o propósito do autor do livro: uma palavra de encorajamento em seu tempo àqueles que sofreram a perseguição romana.

D. A quarta maneira de ler este livro é chamada de leitura "idealista". Aqueles que apresentam esta leitura dizem que o Apocalipse não fala de eventos, nem no passado, nem no futuro; que os símbolos apenas descrevem temas teológicos e sociológicos na vida da igreja.
Do lado positivo, essa leitura leva a sério o fato de que a linguagem de um apocalipse é simbólica, quase alegórica, e que uma interpretação do livro não deve ir além do propósito para o qual o livro foi escrito.
Do lado negativo, visto que a profecia permite a possibilidade de vários cumprimentos de uma mesma mensagem, de formas diferentes, considerar todos eles como temas apenas não atende à necessidade apresentada pelo gênero.

Conclusão: Uma melhor leitura deste livro sempre começa com uma boa exegese do livro em seu contexto histórico, e as explicações dos textos nesse contexto. A

partir daí, com humildade, o intérprete deve determinar qual dessas interpretações faz melhor passagem a passagem. O intérprete deve estar preparado para ver qualquer uma ou várias dessas leituras possíveis, mas para determinar os níveis de probabilidade de cada uma.

V. Sugestões de como interpretar o Apocalipse de João (pergunta *6*]

1. Visões e símbolos são imagens, não realidade. O sangue das narinas dos cavalos não deve ser entendido literalmente. Nem uma arma em forma de gafanhoto.

2. O fato de Apocalipse dizer que algo definitivamente acontecerá, não significa que acontecerá em breve. Certo não significa necessariamente cedo.

3. O elemento "ainda não" escrito no primeiro século ainda não equivale a "ainda não" em nosso tempo. 1900 anos se passaram nesse ínterim. Certas coisas, é claro, já foram realizadas.

4. Não usa chaves interpretativas que vêm de fora do Novo Testamento.

5. Algumas das imagens são verdadeiramente "escatológicas", isto é, falam de coisas definitivas na volta de Jesus. Mas nem todas as imagens são desse tipo.

Instituto Teológico Nazareno
LB 103 Interpretação Bíblica
Maio de 2005, Abidjan

Exame final

_____Instruções

1. Use o espaço fornecido nestas folhas para escrever a resposta (você pode usar o verso das folhas para continuar.)
2. Siga as instruções específicas nas diferentes seções deste exame.
3. Sinta-se à vontade para usar sua Bíblia para perguntas que introduzam referências bíblicas.

I. O Método Indutivo de Leitura e Interpretação da Bíblia.

1. O primeiro passo do Método é a oração, e os materiais do curso mencionavam três pedidos de oração: "compreensão do texto", "humildade para aceitar o que o Espírito Santo nos dá" e ". . . -- qual é este terceiro pedido de oração?

2. Por que é difícil dar um título a cada capítulo de Mateus?

3. O que dissemos na aula sobre por que Mateus escreveu esse evangelho? Escolha entre essas duas ideias: *Sublinhe a letra da resposta correta.*

no. Ele queria convencer os judeus não crentes a se converterem;
b. Ele queria encorajar os judeus crentes a não se afastarem de sua fé em Cristo.

4. Segundo a professora, qual é a relação estrutural indicada em Mateus 5.1 e 8.1? *Escolha UM dos quatro relacionamentos a seguir: (Você pode usar sua Bíblia.)*

no. repetição
b. comparação
c. inclusão
d. resumo

5. Ezequiel ministrou em que período da história de Israel?

6. Quando o Novo Testamento usa as três palavras "Moisés, os profetas, os Salmos" juntas, o que essas palavras dizem sobre o Antigo Testamento?

7. A professora apresentou uma série de tópicos incluídos na categoria de questões geográficas e históricas. Além de pura história e geografia, dê outro assunto abordado nesta categoria.

8. Escreva um dos quatro passos no processo de encontrar a "validade eterna" de um determinado texto.

9. O que é correlação informal?

10. Crítica textual: dê um exemplo de uma variante nos manuscritos gregos do Evangelho segundo Mateus. Como essa variante poderia ter sido introduzida no texto?

II. Características peculiares aos diferentes gêneros da Bíblia.

11. Qual dos três níveis de narrativa é representado pelos treze capítulos de Gênesis que tratam do relato de José?

Para as próximas duas perguntas, escolha a resposta correta na lista a seguir :

no. egípcios D. assírios

b. cananeia e. babilônios
vs. Filisteus f. persas

12. De que povo os israelitas aprenderam o comércio marítimo? *Escreva a resposta correta aqui.*

13. Quais pessoas mais influenciaram os israelitas a cair na idolatria?

14. O que queremos dizer com a frase "o pano de fundo histórico de um escritor do evangelho"?

15. Dentre os agrupamentos de judeus do tempo de Jesus, quem eram os liberais, ou seja, quem introduziu novas doutrinas no judaísmo?

16. O que queremos dizer com a frase "um ponto de virada inesperado" quando se trata de uma parábola?

III. Atividades de sala de aula *Use sua Bíblia para as questões 17 – 19.*

17. De Mateus 1.1 - 4 16, faça uma pergunta geográfica que diga respeito a um ou mais parágrafos desta divisão do livro.

18. Leia Lucas 11.51-56. Que frase ou frases indicam que Lucas está começando uma nova divisão de seu livro neste ponto?

19. Quais são os pontos de referência na parábola encontrada em Marcos 12:1-12?

20. SEM ABRIR A BÍBLIA, escreva 2 Timóteo 2.15

Instituto Teológico Nazareno
Africa Francófono

Relatório do Curso de Treinamento
Relatório do Curso Educacional

Distrito:

Zona:

Centro:

Curso/Curso:

Nível/Nível: Certificado

Data:

Professor/Monitor:

Apelido Nome	Igreja Igreja				Nota final Marca final

Relatório financeiro

Distrito:

Zona:

Centro:

Curso/Curso:

Nível/Nível: Certificado

Data:

Professor/Monitor:

RECEBIDO (Recibos)

Recebido dos Alunos:
Recebido do Distrito / Recebido do Distrito:
Recebido do Campo (IBN):
Rec'd de outros: / Rec'd de : :

Subtotal (RECEBIDO):

DESPESAS (Despesas)
